

UNIVERSIDADE DO ESTADO DO AMAZONAS
ESCOLA SUPERIOR DE ARTES E TURISMO - ESAT
PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM LETRAS E ARTES

CAMILLA DOS SANTOS EVANGELISTA

**A PALATALIZAÇÃO DAS ALVEOLARES E VELARES
NO CONTEXTO DE /i/ NA FALA MANAUARA**

MANAUS

2018

UNIVERSIDADE DO ESTADO DO AMAZONAS
ESCOLA SUPERIOR DE ARTES E TURISMO - ESAT
PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM LETRAS E ARTES

CAMILLA DOS SANTOS EVANGELISTA

**A PALATALIZAÇÃO DAS ALVEOLARES E VELARES
NO CONTEXTO DE /i/ NA FALA MANAUARA**

Dissertação apresentada ao Programa de Pós-Graduação em Letras e Artes da Universidade do Estado do Amazonas como requisito para obtenção do título de Mestre em Letras e Artes.

Linha de Pesquisa: Linguagem, discurso e práticas sociais.

Orientador: Dr. Valteir Martins.

MANAUS
2018

Ficha Catalográfica
Tainá Rebelo
CRB – 11/1015

E92p

Evangelista, Camilla dos Santos.

A palatalização das alveolares e velares no contexto de /i/ na Fala Manauara. / Camilla dos Santos Evangelista. – Manaus: UEA, 2018.

140 f.: il.; 30 cm.

Dissertação (Letras e Artes) – Universidade do Estado do Amazonas, 2018.

Orientador: Prof. Dr. Valteir Martins.

1. Artes e Letras. 2. Classe natural dos sons. 3. Alveolares. 4. Velares. 5. Palatal. 6. Fala Manauara. I. Martins, Valteir (Orient.) II. Universidade Federal do Amazonas III. Título.

CDD: 372,62

TERMO DE APROVAÇÃO

CAMILLA DOS SANTOS EVANGELISTA

**A PALATALIZAÇÃO DAS ALVEOLARES E VELARES NO
CONTEXTO DE /i/ NA FALA MANAUARA**

Dissertação apresentada à banca examinadora, aprovada em 31/07/2018.

Doutor Valteir Martins

Membro da banca: Orientador

Doutora Silvana Andrade Martins

Membro da banca: Interno

Doutora Maria Sandra Campos

Membro da banca: Externo

Manaus, 31 de Julho de 2018.

Dedico este trabalho às forças energéticas do universo interior e do exterior que tornaram possível a minha caminhada até aqui.

AGRADECIMENTOS

Gratidão aos meus Deuses, em especial à Deusa-mãe, por me guiarem, pela proteção, bênçãos, forças, saúde e principalmente pela experiência de vida nesta dimensão.

À minha mãe, que, desde sempre, lutou com muito amor para que eu pudesse estar sempre estudando e me aprimorando intelectualmente. Gratidão por ter me dado o dom da vida.

Ao meu pai, que sempre foi o alicerce e o viabilizador de todas as experiências e demandas relacionadas aos estudos. Gratidão pela oportunidade de estudar nas melhores escolas e por nunca ter faltado o alimento da mente e do corpo.

À minha avó, que sempre foi minha inspiração de ser humano e que, desde pequena, me mostra como ter garra e força de vontade, como foi importante correr atrás dos seus objetivos sozinha e que ter alcançado a pós-graduação foi e é tão importante para toda a família. Gratidão pelo amor, carinho e que nunca tenha me faltado nada, até hoje.

Ao meu avô, que sempre foi inspiração intelectual para toda a família. Gratidão pelos ensinamentos, pela oportunidade de continuar nas melhores escolas, pelo curso de inglês e por nunca ter me deixado faltar nada.

Ao meu irmão, que, mesmo sem perceber, enche meu coração de amor e me dá forças de levantar todas as manhãs.

Ao professor Valteir, meu bondoso orientador, pela enorme paciência e zelo por mim e pelo nosso trabalho. Não tenho palavras para descrever minha gratidão. Muito obrigada pela transmissão de ensinamentos, não só acadêmicos, mas também de vida. Gratidão pela mão amiga e por guiar meus passos gentilmente até aqui.

À professora Silvana, minha querida orientadora do TCC, do começo dessa caminhada. Gratidão pelos infinitos ensinamentos e pela oportunidade dos primeiros passos e por me acompanhar até aqui.

À Alice por ser minha sementinha de amor materno e luz dos meus dias cinzentos.

À Renata, por, além de ser a implantadora da sementinha do amor materno, ter me ajudado desde o TCC, quando, gentilmente, me emprestou seu computador.

Ao Felipe, meu grande presente do universo nesse trecho final, quem segura minha mão todos os dias com carinho e amor e me lembra de que esse não é o final, mas o começo da nossa caminhada.

À Lanna, pela companhia na caminhada espiritual, me dando forças para chegar aqui.

À Beth Ghimel, por me guiar na caminhada espiritual, com carinho e amor, me ajudando a fortalecer meu campo vibracional.

À Gioavana, minha querida psicóloga, que a cada sessão me faz descobrir mais coisas maravilhosas sobre mim. Gratidão pela caminhada iluminada ao meu universo interior.

Ao Leandro Fajardo, meu psiquiatra, pelo auxílio com as poções mágicas que ajudaram a salvar essa vida nessa dimensão.

Ao Robson, pela ajuda incondicional no momento das entrevistas deste trabalho.

À Aimée e Larissa, pelo carinho, amizade, palavras amigas e pelos cafés maravilhosos.

À Larissa Rebecca, pela amizade e suporte emocional desde a infância.

A todos os amigos que me auxiliaram e participaram gentilmente das entrevistas desse trabalho, em especial Nathália e Murilo. Minha imensa gratidão.

À Karen, pelo apoio não só acadêmico, mas pessoal. Gratidão ser sua colega de mestrado.

À tia Augusta, Gabriel e em especial ao Vicente, que me acompanharam no começo desta caminhada, possibilitando terminar o TCC. Gratidão.

Ao Acácio, pela indicação dos materiais sobre a história da cidade de Manaus.

À Vanuza, por sempre cuidar e recuperar minha autoestima com êxito.

À Josi, pelas conversas sinceras e por todo carinho com que lidou comigo nos momentos de crise.

Ao Nicolas e à Patrícia por todas os conselhos para adentrar no PPGLA.

À Nathalie, pelo empréstimo do aparelho gravador para as entrevistas. Gratidão.

À Heliene por todo o carinho e atenção, inclusive pelo empréstimo dos livros para estudar para passar na seleção desse programa. Minha eterna gratidão.

À Genius Cabines, representada pela Bárbara, por proporcionar local e estrutura perfeitos para o cotidiano de um estudante, para que se possa estudar em paz e em ambiente confortável e aconchegante. Grata por todos os meses de estudos na cabine.

Aos professores da UEA, grandes mestres que passaram pela minha vida: Em especial à professora Juciane, que me permitiu expandir minhas experiências acadêmicas, desde a graduação até aqui no mestrado; ao professor Otávio, pela primeira experiência com turmas do ensino superior; ao professor Renato, por ter sido um coordenador excepcional na graduação; à professora Luciane, pelo carinho com que lida com as situações e com seus alunos.

À Daize, pela atenção e carinho com que lida com os alunos do PPGLA.

A todos os colegas que direta e indiretamente me ajudaram no decorrer dessa pesquisa.

À UEA, ao PPGLA e à CAPES pelo incentivo com a bolsa de estudos e por todo apoio para a realização desta pesquisa.

“É preciso, portanto, que a escola e todas as instituições voltadas para a educação e a cultura abandonem esse mito da ‘unidade’ do português no Brasil e passem a reconhecer a verdadeira diversidade linguística de nosso país para melhor planejarem suas políticas de ação junto à população amplamente marginalizada dos falantes das variedades não-padrão.”

Marcos Bagno, *Preconceito Linguístico – O que é, como se faz* (1999, p. 17-18)

RESUMO

A presente dissertação tem por objetivo investigar a realização fonética das alveolares /t/, /d/, /n/, /l/ e das velares /k/ e /g/ no contexto de /i/ na fala manauara, verificando o possível processo de palatalização desses fonemas. Trata-se de uma pesquisa de abordagem sociolinguística variacionista, no contexto da Fonologia Gerativa, que busca verificar uma classe natural dos sons na fala manauara entre as alveolares e velares, quando aproximadas da vogal palatal /i/; essa desempenha papel regente no processo de palatalização, sendo gatilho desencadeador de tal processo, independente das alofonias e neutralizações dos fonemas verificados. É examinado se esse processo de palatalização ocorre em qualquer posição na palavra e se há alguma variante social de gênero, idade ou grau de escolaridade que oriente essa ocorrência. A teoria que sustenta essa análise é a Geometria dos Traços Fonológicos, proposta por Clements (1985), a qual é representada por um sistema arbóreo, que analisa a estrutura interna dos sons da fala, evidenciando a maneira como esses sons interagem nos sistemas fonológicos. Como procedimentos metodológicos, foram pré-selecionados para o Questionário Fonético Fonológico (QFF), leitura de frases e textos, 118 vocábulos, divididos entre os fonemas estudados, em que ocorrem em contexto anterior a /i/, sendo: 20 palavras com /t/, 20 palavras com /d/, 24 palavras com /l/, 16 palavras com /n/ no diminutivo, 18 palavras com /l/ no diminutivo, 20 palavras divididas entre /k/ e /g/. Participaram da pesquisa 24 manauaras, provenientes de diversas partes da cidade, divididos entre: 12 do gênero feminino e 12 do gênero masculino; faixas etárias de 18 a 35 anos, 36 a 55 anos e 56 anos em diante; e níveis de escolaridade, sendo ensino fundamental e ensino superior completo ou não. Para a coleta de dados, o procedimento escolhido foi o de gravação de entrevistas individuais. Os dados foram transcritos foneticamente com a utilização do Alfabeto Fonético Internacional – IPA. Logo após, foram tabulados em programa Excel de Windows, em que foram cruzadas as ocorrências linguísticas e fatores sociais. Na discussão dos resultados, verificou-se que há uma ocorrência de classe natural na fala manauara, entre as alveolares e velares, no contexto de /i/, evidenciando que o processo de palatalização é um processo de variação fonológica consolidado na fala manauara, diferente de outras regiões do Brasil.

PALAVRAS-CHAVE: classe natural dos sons; alveolares; velares; palatal; contexto de /i/; fala manauara.

ABSTRACT

The present dissertation aims to investigate the phonetic realization of the alveolar /t/, /d/, /n/, /l/ and velars /k/ and /g/ in the context of /i/ in the Manaus' community speak, verifying a possible palatalization process of these phonemes. It is a research of a sociolinguistic approach, in the context of Generative Phonology, which seeks to verify a natural class of sounds in the Manaus' community speak, between the alveolar and velar, when approximated to the palatal vowel /i/, which plays a regent role in the process of palatalization, being the trigger of such process, independent of the allophones and neutralizations of the verified phonemes. It is examined whether this palatalization process occurs in any position in the word and if there is any social variant of gender, age or educational level that guides this occurrence. The theory that supports this analysis is the Phonological Traits Geometry, proposed by Clements (1985), which is represented by an arboreal system, which analyzes the internal structure of speech sounds, evidencing the way these sounds interact in the phonological systems. As a methodological procedure, we have pre-selected the Phonological Phonetic Questionnaire (PPQ), reading of phrases and texts, 118 words, divided among the studied phonemes, in which they occur in the context previous to /i/, being: 20 words with /t/ 20 words with /d/, 24 words with /l/, 16 words with /n/ in diminutive, 18 words with /l/ in diminutive, 20 words divided between /k/ and /g/. Twenty-four participants from Manaus from different parts of the city were interviewed, divided between 12 females and 12 males, from 18 to 35 years old, from 36 to 55 years old and from 56 years old, with a schooling level since elementary school until with higher education, completed or not. For data collection, the procedure was done by recording individual interviews. The data were transcribed phonetically with the use of the International Phonetic Alphabet – IPA. After, they were tabulated in Excel program of Windows, in which were crossed the linguistic occurrences and social factors. In the discussion of the results, it was verified that there is a natural class occurrence in the Manaus' community speak, between the alveolar and velar, in the context of /i/, evidencing that the process of palatalization is a process of phonological variation consolidated in the Manaus' community speak, different from other regions of Brazil.

KEY WORDS: natural sound class; alveolars; velars; palatal; context of /i/; Manaus' community speak.

LISTA DE QUADROS

Quadro 1 – Trabalhos realizados no estado do Amazonas e na capital.....	28
Quadro 2 – Tabela fonética internacional	46
Quadro 3 – O fonema /t/	47
Quadro 4 – O fone [tʃ].....	47
Quadro 5 – O fonema /d/	48
Quadro 6 – O fone [dʒ].....	49
Quadro 7 –O fonema /l/	49
Quadro 8 – O fonema /ʎ/	50
Quadro 9 – O fonema /n/	51
Quadro 10 – O fonema /ɲ/	51
Quadro 11 – O fonema /k/	52
Quadro 12 – O fonema [ç].....	52
Quadro 13 – O fonema /g/	53
Quadro 14 - O fonema [ʎ]	53
Quadro 15 – Alofonia entre [t/ʃ]	54
Quadro 16 – Alofonia entre [d/dʒ].....	55
Quadro 17 – A força centrípeta da vogal /i/	60
Quadro 18 – Teoria Gerativa e os fonemas em estudo.....	61
Quadro 19 – Traços distintivos para a fala manauara	64
Quadro 20 – Evolução da Lateral Palatal na Língua Portuguesa	70
Quadro 21 – Cruzamento de dados dos informantes com siglas para resguardar a privacidade.....	84
Quadro 22 – Transcrição fonética das produções das informantes femininas do Ensino Médio.....	85

Quadro 23 – Palavras com /d/	85
Quadro 24 – Palavras com /t/	86
Quadro 25 – Palavras com /l/	88
Quadro 26 – Palavras com /n/ no diminutivo.....	89
Quadro 27 – Palavras com /l/ no diminutivo.....	90
Quadro 28 – Palavras soltas com /ʎ/	90
Quadro 29 – Palavras com /k/ e /g/	91

LISTA DE TABELAS

Tabela 1 – Distribuição dos informantes conforme os principais critérios socioculturais.	77
----------------------------------------------------------------------------------------------------------	----

LISTA DE FIGURAS

Figura 1 – Aparelho fonador humano.....	40
Figura 2 – Esquema detalhado dos órgãos articulatórios ativos e passivos	40
Figura 3 – Diagrama das caixas de ressonância	41
Figura 4 – Diagrama da comunicação	43
Figura 5 – Diagrama dos pontos de articulação	45
Figura 6 – Corte sagital e vogais na boca.....	58
Figura 7 – As alveolares, palatais e velares na boca.....	59
Figura 8 – Processos de alofonia por atração da vogal alta /i/ na Língua Portuguesa e na fala manauara.....	61
Figura 9 – Classe Natural entre alveolares e velares na fala manauara.....	64
Figura 10 – Representação arbórea da Geometria dos Traços Fonológicos.....	72
Figura 11 – A palavra Livro conforme a Teoria da Geometria dos Traços.....	74
Figura 12 – Demonstração da palatalização do /l/ através da Geometria dos Traços ..	74

Figura 13– Demonstração da palatalização do /n/ através da Geometria dos Traços .75

SUMÁRIO

INTRODUÇÃO	17
1 LOCALIDADE EM ESTUDO: MANAUS-AM	21
1.1 ASPECTOS SÓCIO-HISTÓRICO-CULTURAIS DE MANAUS-AM	21
1.2 ASPECTOS GEOGRÁFICOS DE MANAUS-AM	25
1.3 FORMAÇÃO LINGUÍSTICA DE MANAUS-AM	26
1.4 ESTUDOS DIALETOLÓGICOS E SOCIOLINGUÍSTICOS DA FALA AMAZONENSE E MANAUARA	27
2 FUNDAMENTAÇÃO TEÓRICA	31
2.1 LÍNGUA, FALA E VARIAÇÃO	33
2.2 DIALETOLOGIA E SOCIOLINGUÍSTICA VARIACIONISTA	35
2.3 FONÉTICA E FONOLOGIA	38
2.3.1 OS FONEMAS EM ESTUDO	45
2.3.1.1 O FONEMA /T/	46
2.3.1.2 O FONE /tʃ/	47
2.3.1.3 O FONEMA /D/	48
2.3.1.4 O FONE /dʒ/	48
2.3.1.5 O FONEMA /L/	49
2.3.1.6 O FONEMA /ʎ/	50
2.3.1.7 O FONEMA /N/	50
2.3.1.8 O FONEMA /ɲ/	51
2.3.1.9 O FONEMA /K/	51
2.3.1.10 O FONEMA /C/	52
2.3.1.11 O FONEMA /G/	53
2.3.1.12 O FONEMA / /	53
2.3.2 OS ALOFONES	54
2.3.2.1 OS ALOFONES /T/ E /tʃ/	54
2.3.2.2 OS ALOFONES /D/ E /dʒ/	55
2.3.3 AS NEUTRALIZAÇÕES	56
2.3.3.1 A Neutralização de /l/ e /ʎ/	56
2.3.3.2 A Neutralização de /n/ e /ɲ/	57
2.4 A IMPORTÂNCIA DA VOGAL PALATAL /i/: O PONTO EM COMUM	58
2.4.1 TRÊS RAZÕES PARA ATRIBUIR IMPORTÂNCIA À VOGAL PALATAL /i/ NA FALA MANAUARA	60
2.5 CLASSE NATURAL	62
2.6 A PALATALIZAÇÃO NOS ESTUDOS BRASILEIROS	65

2.7 UM BREVE HISTÓRICO DA PALATALIZAÇÃO ADVINDA DO LATIM	68
2.8 A PALATALIZAÇÃO DAS ALVEOLARES NO CONTEXTO DE /i/ E A TEORIA DA GEOMETRIA DOS TRAÇOS FONOLÓGICOS DE CLEMENTS	71
3 METODOLOGIA	76
3.1 INFORMANTES	76
3.2 COLETA DE DADOS	78
3.2.1 QUESTIONÁRIO FONÉTICO-FONOLÓGICO (QFF)	79
3.2.2 TEXTOS E FRASES LIDOS NAS ENTREVISTAS	80
3.2.3 LISTAS DE PALAVRAS	81
3.2.4 MANUSEIO E TRANSCRIÇÃO DE DADOS	82
4-ANÁLISE DOS RESULTADOS	83
CONSIDERAÇÕES FINAIS	93
REFERÊNCIAS	94
OBRAS CONSULTADAS	99
APÊNDICE A – QUESTIONÁRIO FONÉTICO-FONOLÓGICO (QFF)	101
APÊNDICE B – TEXTOS E FRASES LIDOS NAS ENTREVISTAS	105
APÊNDICE C – LISTA DE PALAVRAS SOLTAS PARA SEREM LIDAS	108
APÊNDICE D – LISTA DE PALAVRAS PARA SEREM FALADAS NO DIMINUTIVO	109
APÊNDICE E – TRANSCRIÇÕES DAS PRODUÇÕES DOS INFORMANTES	111

INTRODUÇÃO

A presente pesquisa se enquadra na linha de Linguagem, Discurso e Práticas sociais, do Programa de Pós-Graduação em Letras e Artes da Universidade do Estado do Amazonas e vincula-se ao NEPLAE¹ e ao Projeto FAMAC²; este tem por finalidade documentar, em seu banco de dados, registros do português empregado pelos manauaras, falantes provenientes da capital do Estado do Amazonas.

A língua é instrumento de comunicação, responsável pelas relações sociais que possibilitam uma determinada comunidade de falantes produzir enunciados compreensíveis entre eles. Os estudos da linguagem, apesar de terem surgido desde a Antiguidade, foram instaurados apenas no século XIX de forma mais estruturada, a partir de diversas correntes teóricas.

No estudo dos fenômenos linguísticos, há algumas direções a serem seguidas e aqui serão utilizados os princípios da Sociolinguística e da Dialetoлогия, as quais, advindas da Geolinguística, possibilitam o trabalho com elementos extralinguísticos como a idade, o gênero, a escolaridade e outras características de cunho social dos falantes pesquisados. Foram utilizados fundamentos da Fonética e da Fonologia, como suporte para elucidar a maneira que determinado fenômeno linguístico pesquisado acontece na Fala Manauara.

No século XIX, a preocupação pela compreensão das variedades regionais de determinada língua era latente, porém se desenvolveu somente com a instauração da disciplina *Dialetoлогия*, na *École Pratique des Hautes Études*, em Paris, na França. Assim, os estudos dialetais foram ganhando força e aderindo aos métodos da Geolinguística, o que colaborou para a elaboração do *Atlas Linguístico da França*, o que representou o importante ponto de partida para os estudos dialetais no mundo. No Brasil, o ingresso dessas áreas de estudo é relativamente novo, pois só começou a ser discutida a criação de um *Atlas Linguístico do Brasil* apenas na década de 1950, através do decreto 30.643 de 20 de março de 1952.

As pesquisas dialetológicas no Brasil estão em expansão, apesar de seu crescimento lento, devido em grande parte, à sua vasta expansão territorial, trazendo obstáculos de cunho social e financeiro como o de se chegar a lugares longínquos e de difícil acesso, particularmente

¹ A sigla NEPLAE significa Núcleo de Estudos e Pesquisas Linguísticas Aplicadas ao Ensino, que tem como fundadores os professores Dra. Silvana Martins e Dr. Valteir Martins, docentes da Universidade do Estado do Amazonas e, nesta pesquisa, optou-se por utilizar somente a sigla.

² A sigla FAMAC significa Projeto Fala Manauara Culta e Coloquial, que tem como fundadores os mesmos professores do NEPLAE.

em regiões menos centrais, como a região Norte. Tem-se como exemplo o estado do Amazonas, local onde se desenvolve esta pesquisa, que é a maior unidade federativa do país e possui um território de aproximadamente 1.559.161,682 km²; está subdividido em 62 municípios e, mesmo assim, vem sendo, atualmente, mapeado linguisticamente através de trabalhos de graduandos e pós-graduandos das universidades presentes no Estado.

O grande avanço nos estudos linguísticos no estado do Amazonas deu-se com a elaboração do *Atlas Linguístico do Amazonas* (ALAM), criado por Maria Luiza Cruz, em 2004, em sua tese de doutorado. A partir deste ano, ampliou-se a demanda nos trabalhos de cunho dialetológico no estado e podem ser citados: o de Maria Sandra Campos (2009), com o *Estudo sobre as vogais posteriores em sílaba tônica no município de Borba*; Brito (2010), com o *Atlas Linguístico do Baixo Amazonas* (AFBAM); Torres (2010), que investigou a realização das variantes palatais /ʎ/ e /j/ nos municípios de Itapiranga e Silves; Silva (2010), que investigou o comportamento da vogal tônica posterior média fechada /o/ e das vogais pretônicas /e/ e /o/ nos municípios de Itapiranga e Silves; Maia (2012), com a dissertação de mestrado a respeito do *Estudo do /S/ pós-vocálico nos municípios de Boca do Acre, Lábrea e Tapauá*; Justiniano (2012), que desenvolveu o *Atlas Linguístico dos Falares do Alto Amazonas* (ALFARiN) em sua dissertação de mestrado; Quara (2012), com a dissertação de mestrado sobre *O estudo das vogais médias pretônicas no falar de Manaus*; Gonçalves (2015), que examinou o léxico realizado por migrantes provenientes de Tefé, Itacoatiara e Manacapuru, interior do estado do Amazonas, que vivem em Manaus há pelo menos cinco anos.

Há alguns estudos relativos ao projeto *Fala Manauara Culta e Coloquial* (FAMAC), que iniciou suas pesquisas em 2008 e é um projeto desenvolvido por uma equipe de pesquisadores, acadêmicos e mestrandos sob a orientação de Silvana Andrade Martins e Valteir Martins, professores da Universidade do Estado do Amazonas, que tem o objetivo de documentar a fala manauara, ao qual essa pesquisa está inserida. Dentre alguns trabalhos de iniciação científica estão o de Babilônia (2011; 2012), que investigou a alternância do tu/você; Ribeiro (2014) que investigou aspectos da ocorrência da expressão de futuridade no português falado em Manaus. Dentre os trabalhos de conclusão de curso de graduação, encontra-se o de Evangelista (2014), que investigou a realização da lateral /l/ na fala manauara; Ribeiro (2014) que examinou a variação de futuridade na fala manauara; Barros (2015), que examinou a ocorrência do pretérito imperfeito do indicativo na expressão do *irreallis* na fala manauara; Holanda (2015), que estudou a codificação da gradação no falar manauara; Araújo (2016), que investigou a expressão de futuridade na escrita jornalística manauara.

O presente trabalho tem como tema a variação linguística e objetiva contribuir com o conhecimento linguístico do Brasil, sendo feito um recorte no estado do Amazonas, focalizando a área urbana da capital administrativa, a qual concentra mais de 50% da população do Estado, em um total estimado em 2.130.264 habitantes de um total de 4.063.614 em todo o Estado, conforme dados do site oficial do IBGE do ano de 2017.

O objetivo da pesquisa é investigar o comportamento da vogal alta /i/ (ver seção 2.4) na fala manauara, quando aproximada dos fonemas alveolares /t/ (ver seção 2.3.1.1), /d/ (ver seção 2.3.1.3), /n/ (ver seção 2.3.1.7), /l/ (ver seção 2.3.1.5) e dos velares /k/ (ver seção 2.3.1.9) e /g/ (ver seção 2.3.1.11), pois esta vogal tem a capacidade de transferir seu traço palatal para todos esses fonemas, que passam similarmente a serem palatais. O que se esperava encontrar nos resultados das análises das entrevistas com os informantes desta pesquisa era uma simetria nesses resultados, o que levaria ao fenômeno da chamada harmonia fonético-fonológica na fala manauara. Essa palatalização que ocorre é percebida quando, por exemplo, na pronúncia das palavras “filinha” (fila pequena) [fɪ∪ʎɪ] e ‘velinha’ (vela pequena) [vɛ∪ʎɪ] (ver seção 2.3.3), quando o fonema /l/ não é mais pronunciado como lateral alveolar, mas como lateral palatal /ʎ/, isso ocorre porque o /i/ fez essa mudança articulatória dentro do trato vocálico, sendo o ponto basilar para que ocorram as palatalizações dos demais fonemas ao se aproximarem dela.

Para detectar se há ocorrência ou não da palatalização das alveolares e das velares quando aproximadas da vogal alta /i/ no falar manauara foram seguidos alguns critérios utilizados no *Projeto Atlas Linguístico do Brasil (ALiB)*: foram entrevistados 24 informantes, todos com boa condição de fonação, divididos pelo critério da variação diasssexual, sendo 12 informantes do sexo feminino e 12 do sexo masculino (ver seção 3). Verificou-se o critério da Dialetoлогия Pluridimensional, em que os informantes se enquadrassem no perfil preestabelecido pela linguística variacionista, em que precisavam ter nascido na cidade pesquisada, terem os pais e cônjuges, de preferência, provenientes da cidade pesquisada similarmente a eles e não terem se ausentado da localidade por mais de 1/3 da vida. Em seguida, verificou-se o critério da variação diageracional: Os informantes foram divididos em 3 faixas etárias: de 18 a 35 anos, de 36 a 55 anos e de 56 anos em diante. Verificou-se, também, o critério da variação diastrática, em que os informantes foram divididos pelo grau de escolaridade, em que 12 informantes possuíam ensino fundamental e 12 informantes possuíam o ensino superior e, na investigação em questão, não foram averiguados informantes analfabetos, o que pode ser examinado em investigações *a posteriori*. A pesquisa se utilizou do critério da variação diafásica do projeto ALiB, pois foram utilizados para a entrevista e captura dos dados, um

questionário linguístico, textos para leitura, figuras para serem interpretadas e captura de breves discursos semidirigidos.

Esta pesquisa está dividida em quatro capítulos, o primeiro apresenta a região pesquisada, com os aspectos geográficos, históricos, sociais e a linguística histórica da cidade de Manaus. O segundo capítulo expõe os aportes teóricos, advindos da Sociolinguística Variacionista, explicitando sobre o fenômeno da Palatalização nos estudos brasileiros, sobre a Língua, a Fala e a Variação, apresentando sobre a Dialetoлогия e a Sociolinguística Variacionista, evidenciando sobre a Fonética e a Fonologia, discorrendo sobre os fonemas, os alofones e as neutralizações, retratando a vogal alta palatal /i/ e o ponto em comum entre todos os fonemas pesquisados; nele também se pondera sobre a Geometria dos Traços Fonológicos, proposta por Clements de 1985, que analisa a estrutura interna dos sons da fala, sendo representado por um sistema arbóreo, em que se evidencia a interação dos sons nos sistemas fonológicos. O terceiro capítulo trata da fundamentação metodológica utilizada na pesquisa, com fundamentos de Labov como suporte para coleta de dados, seleção dos informantes, transcrição e manuseio dos dados. O quarto capítulo apresenta a análise dos resultados, sendo seguido pelas considerações finais, referências bibliográficas e apêndices.

Esta pesquisa objetiva contribuir para o campo dos estudos linguísticos do Brasil, em especial do Amazonas e da sua capital Manaus, registrando e analisando as características marcantes do falar manauara.

1 LOCALIDADE EM ESTUDO: MANAUS-AM

O primeiro capítulo apresenta a localidade investigada, através de um levantamento bibliográfico sobre a cidade de Manaus, no Amazonas, proporcionando dados de cunho histórico, geográfico, social, cultural, alguns aspectos da formação linguística do estado do Amazonas, com alguns estudos sobre a fala amazonense e, em especial, estudos da fala manauara. Os principais órgãos públicos que serviram de fonte para o levantamento destes dados foram: Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística (IBGE), Prefeitura de Manaus, Instituto Municipal de Ordem Social e Planejamento Urbano (IMPLURB) e Superintendência da Zona Franca de Manaus (SUFRAMA).

1.1 ASPECTOS SÓCIO-HISTÓRICO-CULTURAIS DE MANAUS-AM

A origem e desenvolvimento da cidade de Manaus, os acontecimentos ocorridos entre os séculos XVII e XVIII aqui descritos, foram retirados do capítulo I de Mesquita (2006).

A origem da cidade de Manaus é datada do séc. XVII, através da exploração da região pelos portugueses em busca de escravos indígenas, fundando, assim, na segunda metade desse século, a *Enseada do Tarumã*, a qual, segundo Sampaio (1825, p.95), foi primeira povoação do Rio Negro, em que se agrupavam diversas tribos de índios de várias regiões da Amazônia. Em torno de 1669, esses povos se estabeleceram próximo à confluência do rio Amazonas, na margem esquerda do Rio Negro, que, segundo Martius (1975, p. 35, Tomo 3), instalou-se um Destacamento de Resgate, em que os soldados protegiam e promoviam o tráfico de escravos na região. Posteriormente, ergueu-se um forte batizado de *Fortaleza da Barra de São José do Rio Negro* ao qual havia em seu entorno inúmeras tribos indígenas entre elas, Barés, Banibás, Passés, Manaós, Aroaquis, Juris e alguns brancos, iniciando o povoamento do lugar, que recebeu diversos nomes, dentre eles: Fortaleza do Rio Negro, Fortaleza da Barra, Lugar da Barra e Vila da Barra. O que se pode perceber é que a língua da região começou a ser formada por diversas influências tanto indígenas, quanto de outros países, uma verdadeira miscelânea de línguas.

Sobre a localização da fortaleza construída, o historiador José Ribamar Bessa Freire (1987, p. 57), com dados fornecidos por Gaetano Osculati, afirma que:

A fortaleza foi construída sobre um cemitério indígena e interpreta como “um fato sugestivo carregado de simbolismo que, como imagem, sintetiza por si todo o processo colonial”. Sem dúvida, a imagem é bastante forte e pode ser interpretada como a real intenção dos portugueses em relação às manifestações nativas.

Em 1786, o naturalista Alexandre Rodrigues Ferreira (1971, p. 576) observou que a população se encontrava de tal maneira:

A povoação se dividia “em dous bairros, ao longo da margem boreal: ambos elles ocupam uma porção da barreira que medeia entre dous igarapés da Tapera dos Maués, e dito dos “Manaós”. A população do lugar era de 301 habitantes, dos quais 243 eram índios, 47 brancos e 11 escravos negros.

A capital do Lugar da Barra funcionava desde 1758 na Vila de Barcelos. Segundo Mesquita (2006 p. 25): “Até o final do século XVIII, o Lugar da Barra não passava de um obscuro povoado da Capitania de São José do Rio Negro”; contudo, em 1791, sem autorização do governador do Grão-Pará, Manoel Lobo D’Almada transferiu a sede do governo para o Lugar da Barra, gerando progresso na região, com a construção de estabelecimentos industriais. Em 1798, o governador do Grão-Pará, D. Francisco Coutinho, preocupado em perder o cargo para D’Almada, trasladou, através de Carta Régia, a capital novamente para Barcelos.

Após o governo de D’Almada, no início do século XIX, a região do Amazonas estava em decadência, ficando até 1801 sob a administração de uma junta governativa. Em 1804, houve a transferência novamente da capital da capitania para o Lugar da Barra, por D. Marco de Noronha, que estava na direção do Grão-Pará, porém a ordem para essa transferência foi cumprida apenas em 29 de março de 1808. Em 1833, sob as determinações do Código Criminal, o governo paraense dividiu seu território em três comarcas, denominando-as: Grão-Pará, Baixo Amazonas e Alto Amazonas, extinguindo-se a Capitania do Rio Negro, sendo substituída pela comarca Alto Amazonas. Segundo Reis (1989, p. 167), “Enquanto o Lugar da Barra fora promovido à condição de vila, assumindo a denominação de vila de Manaós e mantendo a posição de capital da nova comarca.”

Consoante Reis (1989, p. 380), a Cabanagem foi um movimento popular de cunho nativista, integrada por uma população pobre que habitava cabanas e insatisfeitos com o poder dos portugueses. A partir de 1835, exerceu forte influência na continuação da colonização da localidade, durando cinco anos, com lutas na selva e nas cidades, havendo uma ocasião em que Belém esteve sob domínio dos cabanos e Manaus foi, por 6 meses, comandada por Eduardo Angelin, o líder do movimento, assumindo a presidência da Comarca do Alto Amazonas,

cortando ligações com o Grão-Pará. Somente em 1840 os rebeldes foram vencidos e receberam anistia para se renderem.

Segundo Mesquita (2006, p. 29), em 1848, a vila de Manaus foi promovida à cidade, passando a ser Cidade da Barra do Rio Negro, em seguida, em 1850, a Comarca do Alto Amazonas foi elevada à categoria de província, gerando mudanças significativas na história da cidade, despertando interesse internacional: “atraindo grande número de viajantes pesquisadores, cronistas, cientistas e aventureiros que eventualmente divulgavam os relatos de suas investigações e observações sobre vários aspectos da cidade.”

Embora o Amazonas tenha sido elevado à categoria de província desde setembro de 1850, a instalação só ocorreu de fato em 1º de janeiro de 1852, com a vinda do primeiro presidente, João Baptista de Figueiredo Tenreiro Aranha. Segundo Monteiro (2001, p. 47), o nome “Manaus” decorreu da aplicação da Lei n. 68, de 4 de setembro de 1856, da Assembleia Provincial Amazonense, projeto da autoria do deputado João Inácio Rodrigues do Carmo”.

No decorrer dos próximos anos, a cidade desenvolveu-se a passos curtos, com a criação de departamentos de arquitetura e engenharia, para construções de vias, teatros, pontes ligando bairros na cidade. A mão de obra era de negros libertos, o que influenciou na formação linguística da região.

Com relação à fase política, segundo Mesquita (2006, p. 52):

Em 1889, com a Proclamação da República, encerrava-se o sistema monárquico no país, iniciando uma nova fase da política brasileira; e no Estado do Amazonas desponta um período de prosperidade econômica que fica evidenciado pelo número crescente de obras públicas realizadas em Manaus.

A economia local era baseada no extrativismo das drogas do sertão, o que chamava a atenção de pessoas de diversas partes do Brasil, principalmente os nordestinos, fugidos da seca, assim como outras pessoas de vários lugares do mundo. Com a extração do látex, a economia na região cresceu e, por volta de 1890, a goma da borracha retirada das seringueiras era a principal fonte de economia da região.

Com o aumento populacional e econômico, a cidade passou por um período de urbanização e de progresso, com a construção de pontes, bondes, a utilização de barcos a vapor. Os arredores da cidade cresceram e passaram a se parecer com as cidades europeias, tornando a cidade conhecida como “Paris dos Trópicos”. Esse período ficou sendo então conhecido como

“*Belle Époque*” amazonense, em que, além da economia e do crescimento demográfico da cidade, o crescimento cultural também se tornou notável.

O declínio da economia da borracha surgiu na década de 1910, levando as principais cidades amazônicas à decadência econômica, devido, segundo Berçot-Rodrigues (2014, p. 25):

A forte concorrência de preço do látex asiático, através do desenvolvimento de experiências com borracha sintética, demandando áreas menores com seringueiras enfileiradas e uma mão-de-obra mais farta. Houve, então, um êxodo na região com a saída de estrangeiros e empresários.

Tais fatos resultaram no crescimento desordenado da cidade, por conta das chamadas “invasões”, visto que os trabalhadores dos seringais migraram para a capital, com o propósito de melhorar as condições de vida e conseguir emprego.

Despontou então uma estagnação econômica na região, em que, durante a Segunda Guerra Mundial, o governo incentivou a ocupação na região amazônica, oferecendo a opção entre ir à guerra ou ir para a Amazônia, sendo criada em 1953 a Amazônia Legal, construindo a estrada Belém-Brasília, com intuito de integrar a região isolada.

Em 6 de junho de 1957, Manaus voltou a ser destaque entre as capitais brasileiras, sendo criada a Zona Franca de Manaus (ZFM) como Porto Livre. Segundo o histórico da ZFM encontrado no *website* da SUFRAMA, o Governo Federal, por meio do Decreto-Lei Nº 288, de 28 de fevereiro de 1967, ampliou essa legislação e reformulou o modelo, estabelecendo incentivos fiscais por 30 anos para implantação de um polo industrial, comercial e agropecuário na Amazônia. Instituiu-se, assim, o atual modelo de desenvolvimento, que engloba uma área física de 10 mil km². A duração da ZFM já sofreu diversas prorrogações desde então. A mais recente foi estabelecida em 16 de julho de 2014, em que o senado aprovou uma proposta de emenda constitucional que prorroga a ZFM por mais 50 anos.

Segundo dados de 01 de julho de 2017, do *website* do IBGE, a população estimada do estado do Amazonas é de 4.063.614 pessoas, enquanto a população estimada do município de Manaus é de 2.130.264 pessoas, possuindo mais da metade da população do estado inteiro. O último censo data de 2010 e mostra que a capital possui uma densidade demográfica de 158,06 hab/km², segundo dados de 2010, seu IDHM (Índice de Desenvolvimento Humano Municipal) é de 0,737.

1.2 ASPECTOS GEOGRÁFICOS DE MANAUS-AM

Segundo Araújo (2016, p. 21), a região metropolitana de Manaus foi a segunda a ser criada na região Norte, transformando-se na maior do país em área territorial, tendo 101.475 km², estando localizada na microrregião homônima e na mesorregião do Centro Amazonense, situada à margem esquerda do rio Negro.

A respeito da expansão territorial urbana, Araújo (2016, p. 21) expõe que:

A expansão urbana de Manaus está concentrada na Zona Norte da cidade, pois as zonas Sul, Centro-Sul e Centro-Oeste não dispõem mais de espaço para tal e a zona Leste da cidade, embora possua algumas áreas livres para crescimento, estas já pertencem à Zona Franca de Manaus.

Ainda segundo a autora, a capital amazonense está em 62º lugar como área urbana que mais cresce no mundo, de acordo com os dados divulgados pela fundação *City Mayors* (publicado em 11 de junho de 2010).

A cidade possui muitas belezas naturais, visto que se localiza no meio da Floresta Amazônica, uma delas é o encontro das águas. As árvores da floresta amazônica se encontram mais nas áreas rurais do município, mas também pode ser encontrada na área urbana da cidade, como em parques e reservas naturais, como exemplo o Parque do Mindu e a Reserva Natural Adolpho Ducke. O relevo da cidade é de planície, com baixos planaltos e terras firmes. A vegetação é densa e tem relativamente poucas espécies com flores coloridas. A umidade do ar é uma das mais altas do país, com médias mensais que podem chegar a 89% devido à proximidade com a floresta.

Relativo à localidade, a cidade se encontra à margem direita do rio Negro em sua confluência com o rio Solimões, que forma o rio Amazonas. Segundo o *Anuário estatístico do Brasil* pelo IBGE (2011), tem latitude -03°06'07", longitude -60°01'30" e altitude 92,9m.

Segundo Quara (2012, p. 25), Manaus pertence à chamada Região Metropolitana de Manaus (RMM), juntamente com sete municípios: Iranduba, Careiro da Várzea, Rio Preto da Eva, Manacapuru, Novo Airão, Presidente Figueiredo e Itacoatiara. Manaus faz fronteira com os municípios de Presidente Figueiredo, na região norte, Itacoatiara e Rio Preto da Eva na região leste, Iranduba e Careiro da Várzea na região sul e Novo Airão na região oeste.

A cidade apresenta tendência a temperaturas altas e o principal motivo é a proximidade com a Linha do Equador, o que não permite que a região possua as quatro estações bem

definidas, apresentando apenas um período mais seco (principalmente entre os meses de agosto e setembro) e um período mais chuvoso (principalmente nos meses de fevereiro e março).

1.3 FORMAÇÃO LINGUÍSTICA DE MANAUS-AM

Segundo Berçot-Rodrigues (2016, p. 30), grande parte dos habitantes de Manaus são de outros municípios do Amazonas, de outras regiões do país e de outros países. Segundo o último censo do IBGE (2010), tem-se: 1.678.879 pessoas da própria região Norte, 71.148 da região Nordeste, 23.848 do Sudeste, 6.775 do Sul, 6.340 do Centro-Oeste, 4.653 de algum país estrangeiro. Ao se classificar a população por raças, são declaradas 1.222.337 pessoas pardas, 479.191 brancas, 75.762 pretas, 20.680 amarelas, e 4.040 indígenas, o que se observa que há uma minoria, diferente do que se pensa outras localidades, a respeito da população manauara.

Sobre a migração dos haitianos a Manaus, Berçot-Rodrigues (2016, p. 30) expõe:

Acredita-se que o próximo Censo do IBGE deva apresentar grandes alterações nos números desta classificação devido à grande migração de haitianos para Manaus nos anos seguintes à tragédia ocorrida no Haiti em 2010.

Segundo Araújo (2016, p. 21), na demografia de Manaus, para o aparecimento dos mestiços ou caboclos, há a miscigenação de três etnias que compõe a população: o indígena, o europeu e o negro. Há também uma formação de imigrantes árabes e japoneses, porém, a maior contribuição no processo de mestiçagem é proveniente dos nordestinos, advindos principalmente do Ceará e do Maranhão. Na formação atual, os paulistas, os gaúchos e, principalmente, os paraenses e acreanos também contribuem para a formação da demografia da cidade.

Ainda, segundo a autora, com relação às características culturais e os costumes:

Dos colonizadores europeus, os traços existentes na arquitetura. Dos indígenas, o português regional com a inserção de palavras indígenas no léxico, além da culinária e o artesanato que são fortemente caracterizados por essas culturas. Já a dança e a música, e até mesmo a linguagem, carregam traços nordestinos. (ARAÚJO, 2016, p. 21).

Segundo Simas (2016), com relação à formação cultural, Manaus herdou traços dos portugueses, espanhóis e franceses e com relação a constituição étnica, herdou traços dos ameríndios, constituindo os descendentes chamados *caboclos*.

A língua indígena influenciou desde o nome da cidade, pois era o nome da nação indígena que habitava a região, segundo Simas (2016, p. 14):

A origem do nome da cidade, de acordo com o site *Guia do Turista*, vem da tribo “Manaós”, que foi dado em homenagem à nação indígena que habitava as regiões do rio Negro e Solimões. Observa-se que, em conformidade com a grafia antiga, Manaós é escrito com o “o” e acentua a vogal precedente “a”. O nome “Manaus” na língua indígena significa “Mãe dos Deuses”.

De acordo com Simas, o processo de migração só aumentou na época áurea da borracha, devido à demanda do mercado e falta de mão de obra para trabalhar nos seringais, atraindo vários nordestinos, bem como ingleses, franceses, judeus, gregos, portugueses, espanhóis. A população dessa época era em torno de 20 mil habitantes e a cidade passou a ter eletricidade, melhoria no transporte público e no saneamento básico, com água encanada. No auge, a capital era tão moderna quanto o Rio de Janeiro; entretanto, em 1910, com a descoberta da borracha na Ásia, o comércio declinou na região, deixando-a abandonada e em decadência por quase meio século. Reergueu-se a partir a implantação da Zona Franca de Manaus, regida pela Superintendência da Zona Franca de Manaus (SUFRAMA) em 1967, com a criação do distrito industrial com o polo de duas rodas, fabricação de motos, bicicletas e eletrônicos que trouxe diversas transnacionais para a região, devido aos incentivos fiscais, gerando assim, empregos e atraindo imigrantes até os dias atuais.

Conforme Simas (2016), a cidade de Manaus é um local interessante para a pesquisa linguística, caracterizando-se por ser uma metrópole heterogênea, com uma diversidade enorme de cultura, incluindo falares e costumes, caracterizando uma fala proveniente da mistura de sotaques.

1.4 ESTUDOS DIALETOLÓGICOS E SOCIOLINGUÍSTICOS DA FALA AMAZONENSE E MANAUARA

O estado do Amazonas, apesar de sua grande extensão, passa por um período fértil em pesquisas dos campos dialetológico e sociolinguístico. A seguir, apresenta-se o quadro 1, inspirado por Simas (2016, p. 20), com alguns trabalhos realizados no estado do Amazonas e na capital, em ordem cronológica.

Quadro 1– Trabalhos realizados no estado do Amazonas e na capital

CÔRREA, Hyldelvídea Cavalcante de Oliveira	<i>O falar do caboclo amazonense</i> . Rio de Janeiro: PUC, 1980.
CRUZ, M. L. de C	<i>Atlas Linguístico do Amazonas – ALAM</i> . Rio de Janeiro. Tese (Doutorado em Letras Vernáculas) UFRJ, 2004.
MAIA, Edson Galvão	<i>Comportamento fonético-fonológico da vogal posterior média fechada /o/, em contexto tônico, no falar de Itacoatiara e Manacapuru</i> . Manaus: UFAM, Relatório de pesquisa de iniciação científica (PIBIC), 2006.
DIAS, Daniele de Oliveira	<i>Comportamento fonético-fonológico da vogal posterior média fechada /o/ em posição tônica, no falar de cinco municípios do Amazonas: Barcelos, Benjamin Constant, Eirunepé, Lábrea e Humaitá</i> . Manaus: UFAM. Relatório de pesquisa de iniciação científica (PIBIC), 2007.
CAMPOS, Maria Sandra	<i>O alçamento das vogais posteriores em sílaba tônica: Um estudo do Português falado em Borba no Amazonas</i> . Tese (Doutorado em Linguística). Programa de Pós-Graduação em Letras da Universidade Federal Fluminense, 2009.
MAIA, Edson Galvão	<i>Estudo dialetológico e sociolinguístico do falar de Itacoatiara: as vogais médias pretônicas</i> . Manaus: UFAM. Monografia do curso de especialização em Linguística, 2009.
BRITO, Roseanny de Melo	<i>Atlas dos falares do baixo Amazonas – AFBAM</i> . Manaus: UFAM, Dissertação (Mestrado em Sociedade e Cultura), 2010.
SILVA, Lúcia Helena Ferreira	<i>Comportamento da vogal tônica posterior média fechada /o/ e das pretônicas /e/ e /o/ nos municípios de Itapiranga e Silves</i> . Manaus: UFAM, Dissertação (Mestrado em Sociedade e Cultura), 2010.
TORRES, Francinery Gonçalves Lima	<i>A realização das variantes palatais /ʃ/ e /j/ nos municípios de Itapiranga e Silves (parte do médio Solimões)</i> . Manaus: UFAM. Dissertação (Mestrado em Sociedade e Cultura),

	2010.
BABILÔNIA, Leandro, MARTINS, Silvana	<i>A influência dos fatores sociais na alternância dos pronomes tu/você na fala manauara</i> . Revista <i>Guavira Letras</i> , v. 13, n.1, ago/dez. 2011.
JUSTINIANO, Jeiviane dos Santos	<i>Atlas linguístico dos falares do alto Rio Negro</i> . Dissertação (Mestrado em Letras). Universidade Federal do Amazonas, 2012.
MAIA, Edson Galvão	<i>A realização fonética do /s/ pós-vocálico nos municípios de Boca do Acre, Lábrea e Tapauá</i> . Dissertação (Mestrado em Letras). Programa de Pós-Graduação em Letras. Universidade Federal do Amazonas, 2012.
QUARA, Harielle Regina Guimarães	<i>As vogais médias pretônicas no falar de Manaus (AM)</i> . Manaus: UFAM. Dissertação (Mestrado em Letras), 2012.
MARTINS, Flávia Santos	<i>Variação na concordância nominal de número na fala de habitantes do Alto Solimões (Amazonas)</i> . Tese (Doutorado em Linguística). UFSC, 2013.
ARANTES, Heliene Carvalho	<i>O Português Falado na Cidade de Manaus: Coleta de Dados: SISPROJ – n°27543</i> . Pesquisa de Iniciação Científica (PAIC), Universidade do Estado do Amazonas, 2014.
BERÇOT-RODRIGUES, Shanay Freire	<i>A Realização da Fricativa Glotal na Fala Manauara</i> . Dissertação (Mestrado em Letras). Manaus, UFAM, 2014.
EVANGELISTA, Camilla dos Santos	<i>A realização da lateral /l/ na fala manauara: Um estudo sociolinguístico variacionista</i> . Trabalho de Conclusão de Curso de Letras da Universidade do Estado do Amazonas, UEA, 2014.
MARTINS, Silvana; MARTINS, Valteir	<i>Particularidades do uso dos pronomes de segunda pessoa no falar do manauara: Um estudo no panorama da variação pronominal do Português do Brasil</i> . 178. Inter DISCIPLINARY Journal of Portuguese Diaspora Studies. Vol. 3.1, 2014.
RIBEIRO, Paula Jamile Feitosa	<i>Contextos Linguísticos e Socioculturais da Variação da Expressão de Futuridade na Fala Manauara</i> . Pesquisa de

	Iniciação Científica (PAIC), Universidade do Estado do Amazonas, 2014.
BARROS, Nathalie Anne Conceição	<i>Indicativo na Expressão do Irrealis na Fala Manauara.</i> Trabalho de Conclusão de Curso de Letras da Universidade do Estado do Amazonas, UEA, 2015.
GONÇALVES, S. M. Godinho	<i>Um olhar lexical sobre a identidade dos migrantes interioranos do estado do Amazonas: Um estudo de Geolinguística.</i> Dissertação (Mestrado em Letras). Universidade Federal do Amazonas, 2015.
HOLANDA, Luciana Serdeira	<i>A gradação na fala manauara: Uma abordagem sociolinguística e funcional.</i> Trabalho de Conclusão de curso de Letras da Universidade do Estado do Amazonas, Manaus, 2015.
RIBEIRO, Paula Jamile Feitosa	<i>A Variação da Futuridade na Fala Manauara.</i> Trabalho de Conclusão de Curso de Letras da Universidade do Estado do Amazonas, UEA, 2015.
SIMAS, Ana Augusta de Oliveira	<i>O gerúndio na expressão de tempo futuro na diversidade do Português do Manauara.</i> Dissertação (Mestrado em Letras e Artes). Universidade do Estado do Amazonas, 2016.
ARAÚJO, Jussara Maria Oliveira de	<i>A Expressão de Futuridade na Escrita Jornalística Manauara dos Anos 80 aos dias Atuais: Um Estudo Sociofuncionalista.</i> Dissertação (Mestrado em Letras e Artes), Universidade do Estado do Amazonas, 2016.
CARDOSO, Leticia Pinto	<i>Atlas Linguístico dos Falares de Manaus – ALFAMA.</i> Dissertação (Mestrado em Letras). Universidade Federal do Amazonas, 2018.
MARTINS, Joyce Camila	<i>A Nasalização Variável de Vogais na Fala Manauara.</i> Dissertação (Mestrado em Letras e Artes), Universidade do Estado do Amazonas, 2018.

Fonte: Autoria Própria

2 FUNDAMENTAÇÃO TEÓRICA

Os estudos de abordagem dialetológica e sociolinguística no Brasil estão em desenvolvimento contínuo, sendo áreas de investigação relativamente novas, visto que a possibilidade de se gerar pesquisas de cunho linguístico, como a criação de um *Atlas Linguístico do Brasil*, só começou a ser discutido em 1952, pela Comissão de Filologia da Casa Rui Barbosa, através do decreto 30.643 de 20 de março do mesmo ano. Apesar de o governo ter sido favorável, houve diversos empecilhos que impediram a sua elaboração, o que levou Silva Neto e Celso Cunha, em 1957, a apresentarem uma proposta de *Atlas Linguístico-Etnográfico do Brasil*, dessa vez dividido por regiões, mais especificamente, sete áreas culturais. Segundo os dois autores:

É tarefa das mais urgentes a organização de um Atlas Linguístico-Etnográfico do Brasil, obra que irá tornar possível, pela primeira vez, uma visão de conjunto do desenvolvimento e do estado actual da língua portuguesa na América. (CUNHA; SILVA NETO, 1960, p. 405).

Essa decisão de se elaborar diversos atlas regionais inspirou novas pesquisas, originando muitos outros atlas, tendo como pioneiro o *Atlas Prévio dos Falares Baianos*, publicado em 1963. O projeto *Atlas Linguístico do Brasil* (ALiB) é “um empreendimento de grande amplitude, de caráter nacional, em desenvolvimento – que tem por meta a realização de um atlas geral do Brasil no que diz respeito à língua portuguesa” (site do ALiB), criado pela Universidade Federal da Bahia, em parceria com outras 12 universidades do país. Seu início ocorreu apenas em 1996 e, antes mesmo disso, já haviam sido publicados quatro grandes atlas: o *Esboço de um Atlas Linguístico de Minas Gerais* (EALMG), em 1977; o *Atlas Linguístico da Paraíba* (ALPB), em 1984; o *Atlas Linguístico de Sergipe* (ALS), em 1987; o *Atlas Linguístico do Paraná* (ALPR), em 1994 e nessa época estava em andamento o *Atlas Linguístico Etnográfico da Região Sul* (ALERS), que publicou-se em 2002.

Foram criados, ainda, vários outros programas e projetos de estudos linguísticos no país, como a implementação do *Projeto de Estudos da Norma Urbana Culta Brasileira* (NURC), no Rio de Janeiro, em 1970, sendo uma extensão do Proyecto de Estudio Coordinado de la Norma Lingüística Culta de las Principales Ciudades de Iberoamérica y de la Península Ibérica, do qual já participavam países de língua espanhola.

Ainda que vários estudos linguísticos tenham sido criados decorrentes da implementação de vários atlas linguísticos no país, ainda hoje, considerando a grande extensão

territorial do Brasil, pode-se dizer que o conhecimento sobre a variação do português brasileiro precisa ser ampliado, por meio da investigação científica, especialmente tendo como objeto de estudo as regiões pouco pesquisadas, como é o caso da região Norte.

As duas universidades públicas no estado do Amazonas têm se empenhado em ampliar as pesquisas sociolinguísticas e dialetológicas. Entre esses, destacam-se as pesquisas realizadas por graduandos e mestrandos ligados ao projeto *Atlas Linguístico do Amazonas* (ALAM), coordenado pela linguista Maria Luísa Cruz-Cardoso, professora doutora da Universidade Federal do Amazonas. Há também nessa instituição federal a professora Maria Sandra Campos, coordenadora do Projeto AMPER-POR no Amazonas.

A Universidade do Estado do Amazonas desenvolve o projeto *Fala Manauara Culta e Coloquial* (FAMAC), constituído por uma equipe de graduandos e mestrandos coordenados pelos professores doutores Silvana Andrade Martins e Valteir Martins, ao qual este trabalho se vincula.

Na perspectiva de ampliar o conhecimento dialetológico referente ao português falado no Brasil, esta pesquisa tem como objeto de estudo a fala da população nascida na capital do estado do Amazonas e investiga o comportamento das alveolares /t/, /d/, /n/ e /l/ e das velares /k/ e /g/ quando aproximadas da vogal anterior alta /i/, procurando confirmar a hipótese da realização do fenômeno da harmonização fonético-fonológica da fala na comunidade manauara, através de uma classe natural que seja regente do fenômeno de palatalização tanto das alveolares quanto das velares no contexto de /i/.

Esta é, portanto, de uma pesquisa de cunho Sociolinguístico Variacionista, realizada por meio de pesquisa de campo, definida como quali-quantitativa. Para verificar essa ocorrência, foram utilizados os parâmetros do Atlas Linguístico do Brasil – ALiB.

Nesta fundamentação teórica, apresenta-se uma revisão de conceitos que são pertinentes ao fenômeno fonológico em estudo. Primeiramente, conceitua-se língua e variação, posteriormente, discorre-se sobre a Dialetologia e a Sociolinguística Variacionista, assim como sobre a Fonética e Fonologia. Com o objetivo de ampliar o conhecimento acerca do assunto e expor o que já se investigou na área da palatalização no Brasil, foram relatados alguns trabalhos publicados anteriormente sobre esse fenômeno. Em seguida, explicita-se a importância da vogal alta anterior /i/, assim como foram apresentadas as neutralizações, alofonias e os fonemas em estudo nesse trabalho. Na sequência, elucida-se sobre as Classes Naturais que envolvem as alveolares e velares no contexto de /i/ na fala manauara. Posteriormente, explana-se sobre o

fenômeno em estudo, a saber, a palatalização das alveolares no contexto de /i/ e a Teoria da Geometria dos Traços Fonológicos de Clements (1985).

2.1 LÍNGUA, FALA E VARIAÇÃO

Para Saussure (2006), o estudo acerca da linguagem é dividido em duas partes: a língua e a fala. A língua é social e, por isso, independe do indivíduo, tendo um caráter psíquico. A fala é secundária, é a parte individual da linguagem, caracterizada pela *fonação* e por possuir caráter psíquico-físico. As duas partes se correlacionam.

A *língua* é o objeto da Linguística e precisa ser abordada quando se trata de estudos de cunho sociolinguístico. Segundo Fiorin (2003, p. 10):

A língua é para Saussure “um sistema de signos” – um conjunto de unidades que se relacionam organizadamente dentro de um todo. É “a parte social da linguagem” exterior ao indivíduo; não pode ser modificada pelo falante e obedece às leis do contrato social estabelecido pelos membros da comunidade.

Ferdinand de Saussure (1857-1913) é conhecido como o *Pai da Linguística*. Em seu livro *Curso de Linguística Geral*, publicado postumamente pela editora Payot de Paris, em 1916, por seus discípulos Charles Bally e Albert Sechehaye com a colaboração de Albert Riedlinger, Saussure diz que “é a fala que faz evoluir a língua: são as impressões recebidas ao ouvir os outros que modificam nossos hábitos linguísticos”. (2006, p. 27). Tem-se aqui uma conceituação do processo de produção da fala, que se estende desde a percepção dos sons feita pelo ouvinte, passando pelo seu processamento mental e finalizando pela sua articulação. Corroborando com o que afirma Saussure, Brandão (1991, p. 5) explica que “cada falante é, a um tempo, usuário e agente modificador de sua língua, nela imprimindo marcas geradas pelas novas situações com que se depara”.

Adotou-se também, a definição de Ferreira e Cardoso (1994, p. 11) que entendem a língua como “um sistema de sinais acústico-orais, que funciona na intercomunicação de uma coletividade. É resultado de um processo histórico, evolutivo”. Dentro desse sistema de intercomunicação, é possível distinguir diversos subsistemas chamados *dialetos* (do grego *diálektos*, pelo latim *dialectu*). Os dialetos são variedades linguísticas que podem determinar a origem de seus falantes, seja em termos de localidade (dialetos regionais), seja em aspectos sociais (dialetos sociais ou socioletos).

Partindo do pressuposto de que a fala modifica as línguas, entende-se que há mais de uma forma de se dizer “a mesma coisa” para que ocorra a evolução de uma língua. Calvet (2002, p. 103) explica que há essas formas diferentes de dizer a mesma coisa “quando dois significantes têm o mesmo significado e quando as diferenças que eles representam têm função outra, estilística ou social”. Lembra-se de que se trata de uma dicotomia saussureana referida por Calvet: *significante* é a imagem acústica sensorial do signo (palavra), ou seja, a impressão psíquica do som, enquanto o *significado* é o conceito mental que se tem deste signo (SAUSSURE, 2006, p. 80-81). A escolha que o falante faz de determinado significante em detrimento de outro reflete o contexto sócio-histórico em que ele se encontra.

Com relação à fala, na Linguística, não se considera que exista o “erro linguístico”, nos diálogos estabelecidos socialmente. Na verdade, há uma variação, diferenças de códigos, que estão sujeitos a léxicos e regras gramaticais distintos. Logo, ao tratar dessa questão, Ilari e Basso (2006, p. 177) nos dizem que “estamos diante de outro código, e não de erros devido às limitações mentais dos indivíduos”. Essa aparente agramaticalidade da fala cotidiana é apresentada por Labov (2008, p. 237) como:

Um mito sem nenhum fundamento na realidade, o qual parece originar-se em duas fontes: “dados obtidos de transcrições de conferências acadêmicas (...) e a tendência habitual a aceitar ideias que se encaixam em nosso quadro de referências [linguísticas formais], sem observar os dados que nos circundam [: o vernáculo].

É exatamente sem observar os dados reais que muitos não se dão conta de que, naturalmente, “a língua escrita tende a ser mais altamente padronizada do que a fala dos que a utilizam” (LYONS, 1987, p. 254).

Na Linguística, é sabido que não há uma norma especificamente padronizada na modalidade oral, e que a fala se realiza de diferentes formas, em suas variantes cultas e populares. Entendemos por variante “uma forma linguística que faz parte de um conjunto de alternativas de um determinado contexto” (CRYSTAL, 2008, p. 265).

Todas as línguas são heterogêneas por natureza, todas sofrem variação. “A variação é inerente à língua e reflete variações sociais” (WEEDWOOD, 2002, p. 152). É necessário, então, que falantes de certos grupos que utilizem outras variantes que não a padrão para que, por vezes, uma delas passe a ser a nova variante padrão. Caso contrário, se usaria ainda hoje, no Brasil, o pronome de tratamento *Vossa Mercê*, o qual, segundo Ferreira (2004), passou a *vossemecê*, *vosmecê*, *você* (p. 2072) e é hoje utilizado em grande escala como *cê* em algumas

regiões do país. Segundo Lyons (1987), com o passar do tempo e o acúmulo de mudanças ocorridas dentro de uma língua, esta acaba por tornar-se uma língua distinta. Essas mudanças, porém, não ocorrem “do dia para a noite”, “A verdade é que a transformação de uma língua em outra não é repentina, mas gradual” (LYONS, 1987, p. 172).

2.2 DIALETOLOGIA E SOCIOLINGUÍSTICA VARIACIONISTA

A inquietação pelo estudo das variedades regionais de alguma língua é bastante antiga, porém os estudos de Dialectologia se expandiram apenas no final do século XIX, na Alemanha, Itália e notadamente na França, em que a disciplina entrou para o currículo da *École Pratique des Hautes Études de Paris* e também com o pioneirismo de Jules Gilliéron, que utilizou a geolinguística como método específico na elaboração do *Atlas Linguístico da França* (ALF). Sobre o crescimento dos estudos dialetológicos, Siqueira, Magalhães e Gonçalves (2014, p. 51) afirmam que “Ganharam impulso os estudos dialetológicos pelo ideal da valorização das manifestações populares (usos, crenças, costumes, falares) e pela evolução histórica das formas linguísticas”.

Cardoso (2004, p. 99) aponta que “sendo a Dialectologia, uma ciência com larga tradição, com valiosa literatura e metodologia já estabelecida, é imprescindível manter os estudos nessa área com as adaptações requeridas pelo mundo moderno”. A tarefa da Dialectologia, segundo Cardoso (2010, p. 15), é: “descrever e situar os diferentes usos em que uma língua se diversifica, conforme a sua distribuição espacial, sociocultural e cronológica”.

No Brasil, há muitas pesquisas nessa área e elas avançam significativamente. Como pioneiro, o projeto *Atlas Linguístico do Brasil* (ALiB), que esboçado em 1952, pela Universidade Federal da Bahia e finalmente posto em prática em 1996, encontra-se ainda em andamento. Logo após a idealização do ALiB, na Bahia mesmo, foi criado o projeto *Atlas Prévio dos Falares Baianos* (APFB), coordenado por Nelson Rossi e abrangeu 50 localidades, sendo publicado em 1963 em duas partes: um livro de introdução e os mapas linguísticos. Outro projeto importante foi o *Atlas Linguístico do Paraná* (ALPR), coordenado por Vanderci Aguilera, com o qual foram investigadas 65 localidades, tendo seus resultados publicados em dois volumes, em 1990. No Amazonas, destaca-se o *Atlas Linguístico do Amazonas* (ALAM), que investigou 9 municípios representativos desse estado, sendo coordenado por Maria Luiza Cruz de 2001 a 2004 (o ano de sua publicação), e publicado em dois volumes, seguindo a mesma estrutura dos anteriores.

Outros tantos trabalhos, além dos mencionados, têm sido desenvolvidos na área da Dialetoлогия. Segundo Coseriu (1980): “A Dialetoлогия (...) é na atualidade a seção mais vital da linguística ibero-americana, do ponto de vista da quantidade do trabalho realizado e dos materiais recolhidos, e registrou progressos sensíveis nos últimos anos”. (p. 338), tendo iniciado timidamente e tem avançado no decorrer dos anos. Coseriu também fala que a geolinguística revelou-se essencial nos métodos de investigação dialetológica: “Quanto aos métodos de investigação (...) um progresso muito mais decisivo, para além da mera entrevista, foi a introdução da geografia linguística” (p. 339).

A Sociolinguística teve seu nascimento em 1964, em Los Angeles, em uma conferência que reuniu 25 pesquisadores. Segundo Melo (2013): “A sociolinguística tem como nascedouro os Estados Unidos, na década de 1960, com os estudos de William Labov”. (p. 1). Seu incentivador foi William Bright, que era o encarregado da publicação das atas, definindo o papel da sociolinguística; foi Labov, contudo, quem começou uma série de investigações sobre variação linguística. Nomes muito importantes na história da Linguística se fizeram presentes no encontro, entre eles: John Fisher, Dell Hymes, John Gumperz, Charles Ferguson. Sobre esse encontro, Calvet (2002, p. 30) comenta: “O encontro de maio de 1964 marca, com efeito, o nascimento da Sociolinguística”.

A Sociolinguística, segundo Calvet (2002, p. 21), era “Como uma ciência que mostra que a variação ou diversidade não é livre, mas que é correlata às diferenças sociais sistemáticas”. O grande papel da Sociolinguística para Siqueira, Magalhães e Gonçalves (2014, p. 49) é:

Investigar o grau de estabilidade ou de mutabilidade da variação, diagnosticar as variáveis que têm efeito positivo ou negativo sobre a emergência dos usos linguísticos alternativos e prever seu comportamento regular e sistemático.

Segundo Bright (1974), a Sociolinguística pretendia: “demonstrar a covariação sistemática das variações linguística e social, e, talvez, até mesmo demonstrar uma relação causal em uma ou outra direção” (p. 17) e as autoras prosseguem afirmando qual é o objeto de estudo da Sociolinguística: “é precisamente a diversidade linguística o objeto de estudo da sociolinguística”. (p. 18).

Labov tem papel importantíssimo na história da Sociolinguística Variacionista, pois em 1964, ele concluiu um estudo na cidade de Nova Iorque: *A Estratificação do Inglês em Nova Iorque*. Conforme Alkmim (2008, p. 30),

Em que ele estabeleceu um modelo de descrição e interpretação do fenômeno linguístico no contexto social de comunidades urbanas – conhecido como Sociolinguística Variacionista ou Teoria da Variação, de grande impacto na Linguística contemporânea.

A Sociolinguística Variacionista trabalha exatamente com a heterogeneidade linguística, a qual pode ser observada, descrita e analisada empiricamente. Ao focar a variação da produção linguística dentro dos limites das comunidades de fala estabelecidos em suas pesquisas, essa teoria veio contrapor a abordagem dos gerativistas da década anterior. Eles, assim como os estruturalistas, idealizavam uma comunidade de fala homogênea. Labov (2008 p. 140) expõe que antigamente era perfeitamente normal considerar invariantes as normas sociais que compõe a língua e precisavam ser compartilhadas por todos da comunidade de fala, entretanto, novos estudos do contexto social em que se estuda determinada língua, mostram que muitos elementos que fazem parte da estrutura linguística estão envolvidos na variação, fazendo necessário que qualquer nova pesquisa se baseie, além do contexto linguístico, no contexto extralinguístico, com investigação social de determinada produção linguística.

A Dialetoлогия e a Sociolinguística se correlacionam, pois, segundo Ferreira e Cardoso (1994, p. 16), “a Dialetoлогия estuda a diversidade diatópica e a Sociolinguística, a diversidade diastrática”. Assim, há dois tipos de diferenças internas em uma língua, as diatópicas (do grego *dia* = através de; *topos* = lugar) e as diastráticas, que estão relacionadas aos estratos sociais. As diatópicas dizem respeito a diferenças no falar de uma mesma língua em espaços geográficos distintos, ao conjunto de formas específicas utilizadas em determinada região, conhecido como dialeto regional ou simplesmente dialeto. As diastráticas são as variantes socioculturais que podem determinar características específicas do falante, como classe social, gênero, grau de escolaridade, profissão, faixa etária, etc. Ao conjunto de formas de determinadas características denomina-se dialeto social ou socioleto.

Há uma distinção bem definida entre esses dois tipos de diferenças na teoria, no entanto, Ilari e Basso (2006, p. 163) observam que, na prática, “nem sempre é fácil separar o que é diatópico do que é diastrático”. Eles continuam dizendo que é preciso que o pesquisador mantenha, da maneira mais precisa possível, um controle das variáveis extralinguísticas, com o objetivo de verificar quais as características da produção de determinado falante refletem traços socioculturais e quais as características que demonstram traços da origem regional, somente assim pode-se determinar se um dado fenômeno ocorre mais em alguma comunidade

de fala do que outra ou ainda, se ocorre em determinado gênero e no outro não, ou se ocorre mais em alguma faixa etária específica.

No que se refere às diferenças de gênero, muito já se tem visto nas pesquisas publicadas referentes aos estudos da linguagem. Parece ser acordo geral entre os pesquisadores que a fala das mulheres tende a apresentar mais marcas de variantes prestigiadas socialmente do que a dos homens. Paiva (2010, p. 34) comenta que há muitos outros estudos de orientação sócio-variacionista que corroboraram com a constatação de um outro pesquisador: Fisher. Ele dizia que gênero e sexo pode ser um grupo de fatores significativos no processo de variáveis de diferentes níveis, podendo ser fonológicos, morfossintáticos ou até mesmo semânticos, apresentando um padrão regular, demonstrando que as mulheres possuem maior preferência pelas variantes linguísticas mais prestigiadas socialmente.

Há ainda autores que falam do cruzamento entre o gênero e a escolaridade que são Oliveira e Paiva (1996, p. 39), em que apontam características de que a escolarização “atua de forma mais nítida sobre as mulheres do que sobre os homens, em que a mulher se revela mais receptiva à atuação normativa da escola, mais predisposta à incorporação de modelos linguísticos”.

Para uma melhor utilização dos materiais para as pesquisas de cunho linguístico é imprescindível que haja uma colaboração entre a Sociolinguística e a Dialetologia e, a partir disso, Brandão (1991, p. 12) explicita que: “os princípios da geografia linguística combinados aos da sociolinguística podem ensejar um melhor conhecimento dos mecanismos com que opera uma língua e dos fatores que determinam sua evolução”. Conseqüentemente, é necessário que as pesquisas tratem de fatores linguísticos e extralinguísticos ao mesmo tempo, levando em conta as questões sociais. Por fim, Labov (2008, p. 151) expõe que o “estudo da variação social na língua é simplesmente um dos muitos aspectos do estudo das estruturas linguísticas variantes”.

2.3 FONÉTICA E FONOLOGIA

A Fonética e a Fonologia têm o mesmo objeto de estudo: os sons da fala humana, ou seja, tanto uma quanto a outra investiga como os seres humanos produzem e ouvem os sons da fala. A diferença reside no ponto de observação desse objeto: a Fonética descreve os sons da fala, enquanto que a Fonologia os interpreta. Os tipos de análise traçadas por cada uma são também diferentes. Cagliari (2002, p. 18) distingue:

A análise fonética baseia-se nos processos de percepção e de produção dos sons. A análise fonológica baseia-se no valor dos sons dentro de uma língua, isto é, na função linguística que eles desempenham nos sistemas de sons das línguas.

A fonética, segundo Weiss (1980), é o estudo dos sons da fala humana em suas diversas realizações, sem se importar com sua função e seu significado. Segundo a autora, o processo da comunicação falada é complexo e supõe que tenha um falante (ou emissor) e um ouvinte (receptor), ou, ainda, dois ouvintes, pois o falante também escuta a fala do outro. O falante formula em seu cérebro a mensagem, emitindo o som através da articulação de seus órgãos vocais, sendo transmitido pelas vibrações do ar, fazendo com que o ouvinte capte esses sons com o ouvido e os interprete com o cérebro.

Para que a comunicação seja realizada com sucesso entre os interlocutores, é necessário um funcionamento físico adequado dos órgãos que fazem parte da caixa acústica que são responsáveis pela produção e percepção dos sons da fala, para que saia o som: O cérebro, os pulmões, a laringe, o ouvido, dentre outros órgãos e também que os interlocutores consigam falar o mesmo código, a mesma língua falada pelo outro. Outro ponto importante é a capacidade de se interpretar as ondas sonoras emitidas pelo falante e captadas pelo ouvinte.

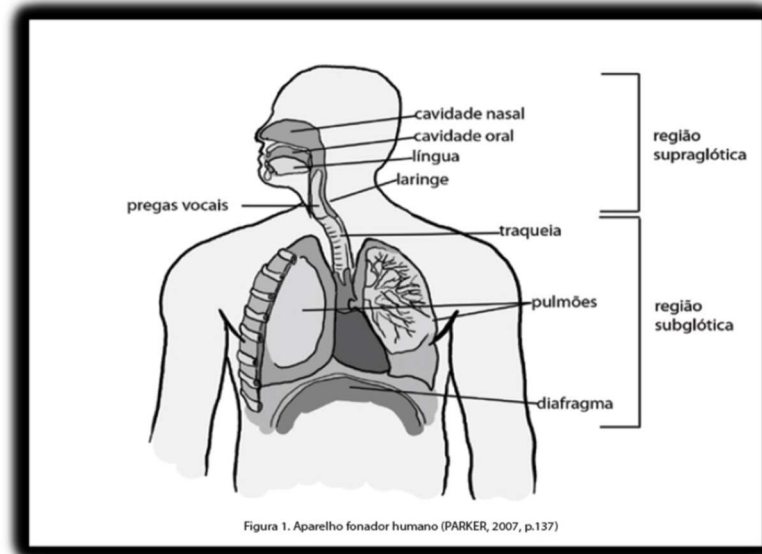
Segundo as autoras Lazzarotto-Volcão, Nunes e Seara (2011, p. 12), sobre Fonética:

Podemos estudar a fala a partir da sua fisiologia, ou seja, a partir dos órgãos que a produzem, tais como a língua, responsável pela articulação da maior parte dos sons da fala; e a laringe, responsável principalmente pela produção de “voz” que leva à distinção entre sons vozeados (sonoros) e não-vozeados (surdos). Podemos também estudá-la a partir dos sons gerados por esses órgãos, ou seja, com base nas propriedades sonoras (acústicas) transmitidas por esses sons. Podemos ainda examinar a fala, sob a ótica do ouvinte, ou seja, da análise e processamento da onda sonora quando realiza a tarefa de percepção dos sons, dando sentido àquilo que foi ouvido. Todos esses aspectos podem ser considerados pela Fonética.

Lazzarotto-Vulcão, Nunes e Seara discorrem sobre a fonética, no sentido de que a fonética articulatória é, de fato, o estudo dos sons da fala na busca de suas características fisiológicas e articulatórias. Para o entendimento dos mecanismos de articulação dos sons produzidos, é preciso conhecer os órgãos responsáveis pela realização dos diferentes sons do aparelho fonador humano, no qual os sons são produzidos. O aparelho fonador é dividido nas regiões subglótica e supraglótica. Essa divisão acontece a partir da glote, em função de ser acima dela que se encontram as cavidades responsáveis pelas ressonâncias vocais.

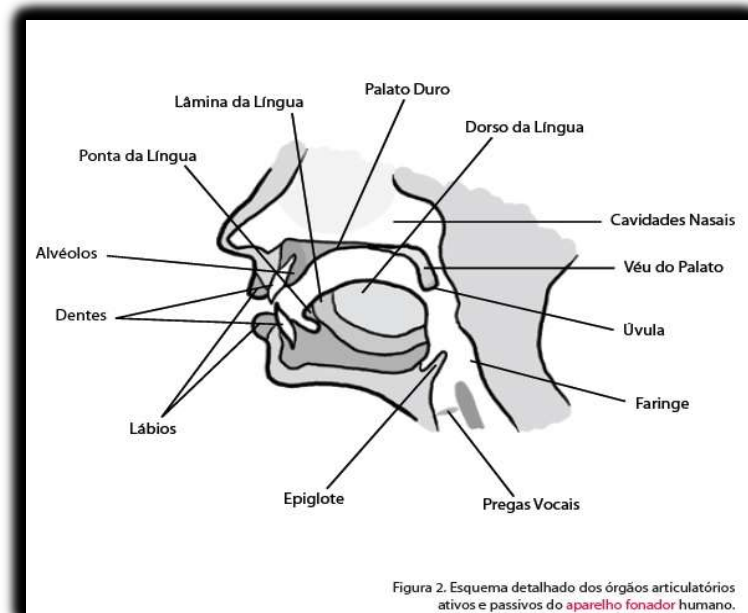
Para entendermos a estrutura (anatomia) e a função (fisiologia) de cada órgão, assim como o papel que desempenha cada um deles na produção do som, é necessário estudar o aparelho fonador, que têm como função primária a respiração, a mastigação e a deglutição; e como a secundária, a produção dos sons da fala humana, como visto nas figuras 1 e 2:

Figura 1– Aparelho fonador humano



Fonte: <<http://www.uiowa.edu/~acadtech/phonetics/anatomy.htm>>.

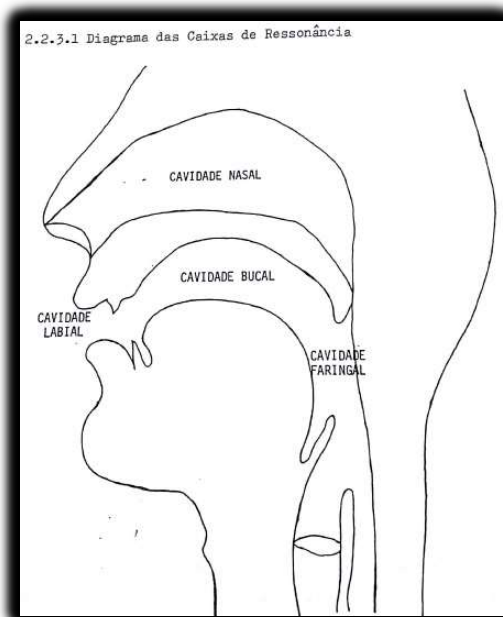
Figura 2– Esquema detalhado dos órgãos articulatorios ativos e passivos



Fonte: <<http://www.uiowa.edu/~acadtech/phonetics/anatomy.htm>>.

A base de classificação dos sons é fornecida pelo funcionamento dos órgãos fonadores, em que a corrente de ar fornece energia e se torna audível através de vários processos fisiológicos que influem na sua passagem, como, por exemplo, a ação dos ressonadores e a tensão muscular, o que vai delimitar a qualidade do som. Na figura 3, pode-se ver um diagrama da fisiologia do aparelho fonador:

Figura 3– Diagrama das caixas de ressonância



Fonte: Weiss (1980, p. 15)

Há uma distinção entre *fone* e *fonema*. O fone, prioritariamente estudado pela Fonética, constitui-se do som emitido na fala, ao que Crystal (2008, p. 112) explica: “Termo usado em Fonética para indicar o menor segmento discreto perceptível de som em uma corrente de fala (...) os fones são as Realizações físicas dos Fonemas”. O fonema, foco dos estudos da Fonologia, é a unidade que faz distinção de signo quando substituída por outra. Silva (2011, p. 109) explica o fonema como uma unidade sonora que “se distingue funcionalmente de outras unidades sonoras da língua. Dois sons podem ser classificados como fonemas quando estão em contraste e oposição. Ou seja, são sons diferentes em um mesmo contexto, em palavras com significados diferentes”.

O fone é uma unidade sonora atestada na produção da fala, precedendo qualquer análise. Os fones são os segmentos vocálicos e consonantais encontrados na transcrição fonética. O Fonema é uma unidade sonora que se distingue funcionalmente das outras unidades da língua:

os pares mínimos (ou pares análogos).

Nesta pesquisa, resalta-se a importância da alofonia, pois é seu objeto de estudo, por apresentar esse comportamento. Os alofones são unidades que se relacionam à manifestação fonética de um fonema, sendo que alofones de um mesmo fonema ocorrem em contextos exclusivos. A alofonia na Língua Portuguesa, que não é uma regra geral do português, ocorrendo apenas em certos dialetos, acontece entre os fonemas alveolares /t/ e /tʃ/ entre /d/ e /dʒ/ e os velares /k/ e /c/, já a neutralização ocorre entre os fonemas /n/ e /ɲ/ e /l/ e /ʎ/.

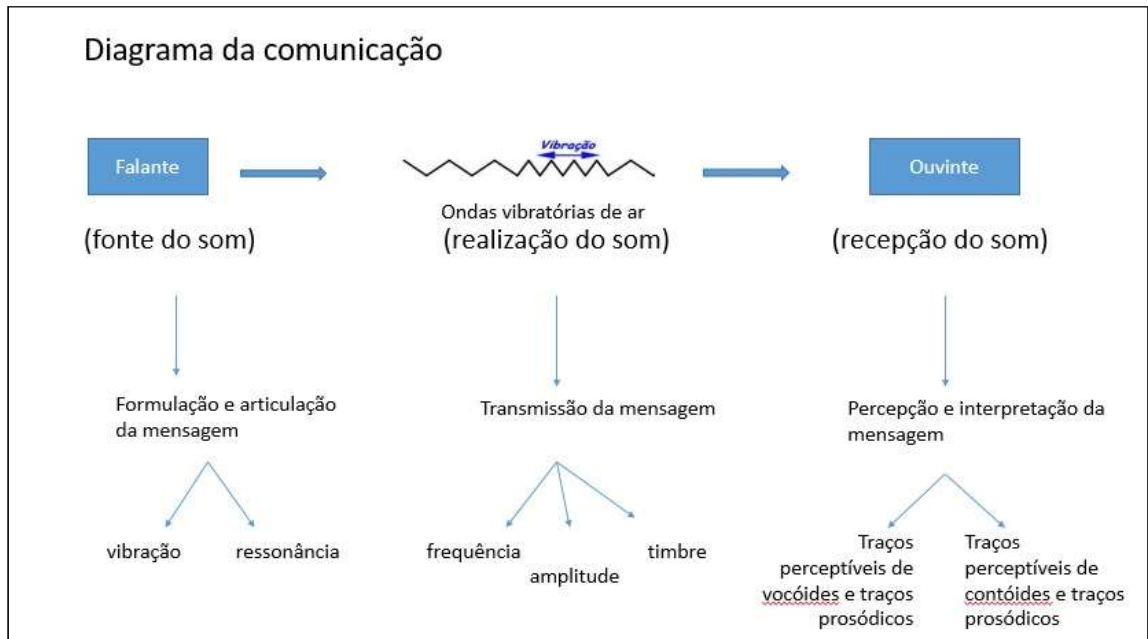
O falar é uma função adquirida e não instintiva e a comunicação falada pressupõe um conhecimento tanto do falante quanto do ouvinte, do mesmo código, que é a língua, portanto a codificação do falante e a decodificação da mensagem pelo ouvinte envolvem um processo neurofisiológico e psicológico, dando significado e forma à fala.

A audição envolve a percepção e o reconhecimento dos sons da mensagem pelo ouvido do ouvinte e do próprio falante.

A fonética pode ser estudada em três vieses: a partir da articulação, da transmissão e da audição dos sons. No caso da fonética articulatória (ou fisiológica), estuda os sons segundo a articulação pelos órgãos fonadores. A Fonética acústica estuda a transmissão dos sons, através de aparelhos que podem medir a frequência ou o número de vibrações por segundo das cordas vocais (a altura do som), ainda pode se saber a intensidade da vibração e a duração necessária para a produção do som (a sua amplitude), assim como o timbre através da ressonância.

Os símbolos fonéticos são colocados entre colchetes [], ao passo que os fonológicos entre barras oblíquas / /. Para Weiss (1980), os termos *contóide* e *vocoide* são termos da fonética, enquanto *consoante* e *vogal* são termos da Fonologia.

O estudo da fonética é necessário para uma comunicação oral bem articulada, compreensível, servindo de base para estudos fonológicos, gramaticais e lexicais de determinada língua. O diagrama da comunicação pode ser visto segundo a figura 4:

Figura 4– Diagrama da comunicação

Fonte: Weiss (1980, p. 7)

Os sons da fala humana são divididos também segundo o grau de obstrução de passagem de ar que está no canal fonador durante a articulação, e os pontos de articulação exercem demasiada importância, pois é a partir do grau de impedimento da passagem de ar que gerará uma classificação dos sons.

Os articuladores são as partes móveis ou ativas do aparelho fonador, as quais se aproximam dos articuladores imóveis ou passivos opostos (pontos de articulação) ou tocam neles, reduzindo ou impedindo a passagem de ar, determinando a forma do canal fonador.

Os articuladores móveis são principalmente os órgãos fonadores da parte inferior da boca: o lábio inferior, a ponta da língua, a lâmina da língua, o dorso da língua, o maxilar inferior; enquanto a úvula, o palato mole e as cordas vocais são articuladores de movimentos passivos, ou seja, são colocados em movimento por outros elementos.

Para os vocóides, a articulação é determinada pela forma da língua e por sua posição relativa na boca no sentido vertical e horizontal, sendo determinados pela parte mais alta da língua na boca, assim como a abertura da boca também pode ser mais fechada ou mais aberta.

Os articuladores imóveis ou pontos de articulação são principalmente os órgãos fonadores da parte superior da boca: o lábio superior, os dentes, a arcada alveolar, o palato duro e mole, a parte posterior da laringe e a glote e a úvula.

Os pontos de articulação indicam o encontro dos articuladores ativos e passivos:

- ✓ Bilabial – o lábio inferior e o posterior;
- ✓ Labiodental – o lábio inferior e os dentes incisivos superiores;
- ✓ Interdental – a ponta da língua entre os dentes;
- ✓ Dental – a ponta da língua atrás dos dentes incisivos superiores;
- ✓ Alveolar – a ponta da língua e a arcada alveolar;
- ✓ Alveolar Retroflexo – a ponta da língua levantada e dobrada para trás;
- ✓ Alveolopalatal – a lâmina ou ponta e a lâmina da língua e o palato duro;
- ✓ Palatal – a frente da língua e o palato duro;
- ✓ Velar – o dorso da língua e o palato mole;
- ✓ Uvular – o dorso da língua e a úvula;
- ✓ Faringal – a raiz da língua e a parede posterior da faringe;
- ✓ Glotal – as duas cordas vocais.

Para designar diversas articulações feitas com a língua, é usada a seguinte terminologia:

- ✓ Anteriores – Apical: articulação feita com a ponta da língua;
Laminal - articulação feita com a lâmina da língua.
- ✓ Posteriores – Dorsal: articulação feita com o dorso da língua;
Radical - articulação feita com a raiz da língua.

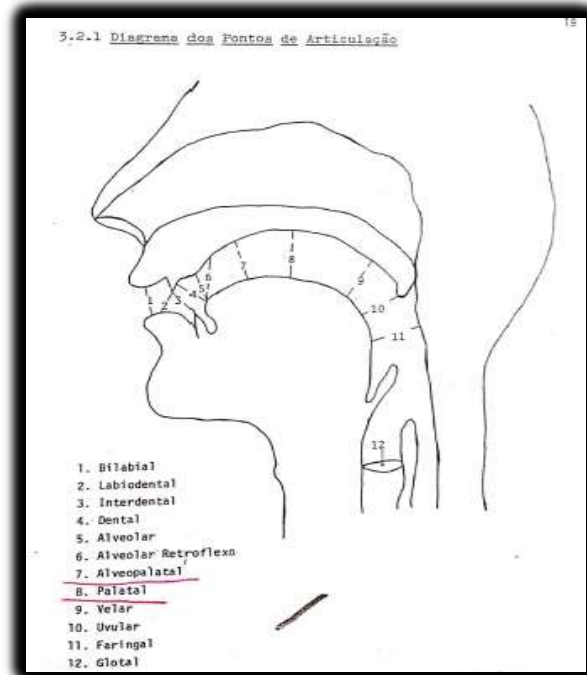
O modo de articulação é a maneira pela qual o ar sai através do canal fonador. O articulador pode provocar um impedimento total, parcial ou intermitente ou, então, deixar a passagem de ar totalmente livre. Os contoides, segundo Weiss (1980), são classificados segundo o grau de obstrução do ar:

- ✓ Oclusivos: há obstrução total no ponto de articulação. Ex: [p], [t], [g];
- ✓ Fricativos: há obstrução parcial no ponto de articulação. Ex: [f], [s], [z];
- ✓ Nasais: há obstrução total no ponto de articulação, mas o palato mole está abaixado e o ar sai pelo nariz. Ex: [m], [n], [ɲ];
- ✓ Laterais: há obstrução total no ponto de articulação no centro da boca, o ar desvia e sai por cima das bordas abaixadas da língua. Ex: [l]
- ✓ Vibrantes: há obstrução intermitente no ponto de articulação provocada pela vibração do articulador, ou então, uma simples e rápida batida do articulador no ponto de articulação. Ex: [r].

A seguir, é exposto o diagrama dos Pontos de Articulação do aparelho fonador na figura

5:

Figura 5– Diagrama dos pontos de articulação



Fonte: Weiss (1980, p. 19)

O Diagrama dos pontos de articulação, segundo Weiss (1980), estabelece 12 (doze) pontos de articulações. Nossa pesquisa concentra sua atenção em apenas três pontos, que são: o item 5 (alveolar) , 8 (palatal) e 9 (velar).

2.3.1 OS FONEMAS EM ESTUDO

Os fonemas em estudo serão apresentados segundo as classificações articulatórias do Alfabeto Fonético Internacional - IPA (2015) da Fonética Articulatória, como apresentado no quadro 2:

Quadro 2– Tabela fonética internacional

THE INTERNATIONAL PHONETIC ALPHABET (revised to 2015)

CONSONANTS (PULMONIC)

© 2015 IPA

	Bilabial	Labiodental	Dental	Alveolar	Postalveolar	Retroflex	Palatal	Velar	Uvular	Pharyngeal	Glottal
Plosive	p b			t d		ʈ ɖ	c ɟ	k ɡ	q ɢ		ʔ
Nasal	m	ɱ		n		ɳ	ɲ	ŋ	ɴ		
Trill				r					ʀ		
Tap or Flap		ⱱ		ɾ		ɽ					
Fricative	ɸ β	f v	θ ð	s z	ʃ ʒ	ʂ ʐ	ç ʝ	x ɣ	χ ʁ	ħ ʕ	h ɦ
Lateral fricative				ɬ ɮ							
Approximant		ʋ		ɹ		ɻ	j	ɰ			
Lateral approximant				l		ɭ	ʎ	ʟ			

Symbols to the right in a cell are voiced, to the left are voiceless. Shaded areas denote articulations judged impossible.

Fonte: IPA. <http://www.fonologia.org/>

Os fonemas também serão apresentados pela classificação dos seus traços, que, segundo Gamba (2015, p. 29): “São partes menores que o átomo na fonologia”. Na classificação por traços, dependendo da combinação, pode-se ter, por exemplo, um /p/ mudando para um /b/, sendo possível que qualquer som da língua seja traçado. Há diferentes abordagens para lidar com esses traços, uma delas é a proposta por Chomsky e Halle, que, segundo Gamba (2015, p. 29):

Os traços possuem valores biunívocos, ou seja, quando presentes na matriz recebem um [+] e quando ausentes, assumem valor [-]. Dessa maneira, dependendo de como combinamos alguns traços, podemos compor qualquer fonema ao escolher alguns traços.

Nos subcapítulos a seguir, os 12 fonemas estudados na pesquisa serão explicitados, logo após, os alofones e as neutralizações.

2.3.1.1 O FONEMA /t/

Nesta seção será descrito o fone /t/, que, segundo a fonética articulatória, caracteriza-se por ser uma oclusiva alveolar desvozeada, em que a obstrução é total, sendo caracterizado por oclusão. Para a sua ocorrência, o véu palatino se encontra levantado. Esse fone pode ser realizado também como oclusivo dental desvozeado.

Para a descrição dos fonemas pelos traços distintivos, adotamos os estabelecidos por Bisol (2014) exposto o quadro 3:

Quadro 3– O fonema /t/

t
- soante
- contínuo
- met. Ret.
- sonoro
+ coronal
+ anterior

Fonte: Bisol (2014, 32)

Portanto, os traços distintivos do fonema /t/ são: -soante, -contínuo, -metástase retardada, -sonoro, +coronal e +anterior.

2.3.1.2 O FONE /tʃ/

Segundo a fonética articulatória, o fone /tʃ/ é uma africada palatal desvozeada. O quadro 4 descreve-seus traços distintivos, que são:

Quadro 4– O fone [tʃ]

[tʃ]
- soante
- contínuo
+ met. Ret.
- sonoro
+ coronal
- anterior

Fonte: Bisol (2014, 33)

Portanto, os traços distintivos da africada palatal [tʃ], que no português funciona como um alofone do fonema /t/, são: -soante, -contínuo, +metástase retardada, -sonoro, +coronal e -anterior.

2.3.1.3 O FONEMA /d/

Segundo a Fonética articulatória, o fonema /ð/ é uma oclusiva alveolar vozeada, o tipo de obstrução do ar é total, por oclusão, o articulador ativo é o ápice ou lâmina da língua, os articuladores passivos são os alvéolos, o estado do véu palatino é levantado, e esse fone também pode ser realizado como oclusiva dental vozeada. Em termos de traços distintivos, o fonema /d/ tem os seguintes traços:

Quadro 5– O fonema /d/

d
- soante
- contínuo
- met. Ret.
+ sonoro
+ coronal
+anterior

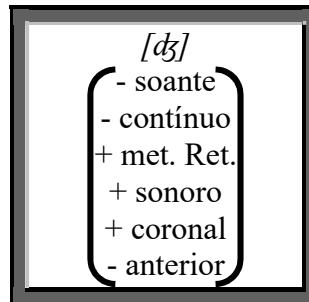
Fonte: Bisol (2014, 30)

Portanto, os traços distintivos do fonema /d/ são: -soante, -contínuo, -metástase retardada, +sonoro, +coronal e +anterior.

2.3.1.4 O FONE /dʒ/

Segundo a Fonética articulatória, o fone [dʒ] é um som africado, palatal vozeado, a obstrução inicial é total, seguida de uma fricção (obstrução parcial), o articulador ativo é a parte anterior da língua, o articulador passivo é a parte média do palato duro, a posição do véu palatino é levantada. Sua função na língua portuguesa é de um alofone. Os traços desse alofone são:

O quadro 6 demonstra os traços:

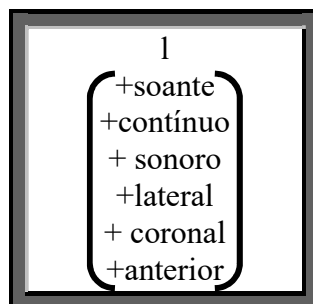
Quadro 6– O fone [dʒ]

Fonte: Autoria Própria.

Portanto, os traços distintivos da africada palatal sonora [dʒ], que no português funciona como um alofone do fonema /d/, são: -soante, -contínuo, +metástase retardada, +sonoro, +coronal e -anterior.

2.3.1.5 O FONEMA /l/

Segundo a Fonética Articulatória, a consoante /l/ é uma aproximante lateral alveolar vozeada, o tipo de obstrução é total da ponta da língua no centro da boca e as bordas estão abaixada, por onde o ar passa continuamente. Em termos de traços distintivos, temos:

Quadro 7–O fonema /l/

Fonte: Autoria Própria.

Portanto, os traços distintivos da lateral alveolar /l/ são: +soante, +contínuo, +sonoro, +lateral, +coronal e +anterior.

2.3.1.6 O FONEMA /ʎ/

Segundo a Fonética Articulatoria, o fonema /ʎ/ é uma lateral palatal vozeada, o tipo de obstrução é total, o articulador ativo é a parte média da língua, o articulador passivo é a parte final do palato duro, a posição do véu palatino é levantada.

Pela distinção dos traços, segue o quadro 8:

Quadro 8– O fonema /ʎ/

/ʎ/
+ soante
+ contínuo
+ sonoro
+ lateral
+ coronal
- anterior

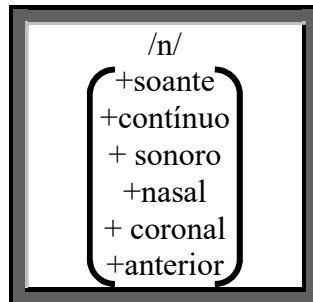
Fonte: Autoria Própria.

Portanto, os traços distintivos da lateral palatal /ʎ/ são: +soante, +contínuo, +sonoro, +lateral +coronal e -anterior.

2.3.1.7 O FONEMA /n/

Segundo a Fonética Articulatoria, o fonema /n/ é uma nasal alveolar vozeada, o tipo de obstrução é total, o articulador ativo é o ápice ou lâmina da língua, os articuladores passivos são os alvéolos, a posição do véu palatino precisa estar abaixado. Esse fonema também pode ser realizado como nasal dental vozeada.

Pela distinção dos traços, segue o quadro 9:

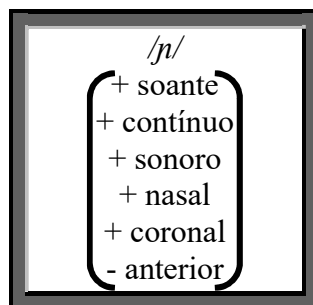
Quadro 9– O fonema /n/

Fonte: Autorial Própria.

Portanto, os traços distintivos da nasal alveolar /n/ são: +soante, +contínuo, +sonoro, +nasal, +coronal e +anterior.

2.3.1.8 O FONEMA /ɲ/

Segundo a Fonética articulatória, o fonema /ɲ/ é um fonema nasal palatal vozeado, o tipo de obstrução é total, o articulador ativo é a parte média da língua, o articulador passivo é a parte final do palato duro, a posição do véu palatino encontra-se abaixada no momento da articulação. Pela distinção dos traços, segue o quadro 10:

Quadro 10– O fonema /ɲ/

Fonte: Autorial Própria.

Portanto, os traços distintivos da nasal alveolar /ɲ/ são: +soante, +contínuo, +sonoro, +nasal, +coronal e -anterior.

2.3.1.9 O FONEMA /k/

O fone /k/ é uma oclusiva velar desvozeada, como visto no quadro 11:

Quadro 11– O fonema /k/

k
(- soante - contínuo - met. Ret. - sonoro - coronal - anterior)

Fonte: Bisol (2014, 32)

Portanto, os traços distintivos do fonema /k/ são: -soante, -contínuo, -metástase retardada, -sonoro, -coronal e -anterior.

2.3.1.10 O FONEMA /c/

O fone [c] é uma oclusiva palatal desvozeada, que na língua portuguesa funciona como alofone do fonema /k/. O quadro 12 descreve seus traços.

Quadro 12– O fonema [c]

[c]
(- soante - contínuo - met. Ret. - sonoro - coronal - anterior + alto - posterior)

Fonte: Carr (1994, 305)

Portanto, os traços distintivos do fone [c] são: -soante, -contínuo, -metástase retardada, -sonoro, -coronal, -anterior, +alto e -posterior.

2.3.1.11 O FONEMA /g/

O fone /g/ é uma oclusiva velar vozeada, como no quadro 13:

Quadro 13– O fonema /g/

<p style="text-align: center;">/g/</p> <ul style="list-style-type: none"> - soante - contínuo - met. Ret. + sonoro - coronal - anterior

Fonte: Autorial Própria.

Portanto, os traços distintivos do fonema /g/ são: -soante, -contínuo, -metástase retardada, +sonoro, -coronal e -anterior.

2.3.1.12 O FONEMA /j/

O fone /j/ é uma oclusiva palatal vozeada, seus traços estão apresentados no quadro 14:

Quadro 14- O fonema [j]

<p style="text-align: center;">[j]</p> <ul style="list-style-type: none"> - soante - contínuo - met. Ret. + sonoro - coronal - anterior + alto - posterior

Fonte: Carr (1994, 305)

Portanto, os traços distintivos do fone [j] são: -soante, -contínuo, -metástase retardada,

+sonoro, -coronal, -anterior, +alto e -posterior.

2.3.2 OS ALOFONES

2.3.2.1 OS ALOFONES /t/ E /tʃ/

A alofonia ocorre quando um fonema possui mais de um fone, ou seja, mais de uma realização fonética. Na alofonia, não se formam pares mínimos entre as variações do mesmo fonema.

A alofonia de [τ/τΣ] se explica da seguinte forma: o fonema /t/ será realizado com /tʃ/ diante do fonema /i/ e com [t] nos demais ambientes fonológicos. Assim, a palavra time seria produzida com [ˈtʃimi] e tome seria produzida como [ˈtomi].

Para se comprovar que um fonema tem alofones, é necessário apontar os ambientes de ocorrência de cada alofone. O procedimento de comprovação se faz alinhando as palavras que contenham cada alofone. Exemplo no quadro 15:

Quadro 15– Alofonia entre [t/tʃ]

	[t]		[tʃi]
Rato	[ˈhato]	tijela	[tʃiˈzɛla]
lata	[ˈlata]	tijolo	[tʃiˈzolo]
Leite (e)	[ˈleite]	leite (i)	[ˈleitʃi]
torta	[ˈtɔhta]	patife	[paˈtʃife]
Rato	[taˈtu]	tigre	[ˈtʃigre]
teto	[ˈteto]	botijão	[butʃiˈzãw]

Fonte: Autoria Própria

A palavra ‘tia’, se pronunciada com os dois fones distintos da alofonia [τ/τΣ] [ʊτiα ε ʊτΣiα], não haverá mudança de significado, somente se perceberá uma variação diatópica, como se estivesse imitando falares de regiões distintas. Também, não haverá mudança de significado, em palavras, tais como ‘leite’ e ‘teatro’, se houver variação na pronúncia da sílaba ‘te’ [τεʊατPo/τΣiʊατPo] e [ʊλειτε/ʊλειτΣi], haverá prioritariamente uma variação diatópica. Nesses casos, não haverá mudança de significado porque esses dois sons formam uma unidade distributiva, isto é, o fone [t] é distribuído para a posição antes das vogais [ε, E, α, o, ɔ ʊ] e o fone [τΣ], para a posição antes da vogal [i].

2.3.2.2 OS ALOFONES /d/ E / dʒ /

A alofonia, como já explicado, ocorre quando um fonema possui mais de um fone, ou seja, mais de uma realização fonética. A alofonia de [δ/δZ] se explica da seguinte forma: o fonema [δ] será realizado com [δZ] diante do fonema /i/ e com [d] nos demais ambientes fonológicos. Assim, a palavra **dato** seria produzida com [∪δατο] e **dito** seria produzida como [∪δZιτο].

O procedimento de comprovação que os fones [δ/δZ] são alofones está apresentado no alinhamento de palavras conforme quadro 16:

Quadro 16– Alofonia entre [d/dʒ]

	[d]		[dʒ]
dato	['d <u>ato</u>]	dia	['dʒ <u>ia</u>]
fada	['f <u>ada</u>]	digno	['dʒ <u>i</u> jino]
pode (e)	['p <u>ode</u>]	pode (i)	['p <u>odʒi</u>]
dorca	['d <u>orka</u>]	fadiga	[fa'dʒ <u>iga</u>]
gado	['g <u>ado</u>]	diabo	[dʒ <u>i</u> 'abo]
dela	['d <u>ela</u>]	diária	[dʒ <u>i</u> 'aria]

Fonte: Autoria Própria

No quadro apresentado, vê-se a distribuição das ocorrências de [δ/δZ] que estão organizadas de maneira que o [δZ] vai ocorrer só antes da vogal [i] e [δ] com as demais vogais da língua.

Para certificar que está correta a interpretação alofônica de [δ/δZ], basta avaliar se ao mudar a pronúncia da palavra, somente nos dois alofones, o significado muda ou não. Se mudar o significado, a interpretação alofônica está errada, mas se permanecer o mesmo significado, a interpretação está correta. Exemplo, a palavra 'dia', se pronunciada com os dois fones distintos da alofonia [δ/δZ] [∪δια ε ∪δZια], não há mudança de significado, somente se perceberá uma variação diatópica, como se caracterizam os falares de determinadas regiões do nordeste com uma das pronúncias. Também, não há mudança de significado, na palavra 'pode' [∪πoδε/∪πoδZι], haverá uma variação no estilo ao falar.

Nesses casos, não houve mudança de significado porque esses dois sons verdadeiramente alofônicos formam uma unidade distributiva, isto é, o fone [d] é distribuído para a posição antes das vogais [ε, E, α, o, ɔ ʊ] e o fone [δZ], para a posição antes da vogal [ɪ].

A exposição das alofonias entre [τ/τΣ] e [δ/δZ] auxiliou na interpretação da palatalização/neutralização de [v/ʎ] e [λ/×] na fala manauara, pois há uma simetria fônica. Essa correspondência simétrica se dá da seguinte forma: [τ/δ] são alveolares e [τΣ/δZ] são palatais. Da mesma forma [v/λ] são alveolares e [ʎ/×] são palatais. A vogal [i] é o gatilho disparador da mudança de um som alveolar passar a ser um som palatal, pois ela possui o traço palatal.

2.3.3 AS NEUTRALIZAÇÕES

2.3.3.1 A NEUTRALIZAÇÃO DE /l/ E /ʎ/

Segundo Lazzarotto-Volcão, Nunes e Seara (2011), a neutralização ocorre quando houver a perda de distinção fonêmica entre par mínimo, isto é, em alguns contextos particulares, dois sons diferentes são reduzidos a um somente.

Cristóvão Silva (2002, p. 158) fala do arquifonema e da neutralização fonêmica:

Quando um ou mais fonemas perdem a distinção entre si e em um determinado contexto, no caso de **variação livre**, temos a **neutralização fonêmica**. Para que possamos levar em conta uma transição, todas as possibilidades de pronúncia decorrentes de uma neutralização fonêmica, usamos um símbolo representativo, denominado **arquifonema**. Assim, “um arquifonema expressa a perda de contraste fonêmico, ou seja, a neutralização de um ou mais fonemas em um contexto específico.

Quando ocorre a troca desses dois fonemas aqui explicitados o traço referente ao ponto de articulação deve ser neutralizado, pois um é alveolar e o outro palatal.

Os sons das laterais, /l/ e /ʎ/, são caracterizados como aqueles em cuja produção ocorre uma oclusão longo da linha médio-sagital do trato vocal, fazendo com que a corrente de ar seja liberada em torno de um ou de ambos os lados dessa oclusão. Ladefoged e Maddieson (1996, p. 182), no entanto, preveem a possibilidade de que um pouco do ar envolvido nessa produção escape também pela parte central, mas não necessariamente. Assim, a produção desses sons envolveria uma contração da língua de forma a estreitar seu perfil de lado a lado de forma tal que um volume maior de ar flua por uma ou pelas duas laterais da língua do que pelo seu centro.

Como esses autores indicam, a maioria dos segmentos laterais nas línguas naturais é produzida com uma oclusão na região dental/alveolar, [l] com a oclusão limitando-se a poucos milímetros na borda alveolar, na área atrás dos dentes incisivos, com a possibilidade de extensão até os pré-molares. Para a articulação de uma consoante lateral palatal [ʎ], ocorre um contato entre o dorso da língua e o palato duro. A área de extensão desse contato pode variar entre um e outro idioma: enquanto no italiano a oclusão seria feita aproximadamente a dois terços do comprimento do palato duro (BLADON; CARBONARO, 1978, apud LADEFOGED; MADDIESON, 1996, p. 189), no espanhol europeu essa área mostra-se bem mais estendida (NAVARRO TOMÁS, 1968, apud LADEFOGED; MADDIESON, 1996, p. 189).

Em língua portuguesa, os fonemas laterais /l/ e /ʎ/ estão em oposição distintiva, comprovados, por exemplo, como nos vocábulos a seguir:

- a) Vela [ˈvɛlɐ]
Velha [ˈvɛʎɐ]
- b) Fila [ˈfilɐ]
Filha [ˈfiʎɐ]
- c) Galo [ˈgalu]
Galho [ˈgaʎu]

A oposição existente entre /l/ e /ʎ/ e neutralizada, ou seja, se reduz a um só fonema quando o contexto é a vogal /i/. Portanto, as diferentes pronúncias entre os pares das palavras em a), b) e c) se reduz a uma só, quando coloca-se o sufixo diminutivo {-inho}, para ambas palavras. “velinha” e “velhinha” são pronunciadas como se fosse “velhinha” [vɛʎiɲɐ]. Esse é um processo de neutralização existente no falar do manauara.

2.3.3.2 A NEUTRALIZAÇÃO DE /n/ E /ɲ/

Seguindo a mesma linha da neutralização das laterais /l/ e /ʎ/, as nasais /n/ e /ɲ/ também se neutralizam diante da vogal /i/. O par de palavras “mana” e “manha” comprova que [n e ɲ] são fonemas distintos, pois mudam os significados entre duas palavras no mesmo contexto sonoros. Mas, as duas palavras, quando acrescidas do morfema diminutivo {-inha}, passam a ter a mesma pronúncia [manɐiɲɐ]. As transcrições fonéticas em d) comprovam essa

neutralização.

- d) Mana (irmã) [ˈmãɲɐ]
 Manha (hábito negativo) [ˈmãɲɐ]
 Maninha e Manhinha [mɔ(ɲ)ˈiɲɐ]

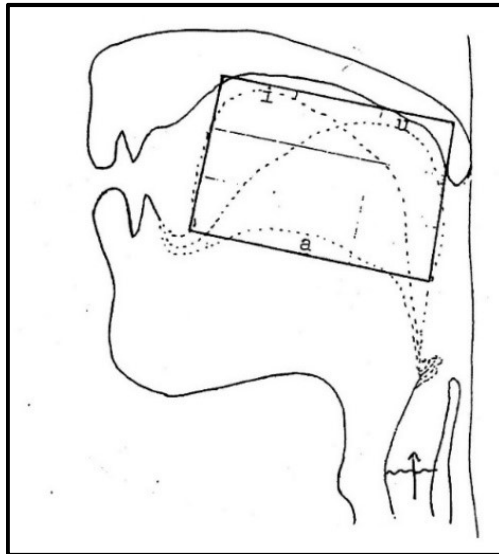
2.4 A IMPORTÂNCIA DA VOGAL PALATAL /i/: O PONTO EM COMUM

É de relevante importância o estudo da vogal palatal /i/ nesse trabalho, pois, na fala manauara, ela empresta seu traço palatal tanto para fonemas alveolares quanto velares quando estão dela aproximados, o que não ocorre com outras vogais do português brasileiro.

Segundo Weiss (1980, p. 47-48), a vogal /i/ tem por características articatórias ser *palatal* por ser produzida com a língua encostando no palato da boca, ser *alta*, por ter o maior volume da língua em posição alta na boca, ser *anterior* pela posição horizontal da língua na boca, ser *fechada* pelo grau de abertura da boca, e *não arredondada* pelo grau de arredondamento dos lábios.

A seguir, é apresentada a figura 6, com corte sagital, da tríade das vogais [i, u, a], de Weiss (1980), segundo a posição da língua na boca:

Figura 6– Corte sagital e vogais na boca

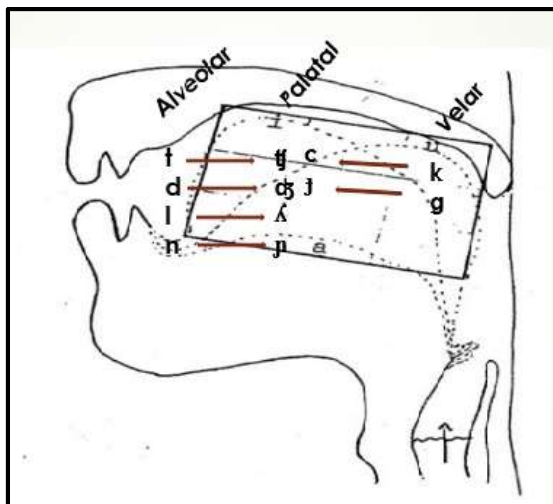


Fonte: Weiss (1980, p. 47).

Como visto na figura 6, Weiss (1980) apresenta a vogal alta /i/ como ponto mais alto da boca, encontrando-se como ponto central o que oferece a essa vogal uma regência na articulação da língua, fazendo com que tanto fonemas alveolares quanto os velares mudem seus pontos de articulações para palatal, quando seguido da vogal /i/.

Com base na representação da distribuição das vogais de Weiss (1980, p.47), figura 6, sobrepomos os processos de alofonia e neutralização do português manauara, sendo portanto, apresentado na figura 7.

Figura 7– As alveolares, palatais e velares na boca



Fonte: Autoria própria.

A figura 7 demonstra o poder de atração da vogal alta /i/, na região palatal. Essa força centrípeta atrai para si tanto as alveolares quanto as velares. Essa figura apresenta três fatos da fala manauara: A ocorrência dos fones [tʃ] (2.3.1.2), [dʒ] (2.3.1.4), [c] (2.3.1.10) e [ɟ] (2.3.1.12), as alofonias [t/tʃ] (2.3.2.1) e [d/dʒ] (2.3.2.2) e as neutralizações de l/ʎ (2.3.3.1) e n/ɲ (2.3.3.2).

O quadro 17 apresenta a força centrípeta da vogal /i/, na região palatal, criando os respectivos alofones dos fonemas alveolares e velares.

Quadro 17– A força centrípeta da vogal /i/

ALVEOLAR	PALATAL	VELAR
/t/ →	[tʃ] i [c]	← /k/
/d/ →	[dʒ] i [ɟ]	← /g/
/n/ →	[ɲ] i	
/l/ →	[ʎ] i	

Fonte: Autoria Própria.

2.4.1 TRÊS RAZÕES PARA ATRIBUIR IMPORTÂNCIA À VOGAL PALATAL /i/ NA FALA MANAUARA

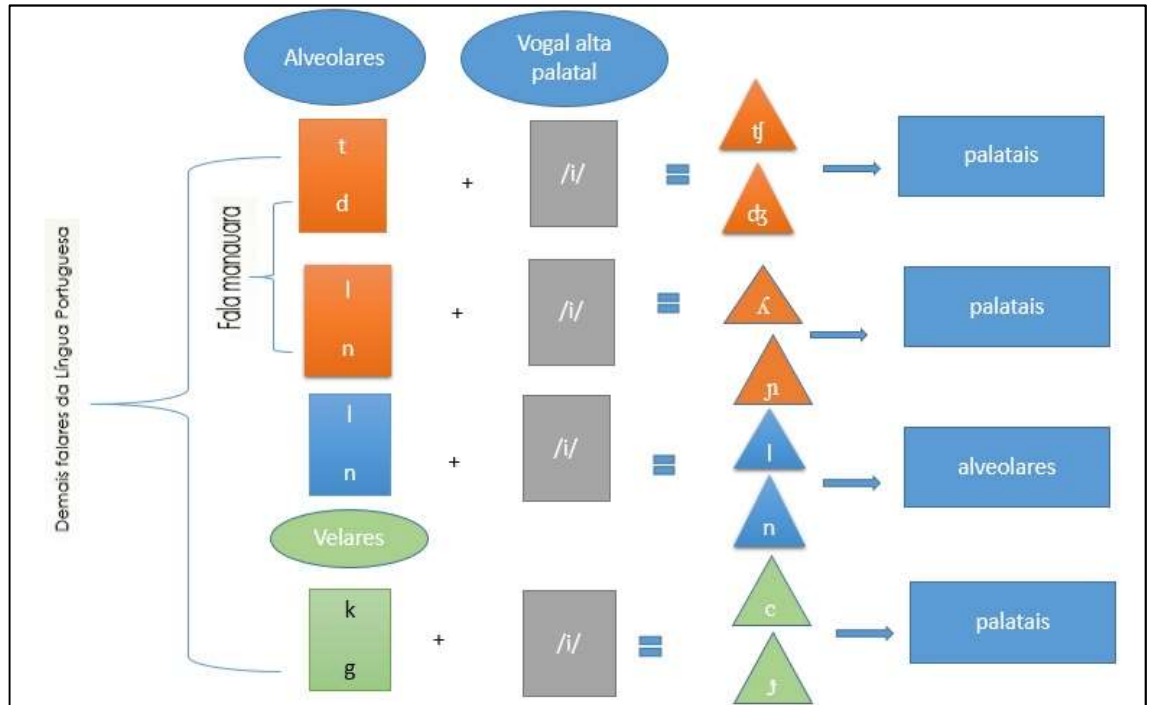
1 - No português brasileiro, há uma oposição de fonemas quando se trata da lateral alveolar /l/ e da lateral palatal /ʎ/ (como em mala e malha) e da nasal alveolar /n/ e da nasal palatal /ɲ/ (como em mana e manha). Porém, na fala manauara, quando as alveolares lateral e a nasal são seguidas pela vogal alta /i/, na região palatal, elas perdem a oposição, onde as alveolares passam a ser palatais, havendo portanto uma neutralização. (conferir em 2.3.3.1; 2.3.3.2)

2 – No português brasileiro e manauara, há uma alofonia entre os fonemas /t/ e /tʃ/ e /d/ e /dʒ/, pois quando as oclusivas alveolares ocorrem antes de vogal alta /i/, passam a ser pronunciadas como africadas palatais. (conferir em 2.3.2.1; 2.3.2.2)

3 – No português brasileiro, os fonemas velares /k/ e /g/ quando ocorrem antes da vogal alta /i/ são pronunciados como palatais: /c/ e /ɟ/ respectivamente. (conferir em 2.3.1.9; 2.3.1.10; 2.3.1.11 e 2.3.1.12)

A figura 8 demonstra que os fonemas alveolares e velares têm seus alofones palatais por força de atração da vogal alta /i/, demonstra também que o falar manauara expande o uso dessa atração por incluir também as alveolares nasal /n/ e a lateral /l/.

Figura 8– Processos de alofonia por atração da vogal alta /i/ na Língua Portuguesa e na fala manauara



Fonte: Autoria Própria

Verifica-se que na Língua Portuguesa, os fonemas /l/ e /n/, quando aproximados da vogal alta /i/ podem assimilar seu traço palatal ou não, dependendo da variação linguística de cada região do país, pois, em muitas regiões do país, por exemplo, a pronúncia das alveolares aproximadas do /i/ permanecerá como alveolar, como na palavra /livru/, porém pronuncia-se como uma palatal, [‘ʎivru] na fala manauara.

O quadro 18 apresenta os fonemas em estudo nessa pesquisa, com seus respectivos traços distintivos, de acordo com a Teoria Não Linear.

Quadro 18– Teoria Gerativa e os fonemas em estudo

	τ	δ	τΣ	δZ	κ	γ	χ	ʃ	λ	ʎ	v	ʝ
Soante	-	-	-	-	-	-	-	-	-	-	-	-
Contínuo	-	-	-	-	-	-	-	-	-	-	-	-
Metástase retardada	-	-	+	+	-	-	-	-	-	-	-	-
Sonoro	-	+	-	+	-	+	-	+	+	+	+	+
Coronal	+	+	-	-	-	-	-	-	+	-	+	-
Anterior	+	+	-	-	-	-	-	-	+	-	+	-

Recuado	-	-	-	-	+	+	-	-	-	-	-	-
Lateral	-	-	-	-	-	-	-	-	+	+	-	-
Nasal	-	-	-	-	-	-	-	-	-	-	+	+

Fonte: Silva (2014)

2.5 CLASSE NATURAL

Este trabalho busca mostrar que existe uma *classe natural*, com base no modelo gerativista, que rege as mudanças fonológicas ocorridas nas alveolares e velares na fala manauara, através de uma descrição dos segmentos por traços distintivos, mediante a análise de conjuntos de segmentos que se relacionam.

Para que se constitua uma classe natural, é necessário que todos os segmentos de um conjunto sofram as mesmas regras fonológicas e passem por transformações fonológicas semelhantes. Após a constatação de que os fonemas fazem parte de uma mesma classe natural, deve-se identificar o processo de assimilação, que, segundo Seara, Nunes e Lazzarotto-Volcão (2015), ocorre quando segmentos diferentes se tornam mais semelhantes, ou seja, quando um segmento assume os traços distintivos de um segmento vizinho. Utilizando o exemplo de uma velar, caracterizamos uma palatalização por assimilação:

/ˈkilo/ - transcrição fonológica;

[ˈk^jilu] – transcrição fonética.

O /k/ é um fonema velar que foi realizado em uma posição mais anterior no trato vocal por causa da vogal que a segue /i/, dessa forma a oclusão se realiza na região mais central do trato vocal, no ponto palatal[k^j].

Silva (2014) demonstra as articulações secundárias em que a palatalização está inserida:

A palatalização geralmente ocorre quando uma consoante é seguida de vogais anteriores **i**, **e**, **é** (orais ou nasais). Ocorre mais frequentemente com consoantes seguidas da vogal **i** como em “aliado, kilo, **guia**”. Utilizamos o símbolo j colocado acima à direita do segmento para marcar a palatalização: k^j, g^j, t^j, d^j, l^j.

Segundo Battisti e Herman (2016), a motivação da palatalização no Português Brasileiro é o alto grau de consonantalidade dos vocoides altos, sendo gatilhos típicos do processo. No que concerne a esse gatilho da palatalização, é previsto que /i/ seja o melhor desencadeador de tal processo.

Neste trabalho assumimos que as assimilações são por articulações monofonológicas e não por articulações polifonológicas, ou seja, a representação da assimilação [kⁱ], uma oclusiva [k] mais uma coarticulação de palatalização [j], adotamos um único fone, que nesse caso específico é o oclusivo palatal [c].

Segundo Carr (1994), o dialeto Lumasaaba, proveniente da língua Bantu da Uganda, ajuda a explicar esse processo. Nessa língua, assim como na fala manauara, a velar e a palatal [k] e [c] são alofones do fonema /k/. A realização dos fonemas /k/ e /g/ são, respectivamente:

$$/k/ \rightarrow [c] / _ \{i, e\}$$

$$/g/ \rightarrow [ɟ] / _ \{i, e\}$$

Segundo Carr (1994), as velares se tornam palatais antes das vogais anteriores não baixas, sendo denominadas de “Velar Fronting”, como visto a seguir:

$$\left(\begin{array}{l} +\text{obstruente} \\ +\text{posterior} \end{array} \right) \Rightarrow \left(-\text{posterior} \right) / _ \left(\begin{array}{l} +\text{silábica} \\ -\text{posterior} \\ -\text{baixo} \end{array} \right)$$

A posição monofonológica dá conta das transformações alofônicas por palatalização que ocorrem em todos os sons objetos deste trabalho, que são:

- 1) /t/d/ oclusivas alveolares tornam-se africadas do ponto palatal [τΣ δZ], no contexto da vogal alta (palatal) /i/;
- 2) /n/ nasal alveolar torna-se nasal palatal /ɲ/, no contexto da vogal alta (palatal) /i/;
- 3) /l/ lateral alveolar torna-se lateral palatal /ʎ/, no contexto da vogal alta (palatal) /i/;
- 4) /k/g/ oclusivas velares tornam-se oclusivas palatais/c/ɟ/, no contexto da vogal alta (palatal) /i/;

Antes de apresentar os traços naturais que definem o conjunto de sons envolvidos nesse processo, são necessárias dois passos: primeiro a inserção do traço labial e segundo, adotar o traço –contínuo para as laterais.

Neste trabalho adotamos a postulação de Hyman (1975, p. 53, *apud* BISOL 2014, P.28-29) que acrescentou o traço “labial”, à proposta de Chomsky e Halle (1968). A adoção desse traço, dará maior restrição à classe natural, isso porque as regras de palatalização não ocorrem com os sons labiais como /p/ e/b/ antes da vogal alta /i/.

Também propomos que as laterais sejam - (menos) contínuas, pois esses segmentos

possuem dupla interpretação, se considerar o fluxo da corrente de ar, elas são + contínuas e se o foco for no movimento do articulador, elas são - (menos) contínuas, pois há uma oclusão do articulador no ponto de articulação. Nós as interpretamos com -(menos) contínuas.

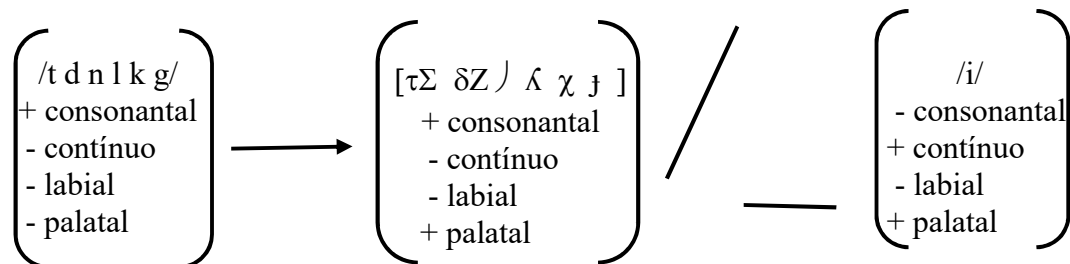
Quadro 19– Traços distintivos para a fala manauara

	π	β	τ	δ	κ	γ	τ	δZ	χ	ʝ	φ	ɸ	σ	ζ	Σ	Z	η	P	ω	φ	λ	ʎ	μ	ν	ʎ	ι	ε	E	υ	ο	ɔ	α	
Consonantal	+	+	+	+	+	+	+	+	+	+	+	+	+	+	+	+	+	+	+	+	+	+	+	+	+	-	-	-	-	-	-	-	
Soante	-	-	-	-	-	-	-	-	-	-	-	-	-	-	-	-	-	-	+	+	+	+	+	+	+	+	+	+	+	+	+	+	
Contínuo	-	-	-	-	-	-	-	-	-	-	+	+	+	+	+	+	+	+	-	+	+	-	-	-	-	-	+	+	+	+	+	+	
Metástase retardada	-	-	-	-	-	-	+	+	-	-	-	-	-	-	-	-	-	-	-	-	-	-	-	-	-	-	-	-	-	-	-	-	
Sonoro	-	+	-	+	-	+	-	+	-	+	-	+	-	+	-	+	-	+	+	+	+	+	+	+	+	+	+	+	+	+	+	+	
Coronal	-	-	+	+	-	-	-	-	-	-	-	-	+	+	+	+	-	+	-	-	+	+	-	+	+	-	-	-	-	-	-	-	
Anterior	+	+	+	+	-	-	-	-	-	-	+	+	+	+	-	-	-	+	-	-	+	-	+	+	-	-	-	-	-	-	-	-	
Recuado	-	-	-	-	+	+	-	-	-	-	-	-	-	-	-	-	-	+	-	+	-	-	-	-	-	-	-	-	-	+	+	+	+
Lateral	-	-	-	-	-	-	-	-	-	-	-	-	-	-	-	-	-	-	-	-	-	+	+	-	-	-	-	-	-	-	-	-	
Nasal	-	-	-	-	-	-	-	-	-	-	-	-	-	-	-	-	-	-	-	-	-	-	-	+	+	+	-	-	-	-	-	-	
Labial	+	+	-	-	-	-	-	-	-	-	+	+	-	-	-	-	-	-	+	-	-	-	+	-	-	-	-	-	-	+	+	+	-
Palatal	-	-	-	-	-	-	+	+	+	+	-	-	-	-	+	+	-	-	-	-	+	-	+	-	-	+	+	-	-	-	-	-	

Fonte: Autoria Própria

Os traços distintivos estabelecidos no quadro 19 nos permite identificar quatro traços que formam uma classe natural, envolvendo alveolares e velares na fala manauara, que são: +consonantal, -contínuo, -labial e -palatal, tornando-se +consonantal, -contínuo, -labial e +palatal ao serem seguidos por -consonantal, +contínuo, -labial, +palatal. Essa regra está formulada na figura 9.

Figura 9– Classe Natural entre alveolares e velares na fala manauara



Fonte: Autoria própria

Portanto, com o estabelecimento desses quatro traços, fica comprovado que a vogal alta /i/ palatal governa seis fonemas na fala manauara, deslocando-os de seus pontos de articulação, criando seis alofones. Os sons produzidos mais para frente da boca vão mais para trás, para o ponto palatal, e os sons mais posteriores na boca vão mais para frente, para o ponto palatal (conferir quadro 17). Esse processo é controlado por questões articulatórias. Essa palatalização motivada pelo ponto de articulação da vogal /i/ que está na região palatal da boca. (conferir figura 6)

2.6 A PALATALIZAÇÃO NOS ESTUDOS BRASILEIROS

O termo palatal, conforme explica Crystal (1985, p. 192), “refere-se aos sons produzidos quando a parte anterior da língua entra em contato ou se aproxima do palato duro”.

As palatais do português do Brasil tem sido alvo de alguns estudos no decorrer dos anos, os quais serão citados alguns aqui nessa pesquisa. Tais estudos são:

Quednau (1993), orientado por Leda Bisol, com sua dissertação de mestrado na Universidade Federal do Rio Grande do Sul, com o título: *A Lateral pós-vocálica no português gaúcho: análise variacionista e representação não linear* é uma pesquisa sob o viés variacionista da lateral pós-vocálica no que se refere à sua variação como variante vocalizada ou velarizada. Fizeram parte da pesquisa 28 informantes de quatro regiões representativas de diferentes grupos étnicos do Rio Grande do Sul. Foram examinadas variáveis linguísticas e extralinguísticas envolvidas na variação em estudo, confirmando-se que a mais favorável à presença de duas variantes seja a do grupo étnico. Além disso, através da Teoria da Geometria dos Traços Fonológicos de Clements, apresentaram-se as regras de velarização e de vocalização da lateral pós-vocálica, discutindo-se a posição dessas no sistema.

Oliveira *et al.* (2009) pesquisaram sobre *Imagens Preliminares da realização variável de /l/ pré-vocálico no Estado do Pará*, e sobre a realização da variável de /l/ diante de [i, i], através de entrevista com 32 paraenses. Os dados foram coletados pela equipe de pesquisadores do projeto Atlas Linguístico do Brasil (ALiB), sob o viés teórico-metodológico da Geolinguística e da Sociolinguística Variacionista. Foram apresentados resultados coletados em 7 cidades do Pará, e apontaram a alta frequência da palatalização de /l/ diante dos fatores linguísticos e sociais avaliados, enquanto as localidades mais próximas da capital apresentaram maior nível de índice de palatalização.

Brandão (2007) escreveu *Um estudo Variacionista sobre a lateral palatal*, pela UFRJ,

investigando a região do Rio de Janeiro. Nessa pesquisa, trabalhou-se a variação da lateral palatal na variedade popular de treze comunidades do Estado do Rio de Janeiro, com base em dados selecionados de 78 inquéritos e com apoio nos fundamentos teóricos e metodológicos da Sociolinguística Variacionista, analisando três de suas variantes e os resultados demonstraram que uma delas é condicionada só por fatores linguísticos, enquanto as outras duas são condicionadas tanto por fatores linguísticos quanto extralinguísticos. Segundo os resultados da análise, sugeriu-se que, na fala das comunidades, coexistem dois padrões de variação: Um socialmente marcado e um socialmente não marcado.

Machado Soares (2008), sob orientação de Maria Socorro Silva de Aragão, pesquisou sobre as variantes das consoantes palatais lateral e nasal em 6 cidades do Pará: Altamira, Belém, Bragança, Soure, Santarém, pois cada uma estava localizada em uma mesorregião do estado. O *corpus* é constituído de fala espontânea, foram entrevistados 24 informantes, totalizando 144 de todas as cidades, selecionados de acordo com os pressupostos teóricos da sociolinguística quantitativa. O tratamento dos dados levou em conta, além das variáveis sociais, variáveis linguísticas consideradas condicionantes do fenômeno de variação em estudo, cuja análise estatística foi realizada pelo pacote de programas VARBRUL (1998), em rodadas ternárias, conforme a quantidade de variantes identificadas para cada variável linguística. Essa pesquisa teve como base os pressupostos teóricos da Geometria dos Traços. Os resultados obtidos demonstraram que os fenômenos das variáveis associados às palatais lateral e nasal nos falares estudados são condicionados tanto por fatores linguísticos quanto sociais, e que podem ser interpretados à luz de uma teoria fonológica, no caso a Fonologia de Geometria de Traços. Por essa teoria, verificou-se que os fenômenos relacionados às variantes desses segmentos podem ser compreendidos como resultantes de ligamento e desligamento de traços fonéticos, caracterizando diferentes variantes fonéticas, cujos usos, por sua vez, estão condicionados pelos valores que lhes são atribuídos em consequência de fatores sociais, como sexo, faixa etária, escolaridade e origem dos falantes.

Barbosa Freire (2011), pela Universidade Federal da Paraíba, defendeu a dissertação intitulada *Variação da Lateral Palatal na comunidade de Jacaraú na Paraíba*. Trata-se de um estudo da lateral palatal e suas realizações no dialeto paraibano, sob o modelo teórico-metodológico da Teoria da Variação proposto por Labov, visando descrever os fatores estruturais e sociais sobre seu uso. Foram entrevistados 36 informantes da cidade de Jacaraú (Paraíba), sendo estratificado socialmente com relação ao sexo, faixa etária e anos de escolarização, sendo então possível analisar as variáveis linguísticas e extralinguísticas que

podiam exercer influência na variação em estudo. A teoria que regeu a pesquisa foi Geometria dos Traços Fonológicos de Clements. Foram analisados alguns textos de século XVIII e utilizou-se o programa Goldvarb para a produção dos índices estatísticos e probabilísticos. Foram selecionados apenas o gênero feminino, idade entre 15 a 25 anos, escolaridade de 1 a 8 anos, contexto fonológico seguinte (vogal labial), contexto fonológico precedente (vogal coronal) e número de sílabas de um vocábulo (trissílabos) como as mais relevantes no processo de variação da lateral palatal na fala jacaçuense.

Santos e Chaves (2012) realizaram a pesquisa *A realização da Lateral Palatal /ʎ/ no Atlas Linguístico do Acre (ALIAC)*. O objetivo geral da pesquisa era descrever as realizações fonéticas da consoante lateral palatal /ʎ/, no Atlas Linguístico do Acre – ALIAC, na tentativa de contribuição para a descrição do consonantismo na variante da Língua Portuguesa empregada nesse estado, pretendendo identificar o alcance geográfico (no ALIAC) e detectar a importância dos fatores sociais gênero e idade para a ocorrência de cada variante. A pesquisa se insere no campo da dialetologia, da geolinguística e da sociolinguística. As localidades que essa pesquisa procurou foram: Regional do Alto Acre (municípios de Brasiléia, Xapuá, Assis Brasil) e Regional do Purus (municípios de Sena Madureira, Manoel Urbano, Santa Rosa do Purus). Foram 4 informantes por município, 2 homens e 2 mulheres, em duas faixas etárias: De 18 à 30 e de 59 à 65 anos, com escolaridade no quinto ano do nível fundamental. O estudo sobre a lateral palatal na fala dos informantes demonstrou que /ʎ/ é predominantemente utilizado na fala de todos os informantes, principalmente nos mais jovens e nas mulheres.

Cristóvão Silva *et al.* (2012), no artigo *Revisitando a palatalização no português brasileiro*, objetivavam discutir a palatalização das oclusivas alveolares no Português brasileiro, focalizando a análise da variedade palatalizante de Fortaleza (Ceará) e das variedades não palatalizantes de Afonso Bezerra e Guamaré (Rio Grande do Norte). Os pressupostos teóricos adotados na pesquisa foram os modelos multirrepresentacionais de Bybee (2001) e de Pierrehumbert (2001). Os resultados indicaram que a palatalização de oclusivas alveolares é um fenômeno em expansão no Português Brasileiro;

Evangelista (2014), sob orientação de Silvana Martins, investigou a relação fonética da lateral alveolar /l/ no contexto de /i/ em sílabas átonas e tônicas, na fala manauara, no nível das entradas lexicais. Tratou-se de uma pesquisa de abordagem sociolinguística variacionista, em que buscava verificar se havia alofonia entre os fonemas /l/ e /ʎ/. Para isso, foi investigado se o fenômeno ocorria em qualquer posição na palavra e se havia alguma variante social de gênero,

idade ou grau de escolaridade que orientasse essa ocorrência. A teoria que sustentou essa análise era a Geometria dos Traços Fonológicos de Clements (1985). Como procedimentos metodológicos foram selecionadas 50 palavras em que o /l/ ocorria antes de /i/, que foram distribuídas em 5 colunas, organizadas conforme a posição tônica ou átona da sílaba em que a consoante lateral ocorria. Foram participantes 12 informantes manauaras. Na discussão dos resultados, notou-se que a lateral alveolar sonora /l/ no contexto de /i/ se realiza como /ʎ/ em qualquer posição da palavra, seja em sílaba átona ou tônica, o que evidenciou que esse é um processo de variação fonológica consolidado na fala manauara, diferente de outras regiões do Brasil.

Gamba (2015), sob orientação de Cristiane Lazzarotto Volcão, publicou sua dissertação sobre as soantes palatais no Português, com uma caracterização fonético-fonológica. Ele analisou as características acústicas que constituíam esses fonemas e as suas variantes em fala semiespontânea. Buscando a melhor representação autosegmental, também foram consideradas a estrutura fonológica desses fonemas. Foram apresentados pressupostos teóricos na pesquisa através da Geometria dos Traços, uma breve retomada histórica do possível surgimento das soantes palatais no Português e, por fim, foram apresentadas diversas abordagens linguísticas desses fonemas, observando os diferentes comportamentos acústicos das realizações das consoantes palatais, buscando seus padrões comportamentais para diferenciar as várias realizações ocorrentes no falar do brasileiro. A pesquisa era de cunho sociolinguístico. Foram entrevistados dois informantes e esses dados serviram de base para estabelecer padrões acústicos de cada uma das variantes descritas ao longo da pesquisa, constatando, assim, que as soantes palatais concorrem com suas variantes.

Simone Negrão de Freitas, segundo o site do Atlas Linguístico do Brasil – ALiB, atualmente está com pesquisa sendo desenvolvida, no estado do Pará. A pesquisa de Freitas é oportuna, pois investiga o mesmo fenômeno investigado: a palatalização de /t/, /d/, /n/ e /l/, também na região Norte, mais especificamente, no estado do Pará, sendo mais abrangente, pois, Freitas havia contemplado apenas algumas regiões e apenas dois fonemas na sua dissertação e, na tese, ela expandiu sua pesquisa.

2.7 UM BREVE HISTÓRICO DA PALATALIZAÇÃO ADVINDA DO LATIM

Segundo Gamba (2015), é indubitável que o Português derivou do Latim, que se modificou e evoluiu a ponto de não poder mais ser chamado apenas de Latim, mas sim de

português, italiano, espanhol ou até mesmo francês e tantas outras línguas, que surgiram a partir de mudanças; elas não ocorreram repentinamente, mas através dos tempos e a partir de influências tanto externas quanto internas, como o contato com outras línguas, culturas e até mesmo o distanciamento de regiões, como no caso do Brasil, em que a região demográfica é muito extensa, ocasionando uma variação linguística em cada região. Uma das mudanças na língua que ocorreu através dos tempos foi o surgimento das palatais no português, pois no sistema fonológico latino não existiam fonemas palatais.

De acordo com Pereira (1916), em seus estudos de gramática histórica, não havia as palatais na fonologia latina, que surgiram apenas em romances. O autor explicita que havia apenas 12 fonemas consonantais no latim, apesar das 19 letras: /b, k, d, f, g, l, m, n, p, r, s, t/, como visto a seguir:

Em rigor, o alfabeto latino consignava apenas doze consonâncias ou fonemas consoantes, a despeito das dezenove letras consoantes, que contém. Estes doze fonemas consoantes são: - b, c, d, f, g, l, m, n, p, r, s, t. (...) criou o romance mais dois (lhe e nhe). Estes fonemas chamados molhados, nasceram da combinação de fonemas latinos. (PEREIRA, 1916, p. 70-71).

Pereira afirma, então, que a palatal é herança do romance e há uma queda da vogal, como pode ser visto no fragmento a seguir: “[...] e quanto à procedência e composição, dividem-se em: românicos, quando formados no domínio do romance pela queda de uma vogal intermédia: ovic’la (ovicula) ovelha, reg’lam (regula) relha, vet’lum (vetulum), velho.” (PEREIRA, 1916, p. 70-71).

Segundo Gamba (2015), com a difusão do latim pelo mundo até então conhecido e o pouco contato entre esses territórios e Roma, houve lentamente uma transformação dessa língua em dialetos incompreensíveis entre si, que mais tarde formariam línguas distintas graças ao processo de deriva linguística, às diversas influências de substratos e superestratos.

Historicamente, a iotização na Língua Portuguesa antecedeu a palatalização, o que é usado para elucidar esse fenômeno:

Em latim havia o iode, que se palataliza no português, como nos casos de milia > milya > milha ou foleam > folha ou somnium > sonho, sendo que /l+ y/ deram /ʎ/ e /n+ y/ deram /j/. Ora, no caso da despalatalização, que leva à iotização, o movimento se inverteu, ou seja, o /ʎ/ desdobra-se em /l+ y/ e o /j/ em /n+ y/. (GAMBA, 2015, p. 46).

No latim imperial, época de maior expansão romana, começaram as palatizações de /l/ e /n/ diante de vogais palatais - /i,e/ -, conforme afirma Mattos e Silva (1995). De acordo com a autora, as palavras *seniorem*, *teneo* e *filium* são exemplos de palavras que sofreram o processo ainda no latim imperial. Teyssier (1997) também diz que o surgimento das palatais é fruto da evolução da língua. Segundo Teyssier (1997), em várias outras palavras um *i* ou um *e* não tônicos seguidos de uma vogal eram pronunciados *yod* em latim imperial; ex.: *pretium*, *platea*, *hodie*, *video*, *facio*, *spongia*, *filium*, *seniorem*, *teneo*. Resultaram daí os grupos fonéticos [ty], [dy], [ly] e [ny] que se palatizaram em [tsy] e [dzy], [lh] e [nh].

Assim, percebeu-se que as sílabas -ny- eram provenientes das palatizações dessas sílabas. Havia indícios da presença dessa nasal palatal originada no português arcaico, seja pela palatização do -ni- em palavras como *uenio*, seja, mais tarde, como uma epêntese para resolver os hiatos surgidos no português arcaico. O autor argumenta, nesse sentido, que: “finalmente, quando *l* ou *n* eram seguidos de um *yod*, originário de *i* e *e* em hiato, estas consoantes passaram a [lh] e [nh] palatais ou ‘molhados’; ex.: *filium* > port. *filho*, *seniorem* > port. *senhor*, *teneo* > port. *tenho*.” (TEYSSIER, 1997, p. 12)

Gamba (2015, p. 47) discorre sobre outro meio de palatização das alveolares:

Ao passo em que a palatização de consoantes alveolares diante de vogais altas anteriores teve início no latim imperial, outra forma de surgimento foi a partir da sequência -cl- após a queda do Império Romano. Essa sequência resultou na lateral palatal [ʎ], conforme vemos nas palavras *oculu* – *oc’lu* – *olho*; *apícula* – *apic’la* – *abelha*; *ovicula* – *ovic’la* – *ovelha* que são alguns dos termos que sofreram a transformação entre os séculos V e VII.

A seguir, o quadro 20 para demonstrar a evolução da Lateral Palatal na Língua Portuguesa:

Quadro 20– Evolução da Lateral Palatal na Língua Portuguesa

Origem do /ʎ/:

1º) /l/, /ll/ _ /e/, /i/ > /ʎ/ : *fi/li/um* > *fi/ʎ/o*; *a/li/um* > *a/ʎ/o*

ou

2º) /kl/, /pl/, /gl/, /bl/, /tl/ > /ʎ/ : *auri/k/u/l/a* > *auri/kl/a* > *ore/ʎ/a*; *scopulu* > *isco/pl/u* > *esco/ʎ/o*; *tegula* > *te/g/l/a* > *te/ʎ/a*; *tribulo* > *tri/bl/u* > *tri/ʎ/o*; *vetula* > *ve/tl/a* > *ve/ʎ/ota*

Fonte: NEUSCHRANK, A.; MATZENAUER, C.B., 2012, P. 33.

Para Teyssier (1997), no português arcaico, surgem ainda diversos hiatos por conta das quedas dos -n-, -l-, -d- e -g- intervocálicos, como na palavra *Regina*, que resultou na palavra *rainha*. Com uma série de epênteses da nasal palatal, esses hiatos são “resolvidos” aproximando-se mais do sistema fonético que se tem hoje. Assim, pode-se dizer que a nasal palatal tenha surgido de diferentes formas no português, seja pela palatalização do -ni- em palavras como *uenio*, seja, mais tarde, como uma epêntese para resolver os hiatos surgidos no português arcaico. O autor argumenta, nesse sentido, que: “finalmente, quando *l* ou *n* eram seguidos de um *yod*, originário de *i* e *e* em hiato, estas consoantes passaram a [lh] e [nh] palatais ou ‘molhados’; ex.: *filium* > port. *filho*, *seniorem* > port. *senhor*, *teneo* > port. *tenho*.” (TEYSSIER, 1997, p. 12).

Conforme pesquisa disponível no *website* do Atlas Linguístico do Brasil, atualmente, as análises dos inquéritos experimentais do ALiB mostraram as seguintes tendências com relação as nasais e laterais palatais:

- Apagamento do /ɲ/ em sílaba posterior à vogal fechada /i/ ou /y/ e de final de palavra;
- Iotização do /ʎ/ e do /ɲ/ em sílabas medial e final de palavra;
- Permanência do /ʎ/ e do /ɲ/ seguidos de vogais abertas / a - ε - ɔ/;
- Palatalização dos fonemas /t/ e /d/ em posição anterior aos fonemas /i/ e /y/, em determinadas regiões;
- Palatalização dos fonemas /s/ e /z/, resultado da neutralização dos fonemas / s ~ ʃ/ e / z ~ ʒ/, marcando variantes sociais de prestígio.

2.8 A PALATALIZAÇÃO DAS ALVEOLARES NO CONTEXTO DE /i/ E A TEORIA DA GEOMETRIA DOS TRAÇOS FONOLÓGICOS DE CLEMENTS

A Geometria de Traços tem como uma de suas principais características a capacidade de capturar o fato de que somente traços pertencentes a uma classe natural podem ser envolvidos em um mesmo processo fonológico, ou seja, é uma teoria que consegue propor uma organização interna para cada um dos segmentos das línguas, opondo-se, assim, ao modelo da Fonologia Gerativa Padrão que representava cada segmento por meio de um feixe de traços desordenados. Essa teoria difere, também, da teoria fonológica padrão porque é capaz de determinar quais regras são mais comuns nas línguas e também quais regras não são atestadas.

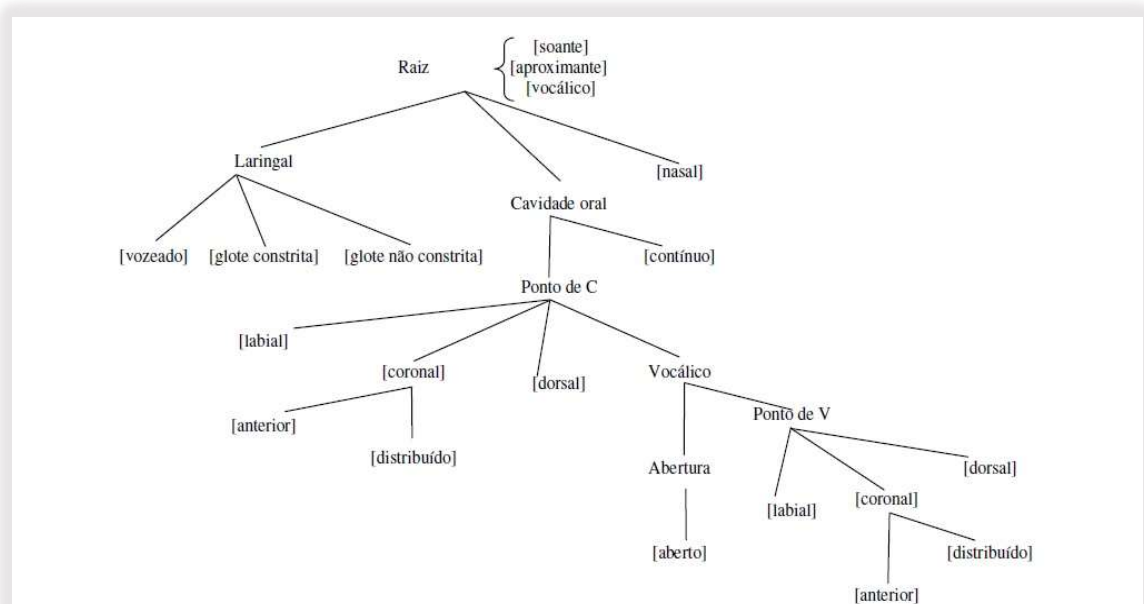
A teoria da Geometria de Traços proposta por Clements (1985) é um desdobramento da fonologia autosegmental proposta por Goldsmith (1976). Os dois modelos embora sejam também um desdobramento da fonologia gerativa padrão, apresentam diversas críticas a essa teoria.

A Geometria de Traços, modelo de descrição fonológica, proposta por Clements (1985), analisa a estrutura interna dos sons da fala, representando-a por meio de um sistema arbóreo, em que se evidencia a maneira com que os sons interagem entre si nos sistemas fonológicos. É uma teoria de formalização da hierarquização dos traços fonológicos, a qual é utilizada nesse trabalho para explicar o processo de palatalização das alveolares /t/, /d/, /n/ e /l/ e das velares /k/ e /g/, no contexto de /i/, na fala manauara.

Nesse modelo, a estrutura de traço interna ao segmento é caracterizada como uma árvore em que os nós terminais são traços, os nós intermediários são classes de traços e o nó raiz agrupa todos os traços definindo o segmento (CLEMENTS; HUME, 1985).

Cada regra fonológica se aplica a um nó e as ramificações abaixo dele são também influenciadas por essa regra. As classes de traços têm relação com padrões fonológicos e a hierarquia de traços é similar a uma imagem simplificada do trato vocálico, no qual cada classe representa um articulador funcionalmente independente ou um conjunto de articuladores. Os valores dos traços são universalmente definidos e determinados em camadas, agrupados em constituintes maiores, não variando de língua para língua. A representação arbórea completa dos traços de segmentos, de acordo com a Geometria de Traços, é dada a seguir, na figura 10:

Figura 10– Representação arbórea da Geometria dos Traços Fonológicos



Fonte: Clements e Hume (1995)

Martins (1994, p. 49) explica a organização da Geometria dos Traços, conforme apresentada por Clements (1985):

Esse autor, em seu artigo “The Geometry of Phonological Features” mostra que os traços fonológicos estão agrupados juntos. Essa organização fonológica foi chamada por ele de “geometria dos traços” (feature geometry). Sua visão é em forma de árvore. Esta árvore reflete a visão de que todos os pontos de articulação são agrupados juntos, sob o domínio do nó de ponto.

Esses traços estão organizados de modo que impõe restrições à aplicação de certas regras fonológicas. Como explica Silva (2010, p. 23):

Essa forma de mostrar a organização de traços torna possível impor fortes restrições à forma e à função das regras fonológicas, já que os processos fonológicos só poderão envolver traços isolados, nós de classe ou nó de raiz. A organização dos traços não permite que existam regras fonológicas que façam menção, por exemplo, ao traço [glote não constricta] e o traço [distribuído] como um grupo, já que eles não pertencem ao mesmo nó de classe [...]. Essas restrições obedecem a princípios como a organização de traços que é universalmente determinada.

Nesta pesquisa, a Teoria da Geometria dos Traços é empregada para explicar o processo de assimilação parcial que ocorre com as alveolares /t/, /d/, n/, /l/ e as velares /k/ e /g/, no contexto de /i/, a partir do pressuposto teórico de que os segmentos são constituídos de traços que se organizam hierarquicamente, conforme proposto por Clements e Hume (1995).

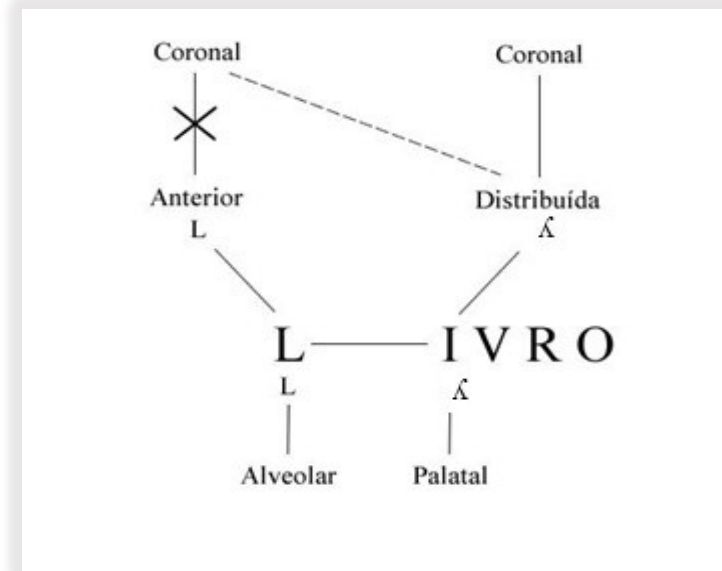
A Geometria dos Traços explica esse fenômeno de palatalização das alveolares e das velares, considerando o desligamento e assimilação dos traços de nó das classes de elementos representadas, em função dos traços terminais que concebem um elemento de classe.

Evangelista (2014, p. 16) explica como ocorre o fenômeno da variação de /l/ para /ʎ/, no contexto de /i/, em que a variação ocorre no nó de ponto C, de classe intermediária na cavidade oral, fenômeno que é representado através do sistema arbóreo que abriga os nós de classes de nível mais baixo:

No ponto C, o traço [coronal] [anterior] da lateral alveolar /l/, no contexto de /i/, desliga-se do traço [anterior] e assimila o traço [distribuído] pertinente a esse fonema vocálico, realizando-se como palatalizado. Essa regra fonológica pode ser assim formalizada: /l/ →/ʎ/ _i.

Na figura 11, demonstra-se esse fenômeno, conforme a Teoria da Geometria dos traços:

Figura 11– A palavra Livro conforme a Teoria da Geometria dos Traços

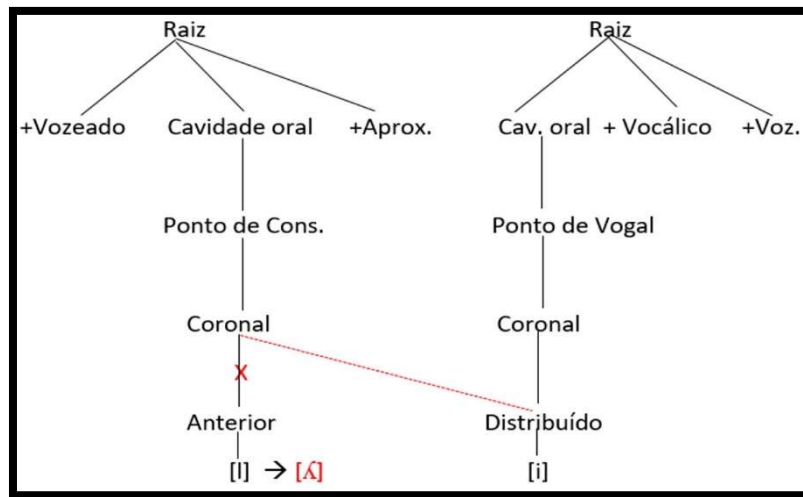


Fonte: Evangelista (2014)

Segundo a figura 11, há a representação do processo de palatalização da alveolar para lateral palatal, ocorrendo o mesmo processo com as demais alveolares e velares da Língua Portuguesa. Essa pesquisa busca verificar se há na fala manauara uma assimilação dos traços também com as demais alveolares da língua portuguesa: o /t/, /d/, /n/ juntamente com o /l/, assim como as velares /k/ e /g/.

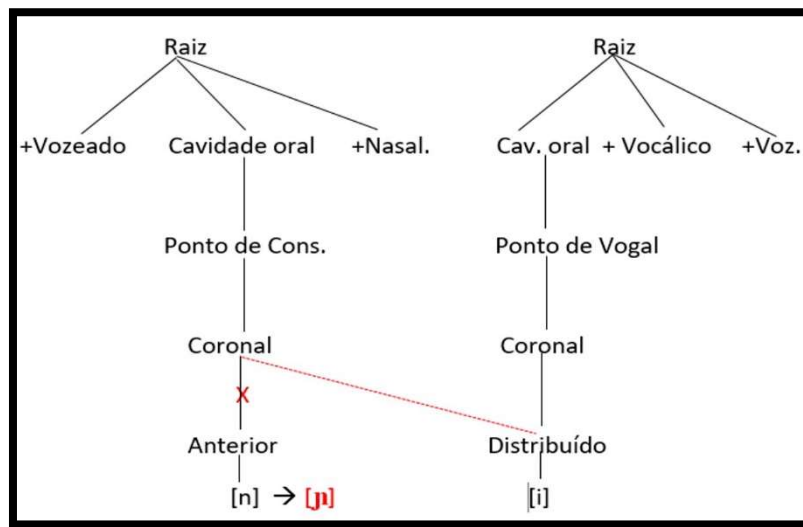
Nas figuras 12 e 13, há a demonstração da palatalização do /l/ e do /n/ através da Geometria dos Traços:

Figura 12– Demonstração da palatalização do /l/ através da Geometria dos Traços



Fonte: Autoria própria

Figura 13– Demonstração da palatalização do /n/ através da Geometria dos Traços



Fonte: Autoria própria

3 METODOLOGIA

Os procedimentos utilizados nessa pesquisa para a investigação do comportamento das alveolares /t/, /d/, /n/, /l/ e das velares /k/ e /g/ no contexto de /i/ na fala manauara são da sociolinguística variacionista.

A pesquisa é de caráter quali-quantitativo, visto que a natureza da unidade de análise sociolinguística é prioritariamente quantitativa. Camacho (2008, p. 61) explica que isso se dá devido ao fato de que “a relevância metodológica das variantes que constituem uma variável é determinada pela frequência percentual de cada uma em relação aos diferentes fatores que as condicionam”.

O *corpus* da pesquisa foi constituído a partir da pré-seleção de 118 vocábulos, divididos em duas partes, em que, na primeira parte, foram distribuídos entre o Questionário Fonético-fonológico com 33 perguntas, seguido de 15 leituras de pequenos textos e frases. Na segunda parte, foram divididos entre 54 palavras para serem faladas no diminutivo e 4 palavras para serem lidas soltas na íntegra. As perguntas e os textos foram feitos pela própria pesquisadora. Os 118 vocábulos são divididos entre: 20 palavras com /t/, 20 palavras com /d/, 20 palavras com /l/, 16 palavras com /n/ no diminutivo, 18 palavras com /l/ no diminutivo, 20 palavras divididas entre /k/ e /g/ e 4 palavras para analisar o /l/.

Após a seleção dos vocábulos, foram selecionados os informantes, de acordo com os parâmetros seguidos pelo Atlas Linguístico do Brasil – ALiB. Os registros de fala foram feitos através de entrevistas individuais, com aparelho gravador Sony Icd Px440, que possui áudio de alta qualidade. A análise dos dados se deu através de audição das entrevistas e tabulação e transcrição fonética em programa Excel do Windows.

3.1 INFORMANTES

A presente pesquisa baseia-se especialmente nos princípios tradicionais da Geolinguística com amparo nos princípios da Sociolinguística para definir os requisitos dos informantes que participaram desta. Determinou-se, então, o número total de 24 informantes, sendo 12 homens e 12 mulheres com o perfil “claramente delineado com vistas a estabelecer-se um perfeito controle de variáveis que permitam, com menor margem de desvios, a intercomparação dos dados recolhidos” (FERREIRA; CARDOSO, 1994, p. 27) no que diz respeito aos critérios de seleção e as características socioculturais, a fim de analisar a possível

influência de cada fator e das variáveis extralinguísticas sobre o fenômeno em estudo, que foram:

a) Naturalidade, com precisão do local de nascimento – todos os informantes devem nascidos na cidade de Manaus-AM, uma vez se buscou investigar a fala manauara. A pesquisa não se ateve apenas a um local da cidade, visto que foram entrevistadas pessoas de todas as áreas da cidade;

b) Grau de escolaridade – Desde o ensino médio ao superior completo ou incompleto;

c) Faixa etária – dos 18 aos 79 anos;

d) Gênero ou sexo – foram selecionados 12 informantes do gênero masculino e 12 do gênero feminino;

e) Domicílios e período de permanência em cada um deles – os informantes selecionados não podiam ter se afastado da cidade de Manaus por mais de 1/3 da vida;

f) Viagens efetuadas e duração de cada uma delas – eliminaram-se os candidatos a informantes que tenham feito viagens muito longas e recentes, a fim de evitar influência de outros dialetos regionais;

g) Naturalidade dos pais e do cônjuge (se houver) – também nascidos na cidade investigada.

h) Condições de fonação – os entrevistados precisam apresentar boas condições de fonação.

Os informantes receberam códigos que definissem cada um deles entre gênero, grau de escolaridade e faixa etária, resguardando a identidade de cada um.

A seguir, a tabela 1, que demonstra as informações de faixa etária, gênero e escolaridade para o cruzamento de dados.

Tabela 1– Distribuição dos informantes conforme os principais critérios socioculturais.

Faixa etária	Faixa 1 18 – 35 anos	Faixa 2 36 a 55 anos	Faixa 3 56 em diante
Gênero	Masc / Fem	Masc / Fem	Masc / Fem
Escolaridade	02 / 02	02 / 02	02 / 02
Ensino médio			
Nível Superior	02 / 02	02 / 02	02 / 02

Fonte: Autoria Própria.

É importante ressaltar que todos os informantes entrevistados nesta pesquisa eram alfabetizados e conseguiram ler todos os textos e frases.

A maior dificuldade da pesquisadora foi encontrar informantes acima de 56 anos, pois o crescimento demográfico da cidade de Manaus encontra-se intenso e, o que se notou, é que dentre os manauaras, pelo menos um dos genitores provinha de algum interior do estado e não da capital, eliminando o informante da pesquisa, por não possuir esse pré-requisito.

3.2 COLETA DE DADOS

O *corpus* da pesquisa é de 118 palavras pré-selecionadas, de autoria própria, para a investigação do comportamento das alveolares e velares no contexto de /i/ na fala manauara. O Questionário Fonético-fonológico (QFF), os textos, frases e as demais listas de palavras encontram-se no apêndice desse trabalho e aqui serão apresentados alguns exemplos.

Cardoso (2010) aponta que há duas maneiras de conduzir entrevistas individuais que estejam à procura da pronúncia de determinada palavra de um falante: a primeira é a aplicação de questionário e a segunda é o registro de conversa livre. Na atual pesquisa, foram feitas gravações individuais dos falantes, em que participaram de um questionário fonético-fonológico, leitura de pequenos textos e frases e, ao final, pedia-se que os informantes pronunciassem 3 listas de palavras no diminutivo, pois a procura desse fenômeno só poderia se dar através de palavras com esse grau. Labov (2008, p. 244) nos diz sobre a coleta de dados na pesquisa que:

Não importa que outros métodos possam ser usados para obter amostras da fala (sessões em grupo, observação anônima), a única maneira de obter bons dados de fala em quantidade suficiente é mediante a entrevista individual, gravada, ou seja, por meio do tipo mais óbvio de observação sistemática.

As entrevistas foram realizadas individualmente, gravadas com aparelho gravador Sony Icd Px440, em que possui áudios de excelente qualidade. Os locais e horários eram normalmente determinados pelo próprio informante, tendo sido conduzidas entrevistas nos turnos matutino, vespertino e noturno em locais diversos, em sua maioria no escritório de um dos informantes, assim como em cômodos das residências dos demais informantes. Procurou-se, sempre que possível, lugares mais silenciosos, com o mínimo de barulho externo no momento das gravações.

O informante primeiramente assinou um *termo de autorização* (material contido no

apêndice desse trabalho), no qual autorizava a gravação e utilização dos dados coletados na entrevista, sendo também informado que poderia retirar-se da pesquisa a qualquer momento, sem prejuízo e sem necessidade de justificativa.

Cada entrevista durou em média 20 minutos, tempo que ia aumentando conforme a idade do informante aumentava também. As primeiras entrevistas foram feitas com o computador da pesquisadora, em que ela mostrava *slides* em *PowerPoint* para os informantes, que podiam ver algumas figuras e frases para serem lidas ou completadas. No decorrer das entrevistas, a pesquisadora modificou o método de mostrar os *slides* no computador, e mudou para os *slides* através de folhas impressas, pois assim, evitava o problema de acabar a bateria do aparelho no momento da entrevista e precisar refazê-la.

A coleta de dados se realizou através de Questionário fonético-fonológico, leitura de textos, frases e também de listas de palavras para serem faladas no diminutivo. Observou-se que todos os informantes passaram por algum momento de tensão, que é o comumente chamado de *paradoxo do observador*, em que é explicado: “o grau de reflexão [sobre as formas linguísticas] é proporcional ao grau de formalidade da situação interacional: quanto menos coloquiais as circunstâncias, tanto maior a preocupação formal” (CAMACHO, 2008, p. 60). Dentro desse paradoxo, Macedo (2010, p. 60) explica:

O linguista precisa descrever a linguagem em seu contexto natural de uso e depara-se com a contradição de que, ao fazê-lo, cria uma situação em que os falantes se sentem observados, por anotações em entrevistas, em gravações, videoteipes e outros meios, deixando de apresentar um comportamento totalmente natural.

A pesquisadora procurou manter a tranquilidade em seus informantes e a descontração antes e durante a entrevista, para que melhor pudessem colaborar. Labov (2010, p. 244) sugere que “uma maneira de superar o paradoxo é romper os constrangimentos da situação de entrevista com vários procedimentos que desviem a atenção do falante e permitam que o vernáculo emerja.”

3.2.1 QUESTIONÁRIO FONÉTICO-FONOLÓGICO (QFF)

O Questionário Fonético-Fonológico (QFF) elaborado para essa pesquisa visava eliciar dos informantes vocábulos alveolares e velares que na fala pudessem ser pronunciados com palatalização. O QFF está constituído por 33 perguntas, sendo 07 perguntas contemplando a

fricativa [dʒ], 13 com a [tʃ] e 13 com [ʎ], todas, em diversas posições silábicas. Grande parte das perguntas recebeu apoio de imagens apresentadas ao informante, algumas necessitaram de perguntas extras, caso o informante não conseguisse na primeira tentativa. A seguir, um exemplo de uma pergunta para cada fonema investigado.

QFF05 – DIGNO

O mesmo que honesto e decente?

Ex: Tenho um trabalho _____.

QFF15 – TEATRO AMAZONAS

Qual o nome desse importante ponto turístico da cidade de Manaus?

QFF25 – BALIZA

Qual o nome dessa manobra automobilística que reprova muitos candidatos nas provas do DETRAN?

É importante ressaltar que na palavra TEATRO, a pesquisadora pediu que todos os informantes elaborassem uma frase com a palavra em questão, para o desaparecimento do possível monitoramento dos falantes.

A lista completa encontra-se no Apêndice A deste trabalho. Nem todas as perguntas foram respondidas pelos informantes, como se pode perceber através das tabelas de transcrição das entrevistas elaboradas a partir do Apêndice E deste trabalho.

3.2.2 TEXTOS E FRASES LIDOS NAS ENTREVISTAS

Logo após o QFF, pedia-se que os informantes alfabetizados pudessem ler alguns textos e frases. Foram distribuídos 15 textos e frases, em que 10 contemplaram a fricativa [dʒ], 02 contemplaram [tʃ] e 03 contemplaram [ʎ], em todas as posições silábicas. A seguir, alguns exemplos:

TF7 – ADVOGADO, DEFENDI

Leia:

Você, como advogado, teve coragem de defender esse bandido? Tive sim, eu o defendi.

TF12 – PATIFE, ÓTIMO, ÚTIL, ÉTICA

Leia:

Você chamou seu colega de trabalho de patife? Ótimo, não foi nada útil e você perdeu a ética e o emprego.

TF14 – POLÍTICA, ILÍCITOS, HELICÓPTERO, CILÍNDRICO, ELIMINAR

Leia:

Na política, há vários casos ilícitos, como sabotar um helicóptero com um objeto cilíndrico para eliminar um candidato nas eleições.

A lista completa com os textos e frases do corpus dessa pesquisa está disponível no Apêndice B desse trabalho.

3.2.3 LISTAS DE PALAVRAS

É sabido que qualquer pesquisa sociolinguística que investigue a fala almeja estudar o vernáculo, apresentado por Tarallo (2007, p. 19) como sendo “a enunciação e expressão de fatos, proposições, idéias (*o que*) sem a preocupação de *como* enunciá-los. Trata-se, portanto, dos momentos em que o mínimo de atenção é prestado à língua, ao *como* da enunciação.” Nos momentos de leitura, há uma necessidade maior de atenção, o nível de automonitoramento do informante é muito mais alto, porém, acreditou-se que ao pedir que os informantes falassem as palavras no diminutivo, da maneira como eles achassem que deveria ser dito, diminuiria o monitoramento.

As listas de palavras foram utilizadas na segunda parte da entrevista. Foram 4 listas, em que 1 contemplava o [n], 1 contemplava o [ʎ], 1 contemplava os [c] e [l] e 1 continha 4 palavras soltas contemplando o [ʎ] em que foram escritas duas palavras com a grafia correta e duas com desvio. As listas completas encontram-se no Apêndice C desse trabalho. Segue o exemplo da lista de palavras soltas que contemplam o [ʎ]:

[ʎ]

Família
Familha

Brasília
Brasilha

Fonte: Autoria Própria

3.2.4 MANUSEIO E TRANSCRIÇÃO DE DADOS

Os dados das entrevistas foram transcritos foneticamente com a utilização do Alfabeto Fonético Internacional – IPA; em seguida, foram tabulados no programa Excel de Windows.

4-ANÁLISE DOS RESULTADOS

A análise dos dados da pesquisa objetivou verificar a hipótese de ocorrer o processo de palatalização das alveolares /t/, /d/, /n/, /l/ e das velares /k/ e /g/, diante da vogal alta /i/ na fala manauara. Foram elaboradas 07 tabelas para tornar a análise mais fácil de ser verificada: a primeira traz a análise das palavras com /d/; a segunda, a das palavras com /t/; a terceira, a das palavras com /l/; a quarta, das palavras com /n/ no diminutivo; a quinta, de palavras com /l/ no diminutivo; a sexta, a análise da pronúncia das palavras “Brasília” e “Família”, e a sétima, a das palavras com /k/ e /g/ no diminutivo para verificar a ocorrência da palatalização.

Para a análise dos dados, foram cruzadas das variáveis sociolinguísticas dos informantes, criando códigos para identificar cada um e manter a sua privacidade, em que:

M – Designa informante do gênero masculino;

F – Designa informante do gênero feminino;

X – Informantes com até o ensino médio;

Y – Informantes com ensino superior;

1 – Primeiro informante;

2 – Segundo informante;

A – Faixa etária de 18 a 35 anos;

B – Faixa etária de 36 a 55 anos;

C – Faixa etária de 56 anos em diante.

Segue quadro 21 para demonstrar como funciona esse cruzamento:

Quadro 21– Cruzamento de dados dos informantes com siglas para resguardar a privacidade

Faixa Etária	Faixa 1 18 – 35 anos		Faixa 2 36 – 55 anos		Faixa 3 56 em diante	
Gênero	Masc	Fem	Masc	Fem	Masc	Fem
Escolaridade Até o ensino médio	MAX1	FAX1	MBX1	FBX1	MCX1	FCX1
Até o ensino médio	MAX2	FAX2	MBX2	FBX2	MCX2	FCX2
Nível Superior	MAY1	FAY1	MBY1	FBY1	MCY1	FCY1
Nível Superior	MAY2	FAY2	MBY2	FBY2	MCY2	FCY2

Fonte: Autoria Própria

Segundo o quadro 21, pode-se perceber que o informante FBY2, por exemplo, é informante feminina, da faixa etária de 36 a 55 anos, com ensino superior, sendo a segunda informante com esses cruzamentos. Assim, como, por exemplo, o informante MCX1 é um informante masculino, de faixa etária de 56 anos em diante, com escolaridade até o ensino médio, sendo o primeiro informante com esses cruzamentos.

No Apêndice E deste trabalho, encontram-se 28 tabelas com as transcrições fonéticas, divididas, para cada uma das 7 tabelas das palavras em questão, 4 tabelas de transcrição fonética das produções, divididos em informantes femininas e informantes masculinos com até o ensino médio e informantes femininas e informantes masculinos com ensino superior. Como exemplo de uma tabela para análise das palavras com /d/ com a transcrição fonética das produções das informantes femininas com até o ensino médio:

Quadro para análise das palavras com /d/ com a transcrição fonética das produções das informantes femininas até o ensino médio:

Quadro 22– Transcrição fonética das produções das informantes femininas do Ensino Médio

Palavras com /d/	FAX1	FAX2	FBX1	FBX2	FCX1	FCX2
1- Dia	[ˈdʒio]	[ˈdʒio]	[ˈdʒio]	[ˈdʒio]	[ˈdʒio]	[ˈdʒio]
2- Diamante	[dʒiaˈmãtʃi]	[dʒiaˈmãtʃi]	[dʒiaˈmãtʃi]	[dʒiaˈmãtʃi]	[dʒiaˈmãtʃi]	[dʒiaˈmãtʃi]
3- Ditongo	[dʒiˈtõgu]	[dʒiˈtõgu]	[dʒiˈtõgu]	[dʒiˈtõgu]	x	x
4- Dizer	[dʒiˈzeh]	[dʒiˈze]	[dʒiˈzeh]	[dʒiˈzeh]	[dʒiˈzeh]	[dʒiˈzeh]
5- Diabo	[dʒiˈabu]	[dʒiˈabu]	[dʒiˈabu]	[dʒiˈabu]	[dʒiˈabu]	[dʒiˈabu]
6- Digno	[ˈdʒiginu]	[ˈdʒiginu]	[ˈdʒiginu]	[ˈdʒiginu]	[ˈdʒiginu]	[ˈdʒiginu]
7- Dicionário	[dʒisioˈnariu]	[dʒisioˈnariu]	[dʒisioˈnariu]	[dʒisioˈnariu]	[dʒisioˈnariu]	[dʒisioˈnariu]
8- Fadiga	[faˈdʒigo]	[faˈdʒigo]	[faˈdʒigo]	[faˈdʒigo]	[faˈdʒigo]	[faˈdʒigo]
9- Édipo	[ˈeɖipɔ]	[ˈeɖipɔ]	[ˈeɖipɔ]	[ˈeɖipɔ]	[ˈeɖipɔ]	[ˈeɖipɔ]
10- Ódio	[ˈɔɖju]	[ˈɔɖju]	[ˈɔɖju]	[ˈɔɖju]	[ˈɔɖju]	[ˈɔɖju]
11- Adiantamento	[adʒiãtaˈmẽtu]	[adʒiãtaˈmẽtu]	[adʒiãtaˈmẽtu]	[adʒiãtaˈmẽtu]	[adʒiãtaˈmẽtu]	x
12- Vendi	[vẽˈɖji]	[vẽˈɖji]	[vẽˈɖji]	[vẽˈɖji]	[vẽˈɖji]	[vẽˈɖji]
13- Diária	[dʒiˈario]	[dʒiˈario]	[dʒiˈario]	[dʒiˈario]	[dʒiˈario]	[dʒiˈario]
14- Defendi	[defẽˈɖji]	[defẽˈɖji]	[defẽˈɖji]	[defẽˈɖji]	[defẽˈɖji]	[defẽˈɖji]
15- Pode	[ˈpɔɖji]	[ˈpɔɖji]	[ˈpɔɖji]	[ˈpɔɖji]	[ˈpɔɖji]	[ˈpɔɖji]
16- Advogado	[adʒiˈvɔgadu]	[adʒiˈvɔgadu]	[adʒiˈvɔgadu]	[dʒiˈvɔgadu]	[adʒiˈvɔgadu]	[adʒiˈvɔgadu]
17- Admitir	[aˈɖjimitʃi]	[aˈɖjimitʃi]	[aˈɖjimitʃi]	[aˈɖjimitʃi]	[aˈɖjimitʃi]	[aˈɖjimitʃi]
18- Ridículo	[riˈɖjikulu]	[riˈɖjikulu]	[riˈɖjikulu]	[riˈɖjikulu]	[riˈɖjikulu]	[riˈɖjikulu]
19- Medida	[meˈɖjido]	[meˈɖjido]	[meˈɖjido]	[meˈɖjido]	[meˈɖjido]	[meˈɖjido]
20- Intermediário	[ĩtermɛdʒiˈarju]	[ĩtermɛdʒiˈarju]	[ĩtermɛdʒiˈarju]	[ĩtermɛdʒiˈarju]	[ĩtermɛdʒiˈarju]	[ĩtermɛdʒiˈarju]

Fonte: Autoria Própria

Ao analisar os resultados dos dados, verificou-se que, em todas as pronúncias de palavras paroxítonas em que as alveolares ocorreram na sílaba tônica na posição de início de palavra e na posição não inicial ocorreu a palatalização desses fonemas no contexto da vogal anterior /i/.

Em todos esses contextos linguísticos e considerando todas as variáveis extralinguísticas de gênero, faixa etária e grau de escolaridade, revelou-se uniforme a ocorrência do fenômeno de palatalização em todos esses contextos fônicos.

Análise das palavras com /d/, no quadro 23:

Quadro 23– Palavras com /d/

<u>Palavras com /d/</u>
1- Dia
2- Diamante
3- Ditongo
4- Dizer
5- Diabo
6- Digno

7- Dicionário
8- Fadiga
9- Édipo
10- Ódio
11- Adiantamento
12- Vendi
13- Diária
14- Defendi
15- Pode
16- Advogado
17- Admitir
18- Ridículo
19- Medida
20- Intermediário

Fonte: Autoria Própria

As palavras contidas nessa tabela foram pré-selecionadas com o intuito de verificar a realização da alveolar /d/, para saber se, no falar manauara, é mais comum serem pronunciados com palatalização [dʒ], com vocábulos em que o /d/ encontrava-se no começo das palavras, assim como ao meio e ao final.

Nas palavras com /d/ no começo: **Dia, Diamante, Ditongo, Dizer, Diabo, Digno, Dicionário, Diária**, de 192 realizações dos 24 informantes, apenas 14 realizações não foram pronunciadas por esquecimento da palavra ou por desconhecimento dos informantes.

Nas palavras com /d/ no meio do vocábulo: **Fadiga, Édipo, Ódio, Adiantamento, Admitir, Advogado, Ridículo, Medida e Intermediário** com 216 realizações feitas pelos 24 informantes, apenas 5 não foram pronunciadas pelos informantes, por esquecimento ou desconhecimento do vocábulo.

Nas palavras com /d/ no final, quais sejam, **Vendi, Defendi e Pode**, com 72 realizações feitas pelos 24 informantes, apenas duas palavras não foram pronunciadas, e, até mesmo, a palavra com “de” ao final (“pode”) foi pronunciada com palatalização, pois os manauaras se utilizam do alteamento na pronúncia.

Análise das palavras com /t/, no quadro 24:

Quadro 24– Palavras com /t/

<u>Palavras com /t/</u>
1- Tigre
2- Tigela
3- Thiago

4- Tijolo
5- Tijuca
6- Botijão
7- Leite
8- Teatro
9- Batida
10- Atingir
11- Latido
12- Patife
13- Ética
14- Étílico
15- Ótimo
16- Útil
17- Atmosfera
18- Caatinga
19- Intimação
20- Atirar

Fonte: Autoria Própria

As palavras contidas nessa tabela foram pré-selecionadas com o intuito de verificar a realização da alveolar /t/, para saber se no falar manauara, é mais comum serem pronunciados com palatalização [tʃ], com vocábulos em que o /t/ encontrava-se no começo das palavras, assim como ao meio e ao final.

Nas palavras com /t/ no começo: **Tigre, Tigela, Thiago, Tijolo, Tijuca, Teatro** com 144 realizações pelos 24 informantes, apenas 14 não pronunciaram, ou pronunciaram com outras palavras, dentre elas: Tigela: [kũ'buk□] e [va'ziΛ□]. Na palavra Teatro, a pesquisadora pediu para que todos os informantes formassem uma frase aleatória com o vocábulo, para perceber se a palavra era pronunciada da mesma maneira que quando falada no QFF. Apesar de não ser no contexto de /i/, a palavra Teatro, pode ser entendida como uma palavra categoricamente palatal no falar manauara, pois, dos 24 informantes, apenas 4 informantes pronunciaram a palavra com o fonema alveolar. Alguns informantes mostraram monitoramento, quando, ao pronunciarem o vocábulo no momento do QFF, falavam [te'atru] e, logo após, ao ter que formular uma frase, eles passavam a utilizar o vocábulo palatalizado: [tʃi'atru].

Nas palavras com /t/ no meio do vocábulo: **Botijão, Batida, Atingir, Latido, Patife, Ética, Étílico, Ótimo, Atmosfera, Caatinga, Intimação, Atirar**, com 288 realizações pelos 24 informantes, apenas 12 não foram pronunciados ou esquecidos. O vocábulo com mais dificuldade de os informantes se lembrarem foi Atmosfera, pois a maioria pronunciava

“Camada de ozônio”. Na palavra *Etílico*, alguns informantes não souberam pronunciar corretamente, porém, sem perder a palatalização. As demais foram todas palatalizadas.

Nas palavras com /t/ no final da palavra: **Leite** e **Útil**, com 48 realizações pelos 24 informantes, todas foram pronunciadas com palatalização, conforme pode ser verificado nas tabelas no Apêndice.

Análise das palavras com /l/, no quadro 25:

Quadro 25– Palavras com /l/

<u>Palavras com /l/</u>
1- Livro
2- Linha
3- Lírio
4- Lista
5- Alice
6- Baliza
7- Palito
8- Boliche
9- Ilícito
10- Cilíndrico
11- Política
12- Delícia
13- Helicóptero
14- Alicate
15- Militar
16- Eliminar
17- Cálice
18- Pele
19- Cólica
20- Cílio

Fonte: Autoria Própria

As palavras contidas nessa tabela foram pré-selecionadas com o intuito de verificar a realização da alveolar /l/, para saber se, no falar manauara, é mais comum serem pronunciados com palatalização [ʎ], com vocábulos em que o /l/ encontrava-se no começo das palavras, assim como ao meio e ao final.

Nas palavras com /l/ no começo: **Livro**, **Linha**, **Lírio**, **Lista**, com 96 realizações dos informantes, apenas 4 palavras não foram pronunciadas. A palavra *Lírio* não foi produzida como se esperava em três ocasiões, sendo fornecidas as seguintes formas: [‘ʎis], [‘lɨtuʃ] e [‘cɨpu di ‘leiʃi].

Nas palavras com /l/ no meio do vocábulo: **Alice, Baliza, Palito, Boliche, Cilíndrico, Política, Delícia, Helicóptero, Alicate, Militar, Eliminar, Cálice, Cólica, Ilícito**, com 336 realizações dos informantes, apenas 3 vocábulos não foram pronunciados, em que, a palavra Delícia não foi fornecida por 3 informantes.

Nas palavras com /l/ no final da palavra: **Pele, Cílio**, com 48 realizações dos informantes, todas foram pronunciadas com palatalização.

Análise das palavras com /n/ no diminutivo, no quadro 26:

Quadro 26– Palavras com /n/ no diminutivo

<u>Palavras com /n/ diminutivo</u>
1- Menino
2- Mana
3- Pano
4- Cana
5- Cano
6- Humano
7- Aquariano
8- Goiano
9- Usina
10- Nicotina
11- Cortina
12- Dançarino
13- Nordestino
14- Submarino
15- Vegetariano

Fonte: Autoria Própria

As palavras contidas nessa tabela foram pré-selecionadas com o intuito de verificar a realização da alveolar /n/, para saber se no falar manauara, é mais comum serem pronunciados com palatalização [ɲ], com vocábulos em que o /n/ encontrava-se no final das palavras pronunciadas no diminutivo.

Com 360 realizações dos informantes, 79 foram pronunciadas com seus fonemas alveolares. Por mais que seja um número expressivo, o que se constatou é que as palavras que não foram pronunciadas com palatalização foram pronunciadas com um diminutivo que não contemplava tal realização.

Análise das palavras com /l/ no diminutivo, no quadro 27:

Quadro 27– Palavras com /l/ no diminutivo

<u>Palavras com /l/ diminutivo</u>
1- Tala
2-Fila
3- Vela
4- Galo
5- Capela
6- Canela
7- Tabela
8- Castelo
9- Amarelo
10- Farelo
11- Cabelo
12- Flanela
13- Goela
14- Janela
15- Cotovelo

Fonte: Autoria Própria

As palavras contidas nessa tabela foram pré-selecionadas com o intuito de verificar a realização da alveolar /l/, para saber se no falar manauara, é mais comum serem pronunciados com palatalização [ʎ], com vocábulos em que o /l/ encontrava-se no final das palavras pronunciadas no diminutivo.

Com 360 realizações dos informantes, 44 foram pronunciadas com seus fonemas alveolares. Por mais que seja um número expressivo, o que se constatou é que as palavras que não foram pronunciadas com palatalização foram pronunciadas com um diminutivo -inho que não contemplava tal realização.

Análise das palavras soltas com /ʎ/, no quadro 28:

Quadro 28– Palavras soltas com /ʎ/

Família
Familha
Brasília
Brasilha

Fonte: Autoria Própria

As palavras contidas nessa tabela foram pré-selecionadas com o intuito de verificar se a palatalização das palavras “**Brasília**” e “**Família**” poderiam ser reconhecidas enquanto

pronunciadas.

Com 96 realizações dos informantes, todos os vocábulos foram pronunciados com palatalização. Na palavra Família, foram pronunciadas 2 vezes com [ʎ□]: [fã'miʎ□], todas os outros 22 informantes pronunciaram com [ʎi□]: [fã'miʎi□]. Na pronúncia da palavra **Familha** houve apenas uma pronúncia com [ʎi□]. A grande diferença da pronúncia da palavra **Familia** para **Familha** foi motivada pelo monitoramento dos informantes, que logo perceberam a diferença e entoavam uma sílaba diferente, como em: [fã'miʎi□], em que a sílaba tônica ficou sendo a do meio e, como em: [fã'miʎ□], em que a entonação ficou com a última sílaba. O mesmo ocorreu com as palavras **Brasília** e **Brasilha**. Na palavra **Brasília**, houve 21 realizações com [ʎi□]. Na palavra **Brasilha** todas foram pronunciadas com [ʎ□].

Análise das palavras com /k/ e /g/, no quadro 29:

Quadro 29– Palavras com /k/ e /g/

<u>Palavras com /k/ e /g/</u>
1- Paca
2- Placa
3- Panaca
4- Logo
5- Lago
6- Água
7- Liga
8- Chegar
9- Alga
10- Amiga
11- Amigo
12- Pinga
13- Briga
14- Bexiga
15- Barriga
16- Piqui
17- Pico
18- Nanico
19- África
20- Bico

Fonte: Autoria Própria

As palavras contidas nessa tabela foram pré-selecionadas com o intuito de verificar a

realização das alveolares /k/ e /g/, para saber se no falar manauara, é mais comum serem pronunciados com palatalização /c/ e /ç/, com vocábulos em que o /k/ e /g/ encontravam-se no final das palavras pronunciadas no diminutivo.

Com 360 realizações dos informantes, 78 foram pronunciadas com seus fonemas alveolares. Por mais que seja um número expressivo, o que se constatou é que as palavras que não foram pronunciadas com palatalização foram pronunciadas com um diminutivo que não contemplava tal realização.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Esta pesquisa investigou o comportamento das alveolares /t/, /d/, /n/, /l/ e das velares /k/ e /g/ no contexto de /i/ na fala manauara. A pesquisa comprovou que está ocorrendo, na fala manauara, uma expansão da palatalização. Enquanto que na maioria das regiões do país, a palatalização ocorre somente como oclusivas, /t/ que vai para [tʃ], /d/ que vai para [dʒ], /k/ que vai para [kʲ] e /g/ que vai [gʲ] no contexto seguido pela vogal /i/, na fala manauara se estende também para a nasal /n/ e a lateral /l/, ambas alveolares. Embora na fala manauara os sons /n/ e /l/ são fonemas distintos, no contexto de /i/ essa oposição é neutralizada em prol de /ɲ/ e /ʎ/ respectivamente.

Essa expansão nos obriga estabelecer novos traços distintivos para formar uma classe natural, ou seja, quais traços estariam presentes num grupo de sons que permitem esses sons serem governados pelo traço da vogal /i/. Quatro traços foram necessários para estabelecer a classe natural governada pela força articulatória centrípeta da vogal /i/, que são:

- 1) o traço + (mais) consonantal;
- 2) o traço - (menos) labial, pois a palatalização, nas oclusivas, só não ocorre /p/ e /b/;
- 3) o traço - (menos) contínuo, pois não ocorrem com as fricativas que são + (mais) contínuas;
- 4) o traço - (menos) palatal, que será o traços assimilado da vogal /i/ que será o gatilho para desencadear cada alofone do classe natural do fonemas.

Quanto ao traço da lateral /l/, se é menos ou mais contínuo, nós a consideramos como - (menos) contínuo, pois levamos em consideração a oclusão ocorrido no centro da boca com a lâmina da língua.

O resultado da pesquisa aponta que na fala manauara há uma isonomia entre os processos de alofonia /t, d, k, g/ que se transformam em [tʃ, dʒ, χ j] respectivamente e a neutralização existe entre /n/ e /l/, em todos esses casos se forem seguidos pela vogal /i/ haverá uma palatalização.

REFERÊNCIAS

- ALKMIM, T. M. Sociolinguística: Parte 1. In: MUSSALIM, F.; BENTES, A. C. (orgs). **Introdução à Linguística: domínios e fronteiras**, V. 1, 8. ed. São Paulo: Cortez, 2008.
- ARANTES, Helene Carvalho. **O Português Falado na Cidade de Manaus: Coleta de Dados - SIPROJ- n°27543**. Pesquisa de iniciação científica (PAIC). Universidade do Estado do Amazonas, Manaus, 2014.
- ARAÚJO, J. M. **A Expressão de Futuridade na Escrita Jornalística Manauara dos Anos 80 aos Dias Atuais: Um Estudo Funcionalista**. Dissertação (Mestrado em Letras e Artes). Universidade do Estado do Amazonas, Manaus, 2016.
- BARROS, Nathalie Anne Conceição. **Indicativo na Expressão do *Irrealis* na Fala Manauara**. Trabalho de Conclusão de Curso. Universidade do Estado do Amazonas, Manaus, 2015.
- BERÇOT-RODRIGUES, S. F. **A realização da fricativa glotal na fala manauara**. Dissertação (Mestrado em Letras). Universidade Federal do Amazonas, Manaus, 2013.
- BISOL, Leda. **Introdução a estudos de fonologia do português brasileiro**. 5ª ed. Porto alegre: EDIPUCRS, 2014
- BRANDÃO, Silvia Figueiredo. **A geografia lingüística no Brasil**. São Paulo: Ática, 1991.
- _____. Um estudo variacionista sobre a lateral palatal. **Letras de Hoje**, 2007, n. 42, vol. 3.
- BRIGHT, William. **As dimensões da sociolinguística**. Sociolinguística. Rio de Janeiro: Eldorado, 1974.
- BRITO, Roseanny de Melo. **Atlas dos falares do baixo Amazonas – AFBAM**. Dissertação (Mestrado em Sociedade e Cultura). Universidade Federal do Amazonas, Manaus, 2010.
- CAGLIARI, L. C. **A palatização em português: uma investigação palatográfica**. Dissertação (Mestrado em Linguística) – Instituto de Filosofia e Ciências Humanas, Universidade Estadual de Campinas, Campinas, 1974.
- _____. **Análise fonológica: introdução à teoria e à prática, com especial destaque para o modelo fonêmico**. Campinas: Mercado de Letras, 2002.
- CALVET, Louis-Jean. **Sociolingüística: uma introdução crítica**. São Paulo: Parábola, 2002.
- CARDOSO, Leticia Pinto. **Atlas Linguístico dos Falares de Manaus – ALFAMA**. Dissertação (Mestrado em Letras). Programa de Pós-Graduação em Letras da Universidade Federal do Amazonas: UFAM, 2018.
- CARDOSO, Suzana Alice. **Geolinguística: tradição e modernidade**. São Paulo: Parábola, 2010.

- CARR, Phillip. **Modern Linguistics. Phonology**. London: The Macmillan Press, 1994.
- CLEMENTS, G.N.; HUME, E.V. The internal organization of speech sounds. In: GOLDSMITH, J.A. **The handbook of Phonological theory**. Cambridge, Oxford: Blackwell, 1985.
- CÔRREA, Hyldelvídea Cavalcante de Oliveira. **O falar do caboclo amazonense**. Rio de Janeiro: PUC, 1980.
- CRYSTAL, David. **Dicionário de linguística e fonética**. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 2008.
- CRUZ, M. L. de C. **Atlas Linguístico do Amazonas – ALAM**. Rio de Janeiro. Tese (Doutorado em Letras Vernáculas). Universidade Federal do Rio de Janeiro, 2004.
- CUNHA, C. F. da; SILVA NETO, S. da. Atlas Linguístico-Etnográfico do Brasil. In: Colóquio Internacional de Estudos Luso-Brasileiros, 3., 1957, Lisboa. **Actas**, Lisboa: [S.l.], 1960. v. II. p. 405-412.
- EVANGELISTA, Camilla dos Santos. **A realização da lateral /l/ na fala manauara: um estudo Sociolinguístico Variacionista**. Trabalho de Conclusão de Curso (Licenciatura em Letras - Língua Portuguesa). Universidade do Estado do Amazonas, Manaus, 2014.
- FERREIRA, Alexandre Rodrigues. **Diário da viagem filosófica pela capitania de São José do Rio Negro**. Rio de Janeiro: Círculo do livro, (s/d).
- FERREIRA, Aurélio Buarque de Holanda. **Novo dicionário Aurélio da língua portuguesa**. 3ª ed. Curitiba: Positivo, 2004.
- FERREIRA, Carlota; CARDOSO, Suzana Alice. **A dialetologia no Brasil**. São Paulo: Contexto, 1994.
- FIORIN, José Luiz, et al. **Introdução à linguística** Vol 1 e 2. São Paulo: Contexto, 2003.
- FREIRE, Josenildo Barbosa. **Varição da lateral palatal na comunidade de Jacaraú-Paraíba**, Dissertação (Mestrado em Linguística), Universidade Federal da Paraíba, 2011.
- FREIRE, José Ribamar Bessa. “Manaós, barés e tarumãs”. In: **Arquitetura e Urbanismo**, fev e mar. 1987.
- FREITAS, Simone Negrão de. **A Palatalização de /t/, /d/, /n/, /l/ na fala do Paraense**. Tese (Doutorado em Linguística). Universidade Federal do Pará, Belém, em andamento.
- GAMBA, Pedro Augusto. **As Soantes Palatais no Português: Uma Caracterização Fonético-Fonológica**. Dissertação (Mestrado em Linguística). Universidade Federal de Santa Catarina, 2015.
- HOLANDA, Luciana Serdeira. **A gradação na fala manauara: uma abordagem sociolinguística e funcional**. Trabalho de Conclusão de Curso. Universidade do Estado do Amazonas, Manaus, 2015.

IBGE – Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística. **Censo 2010**. Disponível em: <<http://ibge.gov.br>>. Acesso em: 28 jun. 2018.

_____. **Anuário estatístico do Brasil 2011**. Disponível em: <<http://www.biblioteca.ibge.gov.br>>. Acesso em: 28 jun. 2018.

ILARI, Rodolfo; BASSO, Renato. **O português da gente: a língua que estudamos a língua que falamos**. São Paulo: Contexto, 2006.

LABOV, William. **Padrões Sociolinguísticos**. São Paulo: Parábola, 2008.

LADEFOGED, P.; MADDIESON, I., **The Sounds of the World's Languages**. Massachusetts, 1996.

LAZZAROTTO-VOLCÃO, C.; NUNES, V. G. ; SEARA, C. **Fonética e Fonologia do Português Brasileiro**. Universidade Federal de Santa Catarina, UFSC, Florianópolis: LLV/CCE, 2015.

LYONS, John. **Lingua(gem) e lingüística: uma introdução**. Rio de Janeiro: LTC, 1987.

MACHADO-SOARES, E. P. Aspectos fonéticos, fonológicos e sociolinguísticos das palatais lateral e nasal. **Rev. de Letras** - Vol. 30 - 1/4 - jan. 2010/dez. 2011, p. 111-121.

MAIA, Edson Galvão. **Comportamento fonético-fonológico da vogal posterior média fechada /o/, em contexto tônico, no falar de Itacoatiara e Manacapuru**. Manaus: UFAM, Relatório de pesquisa de iniciação científica (PIBIC), 2006.

MAIA, Edson Galvão. **Estudo dialetológico e sociolinguístico do falar de Itacoatiara: as vogais médias pretônicas**. Manaus: UFAM, trabalho monográfico do curso de especialização em Linguística, 2009.

MARTINS, Flávia dos Santos. **Variação na concordância nominal de número na fala de habitantes do Alto Solimões (Amazonas)**. Tese (Doutorado em Linguística). Universidade Federal de Santa Catarina, 2013.

MARTINS, Valteir. **Análise prosódica da língua (Maku-Kamã) numa perspectiva não-linear**. Dissertação (Mestrado), Universidade Federal de Santa Catarina, Centro de Comunicação e Expressão, 1994.

MARTINS, Valteir, MARTINS, Silvana Andrade. Particularidades do uso dos pronomes de segunda pessoa no falar do manauara: Um estudo no panorama da variação pronominal do Português do Brasil. **Inter DISCIPLINARY Journal of Portuguese Diaspora Studies**. Vol. 3.1, 2014.

MARTINS, Joyce Camila. **A Nasalização Variável de Vogais na Fala Manauara**. Dissertação (Mestrado em Letras e Artes). Universidade do Estado do Amazonas, 2018.

MONTEIRO, Maria Socorro. Os começos de Manaus. In: IGHA – INSTITUTO GEOGRÁFICO E HISTÓRICO DO AMAZONAS. **332 anos de Manaus – História e Verdade**. Manaus: Valer/Governo Estadual, 2001.

OLIVEIRA, Marilúcia B. de. **Palatalização da lateral alveolar /l/ em posição prevocálica em Itaituba-PA**. Tese (Doutorado em Letras e Linguística). Universidade Federal de Alagoas, 2007.

OLIVEIRA, Marilucia; RAZKY, Abdelhak; SILVA, Wilker; COSTA, Celiane. Imagens preliminares da realização variável de /l/ pré-vocálico no Estado do Pará. **Signum: Estudos da Linguagem**. n. 12, vol. 1, 2009, p. 257-278.

OLIVEIRA E SILVA, G. M. de O.; PAIVA, M. da C. Conclusão: visão de conjunto das variáveis sociais. In: OLIVEIRA E SILVA, G. M.; SCHERRE, M. M. P. **Padrões sociolinguísticos: análise de fenômenos variáveis do português falado na cidade do Rio de Janeiro**. Rio de Janeiro: Tempo Brasileiro, 1996.

PAIVA, Maria da Conceição de. O interesse da variável sexo. In: MOLLICA, Maria Cecilia *et* BRAGA, Maria Luiza (orgs.). **Introdução à Sociolinguística: o tratamento da variação**. 4 ed. São Paulo: Contexto, 2010.

PEREIRA, E. C. **Grammatica Expositiva: curso superior**. 2. ed. São Paulo: Duprat & Comp. 1916.

QUARA, Hariele Regina Guimarães. **As vogais médias pretônicas no falar de Manaus (AM)**. Dissertação (Mestrado em Letras). Manaus: UFAM, 2012.

QUEDNAU, Laura Rosane. **A lateral pós-vocálica no português gaúcho: análise variacionista e representação não-linear**. Dissertação (Mestrado em Letras). Universidade Federal do Rio Grande do Sul, 1993.

REIS, Arthur César Ferreira. **História do Amazonas**. Belo Horizonte/ Manaus: Itatiaia/Superintendência Cultural do Amazonas, 1989.

RIBEIRO, Paula; MARTINS, Valteir. **Contextos Linguísticos e Socioculturais da Variação da Expressão de Futuridade na Fala Manauara**. (SISPROJ – Nº 21106). Universidade do Estado do Amazonas, UEA, 2014.

SANTOS, Janaína Maciel dos; CHAVES, Messias do Nascimento; A Realização da Lateral Palatal /ʎ/ no Atlas Linguístico do Acre (ALIAC). **Anais da V JNLFLP**. 2012. p. 142.

SAUSSURE, Ferdinand de. **Curso de Linguística Geral**. São Paulo: Cultrix, 2006.

SEARA, Izabel Christine; NUNES, Vanessa Gonzaga; LAZZAROTTO-VOLCÃO, Cristiane. **Para conhecer Fonética e Fonologia do Português Brasileiro**. São Paulo: Contexto, 2015.

SILVA, Thaís Cristófar. **Fonética e Fonologia do português: roteiro de estudos e guia de exercícios**. 10ª ed. São Paulo: Contexto, 2010.

_____. **Dicionário de fonética e fonologia**. São Paulo: Contexto, 2011.

SILVA, Thaís Cristófar; BARBOZA, Clerton; GUIMARÃES, Daniela; NASCIMENTO, Katiene. Revisitando a palatalização no português brasileiro. **Revista de Estudos da**

Linguagem, n. 20, vol. 2, p. 59-89; 2012.

SIMAS, Ana Augusta de Oliveira. **O gerúndio na expressão de tempo futuro na diversidade do Português do Manauara**. Dissertação (Mestrado em Letras e Artes). Universidade do Estado do Amazonas, 2016.

SIQUEIRA, Ariela S. do Nascimento; MAGALHÃES, Mayara L. Paiva; GONÇALVES, Sandra Maria Godinho. Dialetoлогия e Geolinguística: Uma análise comparativa do léxico do Atlas do Amazonas e do Atlas da Região Sul do Brasil. **Revista intercâmbio**, v. 28, p. 46-50, 2014.

SUFRAMA. **Modelo Zona Franca – história**. Disponível em: <<http://www.suframa.gov.br>>. Acesso em 28 jun. 2018.

TARALLO, Fernando. **A pesquisa sociolinguística**. 8ª ed. São Paulo: Ática, 2007.

WEEDWOOD, Barbara. **História concisa da lingüística**. São Paulo: Parábola, 2002

WEISS, Helga Elisabeth. **Fonética Articulatória – Guia e Exercícios**. 2ª ed. Brasília, DF: Summer Institute of Linguistics, 1980.

OBRAS CONSULTADAS

- ANDRADE, A. Variação fonética de /l/ em ataque silábico em Português europeu. In **Actas do XIII Encontro Nacional da Associação Portuguesa de Linguística**, 55-76, Lisboa, 1998.
- BABILÔNIA, Leandro, MARTINS, Silvana. A influência dos fatores sociais na alternância dos pronomes tu/você na fala manauara. **Guavira Letras** v. 13, n.1, ago./dez. 2011.
- BAGNO, Marcos. **Preconceito Linguístico – O que é, como se faz**. São Paulo: Edições Loyola, 1999.
- CAGLIARI, L. C. **Elementos de fonética do Português Brasileiro**. São Paulo: Paulistana, 2007.
- CALLOU, Dinah; LEITE, Yonne. **Iniciação à fonética e à fonologia**. 8 ed, Rio de Janeiro, Rj, Jorge Zahar editor Ltda, 2001.
- CRUZ, Maria Luiza de Carvalho. **Atlas Linguístico do Amazonas – ALAM**. Tese (Doutorado em Letras Vernáculas), Rio de Janeiro: UFRJ, 2004.
- COSERIU, Eugenio. **Lições de lingüística geral**. Rio de Janeiro: Ao Livro Técnico, 1980.
- LINS, Ruy Alberto Costa. Alguns registros sobre a origem da cidade de Manaus e a definição da sua data maior. In: IGHA – INSTITUTO GEOGRÁFICO E HISTÓRICO DO AMAZONAS. **332 anos de Manaus – História e Verdade**. Manaus: Valer/Governo Estadual, 2001.
- MARTIUS, Carl Friedch; SPIX, Johan Baptist von. **Viagem pelo Brasil: 1817-1820**. São Paulo/Brasília: Melhoramentos/INL, 1975.
- MATZENAUER-HERNANDORENA, C. L. 1994. A geometria de traços na representação das palatais na aquisição do português, **Letras de Hoje**, Vol. 29, n. 4, p. 159-167.
- MOTA, Jacyra. Variantes palatais do português do Brasil. In: RUFFINO, Giovanni. **Atti Del XXI Congresso Internazionale di Linguistica e Filologia Romanza**. Università di Palermo. Centro di studi filologici e linguistici siciliani. 1995. p. 475-483.
- MOTA, J.; ROLLEMBERG, V. Variantes africadas palatais em Salvador. In: HORA, D. da (Org.). **Diversidade Lingüística no Brasil**. João Pessoa: Ideia, 1997. p. 131-140.
- MESQUITA, Otoni Moreira de. **Manaus. História e Arquitetura (1852-1910)**. 3ª ed. Manaus: Editora Valer, Prefeitura de Manaus e Uninorte, 2006.
- MELO, Nildete Silva de. As contribuições da sociolinguística para o ensino da língua materna e valorização da cultura indígena. **Anais do SILEL**. Uberlândia: EDUFU, 2013.
- NARAYANAN, S. S.; ALWAN, A. A., Toward Articulatory-acoustic models for liquid approximants based on MRI and EPG data. Part I. The Laterals. **Journal of Acoustical Society of America**, n. 101, 1997.

NEUSCHRANK, Aline; BARRETO MATZENAUER, Carmen Lúcia. **A palatalização na diacronia do pb: o surgimento dos segmentos palatais à luz de teoria fonológica.** *Linguística*, v. 27, n. 1, p. 18-46, 2012.

RAZKY, Abdelhak et al. **Atlas Lingüístico Sonoro do Pará.** Universidade Federal do Pará. Belém, 2004.

SAMPAIO, Francisco Xavier de. **Diário de viagem que em visitação e correição das povoações da capitania de São José do Rio Negro, fez o ouvidor e intendente-geral da mesma.** Lisboa: Typ. da Academia. 1825.

SCHANE, Sanford A. **Fonologia Gerativa.** Universidade da Califórnia, San Diego, 1975.

SPROAT, R., FUJIMURA, O. (1993). Allophonic variation in English /l/ and its implications for phonetic implementation. **Journal of Phonetics**, n. 21, p. 291-311, 1993.

ZHOU, X. **Articulatory and Acoustic Study of American English Liquid Sounds /r/ and /l/**, 2009.

APÊNDICE A – QUESTIONÁRIO FONÉTICO-FONOLÓGICO (QFF)

Projeto: A realização das alveolares e velares na fala manauara.

Orientanda: Camilla dos Santos Evangelista.

Orientador: Prof. Dr. Valteir Martins.

[dʒ]

1 – DIA

Qual o contrário de boa noite?

2- DIAMANTE

Que pedra preciosa você vê aqui?

3- DIZER

O mesmo que falar?

4 – DIABO

Que figura do mal é essa?

5 – DIGNO

O mesmo que honesto e decente?

Ex: Tenho um trabalho _____.

6 – DICIONÁRIO

Que tipo de livro você vê aqui?

7 – ÉDIPO

É um termo usado por Freud, inspirado na tragédia grega de mesmo nome e designa o conjunto de desejos amorosos e hostis que o menino, enquanto ainda criança, experimenta com relação a sua mãe.

Complexo de _____.

[ʎ]

8 – TIGRE

Que animal é esse?

9 – TIGELA

Qual o nome desse utensílio de cozinha?

10 – THIAGUINHO

Você sabe o nome desse cantor de pagode?

11 – TIJOLO

Qual o nome desse objeto utilizado em construções?

12 – TIJUCA

Qual nome desse importante bairro da zona norte do Rio de Janeiro, localizado próximo ao Maracanã e que dá o nome a uma escola de Samba?

13 – BOTIJA / BOTIJÃO DE GÁS

Qual o nome desse objeto utilizado para armazenar gás para poder cozinhar alimentos?

14 – LEITE

Qual o nome desse líquido que está na alimentação de grande parte das crianças?

15 – TEATRO AMAZONAS

Qual o nome desse importante ponto turístico da cidade de Manaus?

16 – LATIDO

Qual o nome do som produzido pelos cachorros?

17 – ATMOSFERA

Qual o nome da camada de gases que envolve o planeta e é retida pela sua atração gravitacional?

18 – CAATINGA

Qual o nome da vegetação típica do clima semiárido, encontrado em áreas do nordeste do Brasil?

19 – INTIMAÇÃO

Qual o nome do ato judicial pelo qual se notifica determinada pessoa dos termos ou atos de um processo?

20 – ATIRAR

Outro nome para: disparar (arma de fogo ou de arremesso); alvejar, apontar.

[L]

21 – LIVRO

Qual o nome desse objeto?

22 - LINHA

Qual o nome desse objeto de costura?

23 – LÍRIO

Você sabe o nome dessa flor? Começa com “L”

24 – ALICE

Qual o nome dessa personagem principal do filme de 1951 da Disney, intitulado: _____ no país das maravilhas?

25 – BALIZA

Qual o nome dessa manobra automobilística que reprova muitos candidatos nas provas do DETRAN?

26 – PALITO

Qual o nome desse instrumento de madeira que serve para limpar os dentes?

27 – BOLICHE

Qual o nome desse jogo?

28 – ALICATE

Qual o nome desse objeto?

29 – MILITAR

O que é relativo às forças armadas (Marinha, Exército e Aeronáutica), a sua organização, as suas atividades.

Ex: Carreira _____.

30 – CÁLICE

Outro nome para taça de vinho?

31 – PELE

Tecido que reveste o corpo humano e dos animais.

32 – CÓLICA

Dor espasmódica que a maioria das mulheres sente todo mês no período menstrual?

33 – CÍLIOS

Na área da estética, hoje está na moda o alongamento de _____.

APÊNDICE B – TEXTOS E FRASES LIDOS NAS ENTREVISTAS

Projeto: A realização das alveolares e velares na fala manauara.

Orientanda: Camilla dos Santos Evangelista.

Orientador: Prof. Dr. Valteir Martins.

[dʒ]

1 – DITONGO

Complete:

Os 3 encontros vocálicos da Língua Portuguesa são:

_____, tritongo e hiato.

2 – FADIGA

Leia:

Existem alguns tipos de fadiga:

A fadiga muscular, a crônica, a visual, a corporal geral e a nervosa.

3 – ÓDIO

Complete:

O mundo precisa de mais amor e menos _____.

4 – ADIANTAMENTO

Complete:

Quero sair de férias e viajar, então pedi o _____ do meu salário.

5 – VENDI

Complete:

Você já conseguiu vender seu carro?

Já sim, já _____ meu carro.

6 – DIÁRIA

Leia:

Quanto é a diária nesse hotel?

A diária custa 200 reais.

7 – ADVOGADO, DEFENDI

Leia:

Você, como advogado, teve coragem de defender esse bandido?

Tive sim, eu o defendi.

8 – ADMITIR, MEDIDA

Leia:

Mamãe, posso cortar o papel?

Pode sim, tenho que admitir que você cortou na medida certa.

9 – RIDÍCULO

Complete:

Tem gente que não tem senso do _____.

Para que tá feio, para que tá _____.

10 – INTERMEDIÁRIO

Leia:

Inglês intermediário na prática.

[9]

11 – ETÍLICO, BATIDA, ATINGIU

O teor etílico do teste de bafômetro do motorista que ocasionou a batida de carros na Djalma Batista essa tarde, atingiu valor acima do permitido pelas normas da legislação.

12 – PATIFE, ÓTIMO, ÚTIL, ÉTICA

Leia:

Você chamou seu colega de trabalho de patife? Ótimo, não foi nada útil e você perdeu a ética e o emprego.

[A]

13 – LISTA

Complete:

Precisamos fazer a _____ do supermercado.

14 – POLÍTICA, ILÍCITOS, HELICÓPTERO, CILÍNDRICO, ELIMINAR

Leia:

Na política há vários casos ilícitos, como sabotar um helicóptero com um objeto cilíndrico para eliminar um candidato nas eleições.

15 – DELÍCIA

Complete a frase:

Este _____ de vinho está uma _____.

APÊNDICE C – LISTA DE PALAVRAS SOLTAS PARA SEREM LIDAS

Projeto: A realização das alveolares e velares na fala manauara.

Orientanda: Camilla dos Santos Evangelista.

Orientador: Prof. Dr. Valteir Martins.

[A]

Família
Familha
Brasília
Brasilha

APÊNDICE D – LISTA DE PALAVRAS PARA SEREM FALADAS NO DIMINUTIVO

Projeto: A realização das alveolares e velares na fala manauara.

Orientanda: Camilla dos Santos Evangelista.

Orientador: Prof. Dr. Valteir Martins.

[n]

Palavras com /n/
(diminutivo)

- 1- Menino
- 2- Mana
- 3- Manha
- 4- Pano
- 5- Cana
- 6- Cano
- 7- Humano
- 8- Aquariano
- 9- Goiano
- 10- Usina
- 11- Nicotina
- 12- Cortina
- 13- Dançarino
- 14- Nordestino
- 15- Submarino
- 16- Vegetariano

[l]

Palavras com /l/
(diminutivo)

- 1- Tala
- 2- Fila
- 3- Filha
- 4- Vela
- 5- Velha
- 6- Galo

- 7- Galho
- 8- Capela
- 9- Canela
- 10- Tabela
- 11- Castelo
- 12- Amarelo
- 13- Farelo
- 14- Cabelo
- 15- Flanela
- 16- Goela
- 17- Janela
- 18- Cotovelo

[c] [l]

Palavras /k/ e
/g/

- 1- Paca
- 2- Placa
- 3- Panaca
- 4- Logo
- 5- Lago
- 6- Água
- 7- Liga
- 8- Chegar
- 9- Alga
- 10- Amiga
- 11- Amigo
- 12- Pinga
- 13- Briga
- 14- Bexiga
- 15- Barriga
- 16- Piqui
- 17- Pico
- 18- Nanico
- 19- África
- 20- Bico

Transcrições das produções das informantes femininas com o ensino médio

Palavras com //	FAX1	FAX2	FBX1	FBX2	FCX1	FCX2
1- Livro	[ˈlivru]	[ˈlivru]	[ˈlivru]	[ˈlivru]	[ˈlivru]	[ˈlivru]
2- Linha	[ˈliɔ]	[ˈliɔ]	[ˈliɔ]	[ˈliɔ]	[ˈliɔ]	[ˈliɔ]
3- Lírio	[ˈliriu]	[ˈliriu]	[ˈliriu]	[ˈliriu]	[ˈliriu]	[ˈɔpu di leʃi]
4- Lista	[ˈliʃtu]	[ˈliʃtu]	[ˈliʃtu]	[ˈliʃtu]	[ˈliʃtu]	[ˈliʃtu]
5- Alice	[aˈlisi]	[aˈlisi]	[aˈlisi]	[aˈlisi]	[aˈlisi]	[aˈlisi]
6- Baliza	[baˈlizo]	[baˈlizo]	[baˈlizo]	[baˈlizo]	[baˈlizo]	[baˈlizo]
7- Palito	[paˈlitu]	[paˈlitu]	[paˈlitu]	[paˈlitu]	[paˈlitu]	[paˈlitu]
8- Boliche	[boˈliʃi]	[boˈliʃi]	[boˈliʃi]	[boˈliʃi]	[boˈliʃi]	[boˈliʃi]
9- Ilícito	[iˈlisitu]	[iˈlisitu]	[iˈlisitu]	[iˈlisitu]	[iˈlisitu]	[iˈlisitu]
10- Cilíndrico	[siˈɫidriku]	[siˈɫidriku]	[siˈɫidriku]	[siˈɫidriku]	[siˈɫidriku]	[siˈɫidriku]
11- Política	[poˈɫiʃiko]	[poˈɫiʃiko]	[poˈɫiʃiko]	[poˈɫiʃiko]	[poˈɫiʃiko]	[poˈɫiʃiko]
12- Delícia	[deˈɫisju]	[deˈɫisju]	[deˈɫisiosu]	[deˈɫisju]	[deˈɫisju]	[deˈɫisju]
13- Helicóptero	[e.ɫiˈkɔpiteru]	[e.ɫiˈkɔpiteru]	[e.ɫiˈkɔpiteru]	[e.ɫiˈkɔpiteru]	[e.ɫiˈkɔpiteru]	[e.ɫiˈkɔpiteru]
14- Alicate	[a.ɫiˈkatʃi]	[a.ɫiˈkatʃi]	[a.ɫiˈkatʃi]	[a.ɫiˈkatʃi]	[a.ɫiˈkatʃi]	[a.ɫiˈkatʃi]
15- Militar	[mi.ɫiˈta]	[mi.ɫiˈta]	[mi.ɫiˈtah]	[mi.ɫiˈtah]	[mi.ɫiˈtah]	[mi.ɫiˈta]
16- Eliminar	[e.ɫimiˈnã]	[e.ɫimiˈnã]	[e.ɫimiˈnah]	[e.ɫimiˈnã]	[e.ɫimiˈna]	[e.ɫimiˈnah]
17- Cálice	[ˈka.ɫisi]	[ˈka.ɫisi]	[ˈka.ɫisi]	[ˈka.ɫisi]	[ˈka.ɫisi]	[ˈka.ɫisi]
18- Pele	[ˈpe.ɫi]	[ˈpe.ɫi]	[ˈpe.ɫi]	[ˈpe.ɫi]	[ˈpe.ɫi]	[ˈpe.ɫi]
19- Cólica	[ˈko.ɫiko]	[ˈko.ɫiko]	[ˈko.ɫiko]	[ˈko.ɫiko]	[ˈko.ɫiko]	[ˈko.ɫiko]
20- Cílio	[ˈsi.ɫiu]	[ˈsi.ɫeo]	[ˈsi.ɫiu]	[ˈsi.ɫiu]	[ˈsi.ɫiu]	[ˈsi.ɫiu]

Transcrições das produções das informantes femininas com o ensino médio

Palavras com /n/ (diminutivo)	FAX1	FAX2	FBX1	FBX2	FCX1	FCX2
1- Menino	[mejni'niũ]	[mejni'niũ]	[mejni'niũ]	[mejni'niũ]	[mejinu'ziũ]	[mejni'niũ]
2- Mana	[mã'niũ]	[mã'niũ]	[mã'niũ]	[mãna'ziũ]	[mã'niũ]	[mã'niũ]
3- Manha	[mã'ĩo]	[mãna'ziũ]	[mãna'ziũ]	[mã'ĩo]	[mãna'ziũ]	[mãna'ziũ]
4- Pano	[pã'niũ]	[pã'niũ]	[pã'niũ]	[pã'niũ]	[pãnu'ziũ]	[pã'niũ]
5- Cana	[kã'niũ]	[kã'niũ]	[kã'niũ]	[kã'niũ]	[kãna'ziũ]	[kã'niũ]
6- Cano	[kã'niũ]	[kã'niũ]	[kã'niũ]	[kã'niũ]	[kãnu'ziũ]	[kã'niũ]
7- Humano	[umã'niũ]	[umã'niũ]	[umãnu'ziũ]	[umã'niũ]	[umãnu'ziũ]	[umã'niũ]
8- Aquariano	[akwɔriã'niũ]	[akwɔriã'niũ]	[akwɔriã'niũ]	[akwɔriã'niũ]	[akwɔriu'ziũ]	[akwɔriãnu'ziũ]
9- Goiano	[goiã'niũ]	[goiã'niũ]	[goiã'niũ]	[goiã'niũ]	[goiãno'ziũ]	[goiã'niũ]
10- Usina	[uzi'niũ]	[uzi'niũ]	[uzi'niũ]	[uzi'niũ]	[uzina'ziũ]	[uzi'niũ]
11- Nicotina	[nikotʃi'niũ]	[nikotʃi'niũ]	[nikotʃi'niũ]	[nikotʃi'niũ]	[nikotʃina'ziũ]	[nikotʃi'niũ]
12- Cortina	[kortʃi'niũ]	[kortʃi'niũ]	[kortʃi'niũ]	[kurʃi'niũ]	[kortʃina'ziũ]	[kortʃi'niũ]
13- Dançarino	[dãsarinu'ziũ]	[dãsarinu'ziũ]	[dãsari'niũ]	[dãsari'niũ]	[dãsarinu'ziũ]	[dãsarinu'ziũ]
14- Nordestino	[nɔɾdeʃĩnu'ziũ]	[nɔɾdeʃĩnu'ziũ]	[nɔɾdeʃĩ'niũ]	[nɔɾdeʃĩ'niũ]	[nɔɾdeʃĩnu'ziũ]	[nɔɾdeʃĩnu'ziũ]
15- Submarino	[subimɔrinu'ziũ]	[subimɔri'niũ]	[subimɔri'niũ]	[subimɔri'niũ]	[subimɔrinu'ziũ]	[subimɔrinu'ziũ]
16- Vegetariano	[vegetoriã'niũ]	[vegetoriã'niũ]	[vegetoriã'niũ]	[vegetoriã'niũ]	[vegetoriãnu'ziũ]	[vegetoriãnu'ziũ]

Transcrições das produções das informantes femininas com o ensino médio

Palavras com // (diminutivo)	FAX1	FAX2	FBX1	FBX2	FCX1	FCX2
1- Tala	[to'ɫiɔ]	[to'ɫiɔ]	[to'ɫiɔ]	[to'ɫiɔ]	[toɫa'ziɔ]	[to'ɫiɔ]
2- Fila	[fi'ɫiɔ]	[fi'ɫiɔ]	[fi'ɫiɔ]	[fi'ɫiɔ]	[fiɫa'ziɔ]	[fi'ɫiɔ]
3-Filha	[fi'ɫiɔ]	[fi'ɫiɔ]	[fi'ɫiɔ]	[fi'ɫiɔ]	[fiɫa'ziɔ]	[fi'ɫiɔ]
4- Vela	[ve'ɫiɔ]	[ve'ɫiɔ]	[ve'ɫiɔ]	[ve'ɫiɔ]	[veɫa'ziɔ]	[ve'ɫiɔ]
5-Velha	[ve'ɫiɔ]	[ve'ɫiɔ]	[ve'ɫiɔ]	[ve'ɫiɔ]	[veɫa'ziɔ]	[ve'ɫiɔ]
6- Galo	[gɔ'ɫiɔ]	[gɔ'ɫiɔ]	[gɔ'ɫiɔ]	[gɔ'ɫiɔ]	[gɔɫu'ziɔ]	[gɔ'ɫiɔ]
7- Galho	[gɔ'ɫiɔ]	[gɔ'ɫiɔ]	[gɔ'ɫiɔ]	[gɔ'ɫiɔ]	[gɔɫo'ziɔ]	[gɔ'ɫiɔ]
8- Capela	[kɔpe'ɫiɔ]	[kɔpe'ɫiɔ]	[kɔpe'ɫiɔ]	[kɔpe'ɫiɔ]	[kɔpeɫa'ziɔ]	[kɔpe'ɫiɔ]
9- Canela	[kãne'ɫiɔ]	[kãne'ɫiɔ]	[kone'ɫiɔ]	[kãne'ɫiɔ]	[kãneɫa'ziɔ]	[kãne'ɫiɔ]
10- Tabela	[toɔbe'ɫiɔ]	[toɔbe'ɫiɔ]	[toɔbe'ɫiɔ]	[toɔbe'ɫiɔ]	[toɔbeɫa'ziɔ]	[toɔbe'ɫiɔ]
11- Castelo	[kɔʃte'ɫiɔ]	[kɔʃte'ɫiɔ]	[kɔʃte'ɫiɔ]	[kɔʃte'ɫiɔ]	[kɔʃteɫu'ziɔ]	[kɔʃte'ɫiɔ]
12- Amarelo	[omɔre'ɫiɔ]	[omɔre'ɫiɔ]	[omɔre'ɫiɔ]	[omɔre'ɫiɔ]	[omɔre'ɫiɔ]	[omɔre'ɫiɔ]
13- Farelo	[foɔre'ɫiɔ]	[foɔre'ɫiɔ]	[foɔre'ɫiɔ]	[foɔre'ɫiɔ]	[foɔreɫu'ziɔ]	[foɔreɫu'ziɔ]
14- Cabelo	[kabe'ɫiɔ]	[kabe'ɫiɔ]	[kabe'ɫiɔ]	[kabe'ɫiɔ]	[kabeɫu'ziɔ]	[kabe'ɫiɔ]
15- Flanela	[flãne'ɫiɔ]	[flãne'ɫiɔ]	[flãne'ɫiɔ]	[flãne'ɫiɔ]	[flãneɫa'ziɔ]	[flãne'ɫiɔ]
16- Goela	[goe'ɫiɔ]	[goe'ɫiɔ]	[goe'ɫiɔ]	[goe'ɫiɔ]	[goeɫa'ziɔ]	[goe'ɫiɔ]
17- Janela	[jãne'ɫiɔ]	[jãne'ɫiɔ]	[jãne'ɫiɔ]	[jãne'ɫiɔ]	[jãneɫa'ziɔ]	[jãne'ɫiɔ]
18- Cotovelo	[kotove'ɫiɔ]	[kotove'ɫiɔ]	[kotove'ɫiɔ]	[kotove'ɫiɔ]	[kotoveɫu'ziɔ]	[kotoveɫu'ziɔ]

Transcrições das produções das informantes femininas com o ensino médio

Palavras	FAX1	FAX2	FBX1	FBX2	FCX1	FCX2
Familia	[fa'mi:liu]	[fa'mi:liu]	[fã'mi:liu]	[fã'mi:liã]	[fã'mi:liu]	[fã'mi:liu]
Familha	[fa'mi:lu]	[fã'mi:lu]	[fã'mi:lu:]	[fã'mi:lu:]	[fã'mi:lu]	[fã'mi:lu:]
Brasília	[bra'zi:liu]	[bra'zi:liu]	[bra'zi:liu]	[bra'zi:liu]	[bra'zi:liu]	[bra'zi:liu]
Brasilha	[bra'zi:lu:]	[bra'zi:lu]	[bra'zi:lu:]	[bra'zi:lu:]	[bra'zi:lu]	[bra'zi:lu:]

Transcrições das produções das informantes femininas com o ensino médio

Palavras /k/ e /g/	FAX1	FAX2	FBX1	FBX2	FCX1	FCX2
1- Paca	[pa'kĩo]	[pa'kĩo]	[pa'kĩo]	[pa'kĩo]	[pa'kĩo]	[pa'kĩo]
2- Placa	[pla'kĩo]	[pla'kĩo]	[pla'kĩo]	[pla'kĩo]	[pla'kĩo]	[pla'kĩo]
3- Panaca	[pãna'kĩo]	[pãna'kĩo]	[pana'kĩo]	[pãna'kĩo]	[pana'kĩo]	[pãna'kĩo]
4- Logo	[lo'gĩu]	[lo'gĩu]	[lo'gĩu]	[lo'gĩu]	[lõgo'zĩo]	[lo'gĩu]
5- Lago	[la'gĩu]	[la'gĩu]	[lo'gĩu]	[la'gĩu]	[lago'zĩo]	[la'gĩu]
6- Água	[a'guĩo]	[a'guĩo]	[a'guĩo]	[a'guĩo]	[agua'zĩo]	[a'guĩo]
7- Liga	[lí'gĩo]	[lí'gĩo]	[lí'gĩo]	[lí'gĩo]	[líga'zĩo]	[lí'gĩo]
8- Chegar	x	[ʃegĩo]	x	[ʃegah'zĩu]	x	x
9- Alga	[au'gĩo]	[au'gĩo]	[au'gĩo]	[au'gĩo]	[auga'zĩo]	[auga'zĩo]
10- Amiga	[ami'gĩo]	[ami'gĩo]	[ami'gĩo]	[ami'gĩo]	[ami'gĩo]	[ami'gĩo]
11- Amigo	[ami'gĩu]	[ami'gĩu]	[ami'gĩo]	[ami'gĩu]	[ami'gĩu]	[ami'gĩu]
12- Pinga	[pi'gĩo]	[pi'gĩo]	[pi'gĩo]	[pi'gĩu]	[pi'ga'zĩo]	[pi'gĩo]
13- Briga	[bri'gĩo]	[bri'gĩo]	[bri'gĩo]	[bri'gĩo]	[briga'zĩo]	[bri'gĩo]
14- Bexiga	[beʃi'gĩo]	[beʃi'gĩo]	[beʃi'gĩo]	[beʃi'gĩo]	[beʃiga'zĩo]	[biʃi'gĩo]
15- Barriga	[bari'gĩo]	[bari'gĩo]	[bari'gĩo]	[bari'gĩo]	[bariga'zĩo]	[bari'gĩo]
16- Piqui	[pi'kĩu]	[piki'zĩu]	[piki'zĩu]	[pi'kĩu]	[piki'zĩu]	[piki'zĩu]
17- Pico	[pi'kĩu]	[pico'zĩu]	[pico'zĩu]	[pico'ĩu]	[pico'zĩu]	[pico'zĩu]
18- Nanico	[nãni'kĩu]	[nãni'kĩu]	[napi'kĩu]	[nãni'kĩu]	[nãniko'zĩu]	[nãniko'zĩu]
19- África	[afri'kĩo]	[afri'kĩo]	[afrika'zĩo]	[afri'kĩo]	[afrika'zĩo]	[afrika'zĩo]
20- Bico	[bi'kĩu]	[bi'kĩu]	[bi'kĩu]	[bi'kĩu]	[biko'zĩu]	[bi'kĩu]

Transcrições das produções dos informantes masculinos com o ensino médio

Palavras com /t/	MAX1	MAX2	MBX1	MBX2	MCX1	MCX2
1- Tigre	['tʃigri]	['tʃigri]	['tʃigri]	['tʃigri]	['tʃigri]	['tʃigri]
2- Tigela	[tʃi'zelo]	[tʃi'zelo]	x	['pɔtʃi]	[tʃi'zelo]	[tʃi'zelo]
3- Thiago	[tʃia'gĩu]	x	[tʃia'gĩu]	[tʃia'gĩu]	[Rodri'gĩu]	x
4- Tijolo	[tʃi'zolu]	[tʃi'zolu]	[tʃi'zolu]	[tʃi'zolu]	[tʃi'zolu]	[tʃi'zolu]
5- Tijuca	[tʃi'zuko]	[tʃi'zuko]	[tʃi'zuko]	[tʃi'zuko]	[tʃi'zuko]	[tʃi'zuko]
6- Botijão	[botʃi'za]	[botʃi'zãu]	[bu'zãu]	[botʃi'za]	[buotʃi'zãu]	[botʃi'za]
7- Leite	[lej'tʃi]	[lej'tʃi]	[lej'tʃi]	[lej'tʃi]	[lej'tʃi]	[lej'tʃi]
8- Teatro	[te'atru]	[tʃi'atru]	[tʃi'atru]	[tʃi'atru]	[te'atru]	[te'atru]
9- Batida	[ba'tʃido]	[ba'tʃido]	[ba'tʃido]	[ba'tʃido]	[ba'tʃido]	[ba'tʃido]
10- Atingir	[a'tʃĩziu]	[a'tʃĩziu]	[a'tʃĩziu]	[a'tʃĩziu]	[a'tʃĩziu]	[a'tʃĩziu]
11- Latido	[la'tʃidu]	[la'tʃidu]	[la'tʃidu]	[la'tʃidu]	[la'tʃidu]	[la'tʃih]
12- Patife	[pa'tʃifi]	[pa'tʃifi]	[pa'tʃifi]	[pa'tʃifi]	[pa'tʃifi]	[pa'tʃifi]
13- Ética	['etʃiko]	['etʃiko]	['etʃiko]	['etʃiko]	['etʃiko]	['etʃiko]
14- Etilico	[e'tʃiliku]	[e'tʃiliku]	[e'tʃiliku]	[e'tʃiliku]	[e'tʃiliku]	[e'tʃiliku]
15- Ótimo	['ɔtʃimu]	['ɔtʃimu]	['ɔtʃimu]	['ɔtʃimu]	['ɔtʃimu]	['ɔtʃimu]
16- Útil	['utʃju]	['utʃju]	['utʃju]	['utʃju]	['utʃju]	['utʃju]
17- Atmosfera	[atʃimɔ'fero]	x	[atʃimɔs'fero]	[atʃimɔ'fero]	x	x
18- Caatinga	[ka'tʃigo]	[ka'tʃigo]	[ka'tʃigo]	[ka'tʃigo]	[ka'tʃigo]	[ka'tʃigo]
19- Intimação	[itʃima'sãu]	[itʃima'sãu]	[itʃima'sãu]	[itʃima'sãu]	[itʃima'sãu]	[itʃima'sãu]
20- Atirar	[atʃi'rah]	[atʃi'rah]	[atʃi'rah]	[atʃi'ra]	[atʃi'rah]	[atʃi'rah]

Transcrições das produções dos informantes masculinos com o ensino médio

Palavras com /n/ (diminutivo)	MAX1	MAX2	MBX1	MBX2	MCX1	MCX2
1- Menino	[mɛpɪ'ɲiũ]	[mɛpɪ'ɲiũ]	[mɛpɪ'ɲiũ]	[mɛpɪ'ɲiũ]	[mɛpɪ'ɲiũ]	[mɛpɪ'ɲiũ]
2- Mana	[mã'ɲiũ]	[mã'ɲiũ]	[mã'ɲiũ]	[mã'ɲiũ]	[mã'ɲiũ]	[mã'ɲiũ]
3- Manha	[mãɲa'ziũ]	[mã'ɲiũ]	[mã'ɲiũ]	[mãɲa'ziũ]	[mãɲa'ziũ]	[mã'ɲiũ]
4- Pano	[pã'ɲiũ]	[pã'ɲiũ]	[pã'ɲiũ]	[pã'ɲiũ]	[pã'ɲiũ]	[pã'ɲiũ]
5- Cana	[kã'ɲiũ]	[kã'ɲiũ]	[kã'ɲiũ]	[kã'ɲiũ]	[kã'ɲiũ]	[kã'ɲiũ]
6- Cano	[kã'ɲiũ]	[kã'ɲiũ]	[kã'ɲiũ]	[kã'ɲiũ]	[kã'ɲiũ]	[kã'ɲiũ]
7- Humano	[umã'ɲiũ]	[umã'ɲiũ]	[umã'ɲiũ]	[umã'ɲiũ]	[umã'ɲiũ]	[umã'ɲiũ]
8- Aquariano	[akwɔɾiã'ɲiũ]	[akwɔɾiãnu'ziũ]	[akwɔɾiãnu'ziũ]	[akwɔɾiãnu'ziũ]	[akwɔɾiã'ɲiũ]	[akwɔɾiã'ɲiũ]
9- Goiano	[goiã'ɲiũ]	[goiã'ɲiũ]	[goiã'ɲiũ]	[goiã'ɲiũ]	[goiã'ɲiũ]	[goiã'ɲiũ]
10- Usina	[uzi'ɲiũ]	[uzi'ɲiũ]	[uzi'ɲiũ]	[uzi'ɲiũ]	[uzi'ɲiũ]	[uzi'ɲiũ]
11- Nicotina	[nikotʃi'ɲiũ]	[nikotʃi'ɲiũ]	[nikotʃina'ziũ]	[nikotʃina'ziũ]	[nikotʃi'ɲiũ]	[nikotʃi'ɲiũ]
12- Cortina	[kɔɾʃi'ɲiũ]	[kɔɾʃina'ziũ]	[kɔɾʃina'ziũ]	[kɔɾʃi'ɲiũ]	[kɔɾʃi'ɲiũ]	[kɔɾʃi'ɲiũ]
13- Dançarino	[dãsarɪnu'ziũ]	[dãsarɪnu'ziũ]	[dãsarɪnu'ziũ]	[dãsarɪnu'ziũ]	[dãsarɪ'ɲiũ]	[dãsarɪ'ɲiũ]
14- Nordestino	[nɔɾdeʃi'ɲiũ]	[nɔɾdeʃinu'ziũ]	[nɔɾdeʃinu'ziũ]	[nɔɾdeʃinu'ziũ]	[nɔɾdeʃi'ɲiũ]	[nɔɾdeʃi'ɲiũ]
15- Submarino	[subimɔɾinu'ziũ]	[subimɔɾinu'ziũ]	[subimɔɾinu'ziũ]	[subimɔɾi'ɲiũ]	[subimɔɾi'ɲiũ]	[subimɔɾi'ɲiũ]
16- Vegetariano	[vegetɔɾiãnu'ziũ]	[vegetɔɾiãnu'ziũ]	[vegetɔɾiãnu'ziũ]	[vegetɔɾiãnu'ziũ]	[vegetɔɾiã'ɲiũ]	[vegetɔɾiã'ɲiũ]

Transcrições das produções dos informantes masculinos com o ensino médio

Palavras com // (diminutivo)	MAX1	MAX2	MBX1	MBX2	MCX1	MCX2
1- Tala	[to'ɫiɔ]	[to'ɫiɔ]	[to'ɫiɔ]	[to'ɫiɔ]	[to'ɫiɔ]	[to'ɫiɔ]
2- Fila	[fi'ɫiɔ]	[fi'ɫiɔ]	[fi'ɫiɔ]	[fi'ɫiɔ]	[fi'ɫiɔ]	[fi'ɫiɔ]
3-Filha	[fi'ɫiɔ]	[fi'ɫiɔ]	[fi'ɫiɔ]	[fi'ɫiɔ]	[fi'ɫiɔ]	[fi'ɫiɔ]
4- Vela	[ve'ɫiɔ]	[ve'ɫiɔ]	[ve'ɫiɔ]	[ve'ɫiɔ]	[ve'ɫiɔ]	[ve'ɫiɔ]
5-Velha	[ve'ɫiɔ]	[ve'ɫiɔ]	[ve'ɫiɔ]	[ve'ɫiɔ]	[ve'ɫiɔ]	[ve'ɫiɔ]
6- Galo	[gɔ'ɫiɔ]	[gɔ'ɫiɔ]	[gɔ'ɫiɔ]	[gɔ'ɫiɔ]	[gɔ'ɫiɔ]	[gɔ'ɫiɔ]
7- Galho	[gɔ'ɫiɔ]	[gɔ'ɫiɔ]	[gɔ'ɫiɔ]	[gɔ'ɫiɔ]	[gɔ'ɫiɔ]	[gɔ'ɫiɔ]
8- Capela	[kɔpɛ'ɫiɔ]	[kɔpɛ'ɫiɔ]	[kɔpɛ'ɫiɔ]	[kɔpɛ'ɫiɔ]	[kɔpɛ'ɫiɔ]	[kɔpɛ'ɫiɔ]
9- Canela	[kãne'ɫiɔ]	[kãne'ɫiɔ]	[kãne'ɫiɔ]	[kãne'ɫiɔ]	[kãne'ɫiɔ]	[kãne'ɫiɔ]
10- Tabela	[toβe'ɫiɔ]	[toβe'ɫiɔ]	[toβe'ɫiɔ]	[toβe'ɫiɔ]	[toβe'ɫiɔ]	[toβe'ɫiɔ]
11- Castelo	[kɔʃte'ɫiɔ]	[kɔʃte'ɫiɔ]	[kɔʃte'ɫiɔ]	[kɔʃte'ɫiɔ]	[kɔʃte'ɫiɔ]	[kɔʃte'ɫiɔ]
12- Amarelo	[omɔɾɛlu'zɪu]	[omɔɾɛ'ɫiɔ]	[omɔɾɛ'ɫiɔ]	[omɔɾɛ'ɫiɔ]	[omɔɾɛ'ɫiɔ]	[omɔɾɛ'ɫiɔ]
13- Farelo	[foɾɛ'ɫiɔ]	[foɾɛ'ɫiɔ]	[foɾɛ'ɫiɔ]	[foɾɛ'ɫiɔ]	[foɾɛ'ɫiɔ]	[foɾɛ'ɫiɔ]
14- Cabelo	[kabe'ɫiɔ]	[kabe'ɫiɔ]	[kabe'ɫiɔ]	[kabe'ɫiɔ]	[kabe'ɫiɔ]	[kabe'ɫiɔ]
15- Flanela	[flãne'ɫiɔ]	[flãne'ɫiɔ]	[flãne'ɫiɔ]	[flãne'ɫiɔ]	[flãne'ɫiɔ]	[flãne'ɫiɔ]
16- Goela	[goɛ'ɫiɔ]	[goɛ'ɫiɔ]	[goɛla'zɪu]	[goɛ'ɫiɔ]	[gɔɛ'ɫiɔ]	[goɛ'ɫiɔ]
17- Janela	[jãne'ɫiɔ]	[jãne'ɫiɔ]	[jãnela'zɪu]	[jãne'ɫiɔ]	[jãne'ɫiɔ]	[jãne'ɫiɔ]
18- Cotovelo	[kotove'ɫiɔ]	[kotovelu'zɪu]	[kotovelu'zɪu]	[kotove'ɫiɔ]	[kotove'ɫiɔ]	[kotove'ɫiɔ]

Transcrições das produções dos informantes masculinos com o ensino médio

Palavras	MAX1	MAX2	MBX1	MBX2	MCX1	MCX2
Família	[fã'mi:liu]	[fã'mi:liu]	[fã'mi:liu]	[fã'mi:liu]	[fã'mi:liu]	[fã'mi:liu]
Família	[fã'mi:liu]	[fa'mi:liu]	[fa'mi:liu:]	[fã'mi:liu:]	[fa'mi:liu:]	[fã'mi:liu]
Brasília	[bra'zi:liu]	[bra'zi:liu]	[bra'zi:liu]	[bra'zi:liu]	[bra'zi:liu]	[bra'zi:liu]
Brasília	[bra'zi:liu:]	[bra'zi:liu]	[bra'zi:liu:]	[bra'zi:liu:]	[bra'zi:liu:]	[bra'zi:liu]

Transcrições das produções das informantes femininas com o ensino superior

Palavras com /t/	FAY1	FAY2	FBY1	FBY2	FCY1	FCY2
1- Tigre	[ˈtʃigri]	[ˈtʃigri]	[ˈtʃigri]	[ˈtʃigri]	[ˈtʃigri]	[ˈtʃigri]
2- Tigela	[pətʃiu]	[tʃiˈzeɪɒ]	[tʃiˈzeɪɒ]	[tʃiˈzeɪɒ]	[tʃiˈzeɪɒ]	[tʃiˈzeɪɒ]
3- Thiago	[tʃiaˈgĩu]	[tʃiaˈgĩu]	[tʃiaˈgĩu]	[tʃiaˈgĩu]	x	[tʃiaˈgĩu]
4- Tijolo	[tʃiˈzolu]	[tʃiˈzolu]	[tʃiˈzolu]	[tʃiˈzolu]	[tʃiˈzolu]	[tʃiˈzolu]
5- Tijuca	[tʃiˈzuko]	[tʃiˈzuko]	[tʃiˈzuko]	[tʃiˈzuko]	[tʃiˈzuko]	[tʃiˈzuko]
6- Botijão	[botʃiˈzãu]	[butʃiˈza]	[boˈtʃizɒ]	[botʃiˈzãu]	[butʃiˈzãu]	[botʃiˈzãu]
7- Leite	[lejˈtʃi]	[lejˈtʃi]	[lejˈtʃi]	[lejˈtʃi]	[lejˈtʃi]	[lejˈtʃi]
8- Teatro	[tʃiˈatru]	[tʃiˈatru]	[teˈatru]	[tʃiˈatru]	[teˈatru]	[tʃiˈatru]
9- Batida	[baˈtʃido]	[baˈtʃido]	[baˈtʃido]	[baˈtʃido]	[baˈtʃido]	[baˈtʃido]
10- Atingir	[aˈtʃĩziu]	[aˈtʃĩziu]	[aˈtʃĩziu]	[aˈtʃĩziu]	[aˈtʃĩziu]	[aˈtʃĩziu]
11- Latido	[laˈtʃidu]	[laˈtʃidu]	[laˈtʃidu]	[laˈtʃih]	[laˈtʃidu]	[laˈtʃidu]
12- Patife	[paˈtʃifi]	[paˈtʃifi]	[paˈtʃifi]	[paˈtʃifi]	[paˈtʃifi]	[paˈtʃifi]
13- Ética	[ˈetʃiko]	[ˈetʃiko]	[ˈetʃiko]	[ˈetʃiko]	[ˈetʃiko]	[ˈetʃiko]
14- Etilico	[eˈtʃiˌiiku]	[eˈtʃiˌiiku]	[eˌiitʃiku]	[eˈtʃiˌiiku]	[eˈtʃiˌiiku]	[eˈtʃiˌiiku]
15- Ótimo	[ˈɔtʃimu]	[ˈɔtʃimu]	[ˈɔtʃimu]	[ˈɔtʃimu]	[ˈɔtʃimu]	[ˈɔtʃimu]
16- Útil	[ˈutʃju]	[ˈutʃju]	[ˈutʃju]	[ˈutʃju]	[ˈutʃju]	[ˈutʃju]
17- Atmosfera	x	[atʃimɔˈferɒ]	[atʃimɔsˈferɒ]	[atʃimɔˈferɒ]	x	x
18- Caatinga	[kaˈtʃigo]	x	x	[kaˈtʃigo]	[kaˈtʃigo]	[kaˈtʃigo]
19- Intimação	[itʃimaˈsãu]	[itʃimaˈsãu]	[itʃimaˈsãu]	[itʃimaˈsãu]	x	[itʃimaˈsãu]
20- Atirar	[atʃiˈra]	[atʃiˈrah]	[atʃiˈra]	[atʃiˈra]	[atʃiˈrah]	[atʃiˈrah]

Transcrições das produções das informantes femininas com o ensino superior

Palavras com /l/	FAY1	FAY2	FBY1	FBY2	FCY1	FCY2
1- Livro	['livru]	['livru]	['livru]	['livru]	['livru]	['livru]
2- Linha	['liŋo]	['liŋo]	['liŋo]	['liŋo]	['liŋo]	['liŋo]
3- Lírio	['li:z]	x	['li:riu]	['li:riu]	['li:riu]	['li:riu]
4- Lista	['liʃto]	['liʃto]	['liʃto]	['liʃto]	['liʃto]	['liʃto]
5- Alice	[a'lisi]	[a'lisi]	[a'lisi]	[a'lisi]	[a'lisi]	[a'lisi]
6- Baliza	[ba'li:zo]	[ba'li:zo]	[ba'li:zo]	[ba'li:zo]	[ba'li:zo]	[ba'li:zo]
7- Palito	[pa'litu]	[pa'litu]	[pa'litu]	[pa'litu]	[pa'litu]	[pa'litu]
8- Boliche	[bo'liʃi]	[bo'liʃi]	[bo'liʃi]	[bo'liʃi]	x	x
9- Ilícito	[i'lisitu]	[i'lisitu]	[i'lisitus]	[i'lisitu]	[i'lisitu]	[i'lisitu]
10- Cilíndrico	[si'lidriku]	[si'lidriku]	[si'lidriku]	[si'lidriku]	[si'lidriku]	[si'lidriku]
11- Política	[pu'litʃiko]	[po'litʃiko]	[po'litʃiko]	[pu'litʃiko]	[pu'litʃiko]	[po'litʃiko]
12- Delícia	[de'lisjo]	[de'lisjo]	[de'lisjo]	[de'lisjo]	[de'lisjo]	[de'lisjo]
13- Helicóptero	[e.li'kopiteru]	[e.li'kopiteru]	[e.li'kopiteru]	[e.li'kopiteru]	[e.li'kopiteru]	[e.li'kopiteru]
14- Alicata	[a.li'katʃi]	[a.li'katʃi]	[a.li'katʃi]	[a.li'katʃi]	[a.li'katʃi]	[a.li'katʃi]
15- Militar	[mi.li'tah]	[mi.li'ta]	[mi.li'tah]	[mi.li'tah]	[mi.li'tah]	[mi.li'ta]
16- Eliminar	[e.li'mina'rũ]	[e.li'mina'rũ]	[e.li'mina'rũ]	[e.li'mina'rũ]	[e.li'mi'na]	[e.li'mi'na]
17- Cálice	['ka:lisi]	['ka:lisi]	['ka:lisi]	['ka:lisi]	['ka:lisi]	['ka:lisi]
18- Pele	['pe:li]	['pe:li]	['pe:li]	['pe:li]	['pe:li]	['pe:li]
19- Cólica	['ko:liko]	['ko:liko]	['ko:liko]	['ko:liko]	['ko:liko]	['ko:liko]
20- Cílio	['si:liu]	['si:liu]	['si:liu]	['si:lius]	['si:liu]	['si:liu]

Transcrições das produções das informantes femininas com o ensino superior

Palavras com /n/ (diminutivo)	FAY1	FAY2	FBY1	FBY2	FCY1	FCY2
1- Menino	[meɲi'niũ]	[meɲi'niũ]	[meɲi'niũ]	[meɲi'niũ]	[meɲi'niũ]	[meɲi'niũ]
2- Mana	[mã'niũ]	[mã'niũ]	[mã'niũ]	[mã'niũ]	[mã'niũ]	[mã'niũ]
3- Manha	[mã'niũ]	[mãɲa'ziũ]	[mã'niũ]	[mã'niũ]	[mã'niũ]	[mãɲa'ziũ]
4- Pano	[pã'niũ]	[pã'niũ]	[pã'niũ]	[pã'niũ]	[pã'niũ]	[pã'niũ]
5- Cana	[kã'niũ]	[kãna'ziũ]	[kã'niũ]	[kã'niũ]	[kã'niũ]	[kã'niũ]
6- Cano	[kã'niũ]	[kã'niũ]	[kã'niũ]	[kã'niũ]	[kã'niũ]	[kã'niũ]
7- Humano	[umã'niũ]	[umã'niũ]	[umã'niũ]	[umã'niũ]	[umã'niũ]	[umã'niũ]
8- Aquariano	[akwɔriã'niũ]	[akwɔriã'niũ]	[aɾiã'niũ]	[akwɔriã'niũ]	[akwɔriã'niũ]	[akwɔriã'niũ]
9- Goiano	[goiã'niũ]	[goiã'niũ]	[goiã'niũ]	[goiã'niũ]	[goiã'niũ]	[goiã'niũ]
10- Usina	[uzi'niũ]	[uzi'niũ]	[uzi'niũ]	[uzi'niũ]	[uzi'niũ]	[uzi'niũ]
11- Nicotina	[nikotʃi'niũ]	[nikotʃi'niũ]	[nikotʃi'niũ]	[nikotʃi'niũ]	[nikotʃi'niũ]	[nikotʃi'niũ]
12- Cortina	[kɔɾʃi'niũ]	[kɔɾʃina'ziũ]	[kɔɾʃi'niũ]	[kɔɾʃi'niũ]	[kɔɾʃi'niũ]	[kɔɾʃi'niũ]
13- Dançarino	[dãsaɾi'niũ]	[dãsaɾinu'ziũ]	[dãsaɾi'niũ]	[dãsaɾinu'ziũ]	[dãsaɾi'niũ]	[dãsaɾi'niũ]
14- Nordeste	[nɔɾde'ʃi'niũ]	[nɔɾde'ʃinu'ziũ]	[nɔɾde'ʃi'niũ]	[nɔɾde'ʃi'niũ]	[nɔɾde'ʃi'niũ]	[nɔɾde'ʃi'niũ]
15- Submarino	[subimɔɾi'niũ]	[subimɔɾinu'ziũ]	[subimɔɾi'niũ]	[subimɔɾinu'ziũ]	[subimɔɾi'niũ]	[subimɔɾinu'ziũ]
16- Vegetariano	[vegetɔriã'niũ]	[vegetɔriãnu'ziũ]	[vegetɔriãnu'ziũ]	[vegetɔriã'niũ]	[vegetɔriã'niũ]	[vegetɔriãnu'ziũ]

Transcrições das produções das informantes femininas com o ensino superior

Palavras	FAY1	FAY2	FBY1	FBY2	FCY1	FCY2
Família	[fã'mi:liu]	[fã'mi:liu]	[fã'mi:liu]	[fã'mi:liu]	[fã'mi:liu]	[fã'mi:liu]
Familha	[fã'mi:lu]	[fa'mi:lu:]	[fã'mi:lu]	[fa'mi:lu:]	[fa'mi:lu]	[fa'mi:lu:]
Brasília	[bra'zi:liu]	[bra'zi:liu]	[bra'zi:liu]	[bra'zi:lu]	[bra'zi:liu]	[bra'zi:liu]
Brasilha	[bra'zi:lu]	[bra'zi:lu:]	[bra'zi:lu]	[bra'zi:lu:]	[bra'zi:lu]	[bra'zi:lu:]

Transcrições das produções das informantes femininas com o ensino superior

Palavras /k/ e /g/	FAY1	FAY2	FBY1	FBY2	FCY1	FCY2
1- Paca	[pa'kĩõ]	[pa'kĩõ]	[pa'kĩõ]	[pa'kĩõ]	[pa'kĩõ]	[pa'kĩõ]
2- Placa	[pla'kĩõ]	[pla'kĩõ]	[pla'kĩõ]	[pla'kĩõ]	[pla'kĩõ]	[pla'kĩõ]
3- Panaca	[pãna'kĩõ]	[pãna'kĩõ]	x	[pãna'kĩõ]	[pãna'kĩõ]	[pãna'kĩõ]
4- Logo	[lo'gĩũ]	[lo'gĩũ]	[lo'gĩũ]	[lo'gĩũ]	[lo'gĩũ]	[lo'gĩũ]
5- Lago	[la'gĩũ]	[la'gĩũ]	[la'gĩũ]	[la'gĩũ]	[la'gĩũ]	[la'gĩũ]
6- Água	[a'guĩõ]	[a'guĩõ]	[a'guĩõ]	[a'guĩõ]	[a'guĩõ]	[a'guĩõ]
7- Liga	[lí'gĩõ]	[lí'gĩõ]	[lí'gĩõ]	[lí'gĩõ]	[lí'gĩõ]	[lí'gĩõ]
8- Chegar	x	[ʃe'gĩõ]	[ʃego'dʒĩũ]	x	x	[ʃega'dʒĩõ]
9- Alga	[au'gĩõ]	[au'mĩõ]	[auga'zĩõ]	[au'gĩõ]	[au'gĩõ]	[au'gĩõ]
10- Amiga	[ami'gĩõ]	[ami'gĩõ]	x	[ami'gĩõ]	[ami'gĩõ]	[ami'gĩõ]
11- Amigo	[ami'gĩũ]	[ami'gĩũ]	[ami'gĩũ]	[ami'gĩũ]	[ami'gĩũ]	[ami'gĩũ]
12- Pinga	[pi'gĩõ]	[pi'gĩõ]	[pi'gĩũ]	[pi'gĩũ]	[pi'gĩũ]	[pi'gĩõ]
13- Briga	[bri'gĩõ]	[bri'gĩõ]	[bri'gĩõ]	[bri'gĩõ]	[bri'gĩõ]	[bri'gĩõ]
14- Bexiga	[beʃi'gĩõ]	[beʃi'gĩõ]	[beʃi'gĩõ]	[beʃi'gĩõ]	[beʃi'gĩõ]	[beʃi'gĩõ]
15- Barriga	[bari'gĩõ]	[bari'gĩõ]	[bari'gĩõ]	[bari'gĩõ]	[bari'gĩõ]	[bari'gĩõ]
16- Piqui	[pi'kĩũ]	[pi'kĩũ]	[pi'kĩũ]	[piki'zĩũ]	[pikui'zĩũ]	[piki'pĩũ]
17- Pico	[pico'ĩũ]	[pi'kĩũ]	[pi'kĩõ]	[pico'zĩũ]	[pi'kĩũ]	[pi'kĩũ]
18- Nanico	[nãpi'kĩũ]	[nãpi'kĩũ]	[nãpi'kĩũ]	[nãpi'kĩũ]	[nãpi'kĩũ]	[nãpi'kĩũ]
19- África	[afrika'zĩõ]	[afri'kĩõ]	x	[afrika'zĩõ]	[afri'kĩõ]	[afri'kĩõ]
20- Bico	[bi'kĩũ]	[bi'kĩũ]	[blo'kĩũ]	[bi'kĩũ]	[bi'kĩũ]	[bi'kĩũ]

Transcrições das produções dos informantes masculinos com o ensino superior

Palavras com /t/	MAY1	MAY2	MBY1	MBY2	MCY1	MCY2
1- Tigre	[ˈtʃigri]	[ˈtʃigri]	[ˈtʃigri]	[ˈtʃigri]	[ˈtʃigri]	[ˈtʃigri]
2- Tigela	x	[ˈpɔtʃi]	[kũˈbuko]	[tʃiˈzɛlɔ]	[tʃiˈzɛlɔ]	x
3- Thiago	[tʃiaˈgĩu]	[tʃiaˈgĩu]	[tʃiaˈgĩu]	[tʃiaˈgĩu]	[tʃiaˈgĩu]	x
4- Tijolo	[tʃiˈzolu]	[tʃiˈzolu]	[tʃiˈzolu]	[tʃiˈzolu]	[tʃiˈzolu]	[tʃiˈzolu]
5- Tijuca	[tʃiˈzuko]	[tʃiˈzuko]	[tʃiˈzuko]	[tʃiˈzuko]	[tʃiˈzuko]	[tʃiˈzuko]
6- Botijão	[botʃiˈzãu]	[butʃiˈzãu]	[butʃiˈzãu]	[butʃiˈzãu]	[botʃiˈzãu]	[butʃiˈzãu]
7- Leite	[lejˈtʃi]	[lejˈtʃi]	[lejˈtʃi]	[lejˈtʃi]	[lejˈtʃi]	[lejˈtʃi]
8- Teatro	[tʃiˈatru]	[tʃiˈatru]	[tʃiˈatru]	[tʃiˈatru]	[tʃeˈatru]	[tʃiˈatru]
9- Batida	[baˈtʃido]	[baˈtʃido]	[baˈtʃido]	[baˈtʃido]	[baˈtʃido]	[baˈtʃido]
10- Atingir	[aˈtʃĩziu]	[aˈtʃĩziu]	[aˈtʃĩziu]	[aˈtʃĩziu]	[aˈtʃĩziu]	[aˈtʃĩziu]
11- Latido	[laˈtʃidu]	[laˈtʃidu]	[laˈtʃidu]	[laˈtʃidu]	[laˈtʃidu]	[laˈtʃidu]
12- Patife	[paˈtʃifi]	[paˈtʃifi]	[paˈtʃifi]	[paˈtʃifi]	[paˈtʃifi]	[paˈtʃifi]
13- Ética	[ˈetʃiko]	[ˈetʃiko]	[ˈetʃiko]	[ˈetʃiko]	[ˈetʃiko]	[ˈetʃiko]
14- Etilíco	[eˈtʃiˌliku]	[eˈtʃiˌliku]	[eˈˌitʃiku]	[eˈtʃiˌliku]	[eˈtʃiˌliku]	[eˈtʃiˌliku]
15- Ótimo	[ˈɔtʃimu]	[ˈɔtʃimu]	[ˈɔtʃimu]	[ˈɔtʃimu]	[ˈɔtʃimu]	[ˈɔtʃimu]
16- Útil	[ˈutʃju]	[ˈutʃju]	[ˈutʃju]	[ˈutʃju]	[ˈutʃju]	[ˈutʃju]
17- Atmosfera	[atʃimɔˈferɔ]	x	[atʃimɔˈferɔ]	[atʃimɔˈferɔ]	[atʃimɔˈferɔ]	[atʃimɔˈferɔ]
18- Caatinga	[kaˈtʃigo]	[kaˈtʃigo]	[kaˈtʃigo]	[kaˈtʃigo]	[kaˈtʃigo]	[kaˈtʃigo]
19- Intimação	[itʃimaˈsãu]	[itʃimaˈsãu]	[itʃimaˈsãu]	[itʃimaˈsãu]	[itʃimaˈsãu]	[itʃimaˈsãu]
20- Atirar	[atʃiˈrah]	[atʃiˈrah]	[atʃiˈrah]	[ˈtʃiru]	[atʃiˈrah]	[aˈtʃiru]

Transcrições das produções dos informantes masculinos com o ensino superior

Palavras com // (diminutivo)	MAY1	MAY2	MBY1	MBY2	MCY1	MCY2
1- Tala	[to'liu]	[to'liu]	[to'liu]	[to'liu]	[to'liu]	[to'liu]
2- Fila	[fi'liu]	[fi'liu]	[fi'liu]	[fi'liu]	[fi'liu]	[fi'liu]
3-Filha	[fi'liu]	[fi'liu]	[fi'liu]	[fi'liu]	[fi'liu]	[fi'liu]
4- Vela	[ve'liu]	[ve'liu]	[ve'liu]	[ve'liu]	[ve'liu]	[ve'liu]
5-Velha	[ve'liu]	[ve'liu'ziu]	[ve'liu]	[ve'liu]	[ve'liu]	[ve'liu]
6- Galo	[go'liu]	[go'liu]	[go'liu]	[go'liu]	[go'liu]	[go'liu'ziu]
7- Galho	[go'liu'ziu]	[go'liu'ziu]	[go'liu]	[go'liu'po]	[go'liu]	[go'liu'ziu]
8- Capela	[kape'liu]	[kape'liu]	[kape'liu]	[kape'liu]	[kape'liu]	[kape'liu'ziu]
9- Canela	[kone'liu]	[kãne'liu]	[kone'liu]	[kãne'liu]	[kone'liu]	[kone'liu'ziu]
10- Tabela	[tobe'liu]	[tobe'liu]	[tobe'liu]	[tobe'liu]	[tobe'liu]	[tobe'liu]
11- Castelo	[ko]te'liu]	[ko]te'liu]	[ko]te'liu]	[ko]te'liu]	[ko]te'liu]	[ko]te'liu]
12- Amarelo	[omore'liu]	[omore'liu]	[omore'liu]	[omore'liu]	[omore'liu]	[omore'liu]
13- Farelo	[fore'liu]	[fore'liu]	[fore'liu]	[fore'liu]	[fore'liu]	[fore'liu'ziu]
14- Cabelo	[kabe'liu]	[kabe'liu]	[kabe'liu]	[kabe'liu]	[kabe'liu]	[kabe'liu]
15- Flanela	[flãne'liu]	[flãne'liu]	[flane'liu]	[flãne'liu]	[flãne'liu]	[flãne'liu'ziu]
16- Goela	[goe'liu]	[goe'liu]	[gue'liu]	[gue'liu]	[goe'liu]	[goe'liu'ziu]
17- Janela	[jäne'liu]	[jäne'liu]	[jäne'liu]	[jäne'liu]	[jane'liu]	[jäne'liu'ziu]
18- Cotovelo	[kotove'liu]	[kotove'liu]	[kotove'liu'ziu]	[kutuve'liu]	[kotove'liu]	[kotove'liu'ziu]

FICHA DO INFORMANTE

Nome:

Gênero (sexo): Idade:

Local de Nascimento:

Estado Civil:

Escolaridade:

Morou sempre no local? () Sim () Não Onde?

Quanto tempo?

Outros domicílios:

Profissão:

Outras Atividades:

Aparelho Fonador: () Bom () Com problemas Qual?

Características Psicológicas: () Nervoso () Tranquilo () Espontâneo

Naturalidade da Mãe:

Naturalidade do Pai:

Naturalidade do Cônjuge:

Viagens: () No Amazonas () Outros estados

Quais municípios do Amazonas conhece?

Quais outros estados/países conhece?